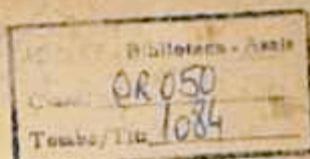


REVISTA DO BRASIL



SUMMARIO

REDACÇÃO	O momento.	1
PANDIA' CALOGERAS	A Independencia	3
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XIV).	12
MONTEIRO LOBATO.	O espião allemão	22
GUSTAVO TEIXEIRA.	Versos	33
V. DE P. VICENTE DE AZEVEDO	O roubo da Cruz Preta	38
RODRIGO OCTAVIO FILHO	O salão de 1919	44
ALBERTO RANGEL	Carrilhão de symbolos	52
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	56
ARTHUR MOTTA	Academia Brasileira de Letras	64
REDACÇÃO	Bibliographia	72
	Resenha do Mez	78

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 45 - ANNO IV — VOL. XII — SETEMBRO 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil

20301



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Academia Brasileira de Letras - Minas e o parecer do sr. Cincinnati Braga - JORNAES E REVISTAS: Eduardo Prado (*Miguel Mello*) - O saneamento da Imprensa (*A Chateaubriand*) - Revisão e revisores (*P.*) - Por Guanabara (*Filinto de Almeida*) - Sobre o tratado de paz (*José Maria Bello*) - Bilac (*João Pinto da Silva*) - Pedro I, musico (*Gastão Penalva*) - HOMENS E COISAS DO ESTRANGEIRO: Impressões de Paris (*Afonso Lopes de Almeida*) VARIEDADES: A coragem dos animaes - A causa da derrota alleman - A idade da terra - Shakespeare e a immortalidade,

ILLUSTRAÇÕES: Quadros do salão de 1919.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 1\$5000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 . SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

Etablissements

Bloch

:: Societé
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Río de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévisse

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Móveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,

Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 **S. PAULO**
Av. São João N. 18 e 20
Canto Libero Badaró

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Miracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Agua Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é esrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevideo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO



ARTIGOS DE FANTASIAS

*Casa especialista em
artigos para Presentes
de Casamentos e de
Aniversarios :: ::*



*Exposição permanente
nos vastos salões do
1.º andar da casa :: ::*



: CASA FRANCEZA : DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA SÃO BENTO 89 e 91 :: SÃO PAULO

RECEBE SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES
:: VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

Casa Matriz em
PARIS

Casa de Compras em
NEW-YORK



REVISTA DO BRASIL

Setembro, 1919.

O Momento ...

Viajante recém-chegado dos sertões do norte, e já conhecedor daquellas paragens conta, entristecido, a decrepidez profunda das cidades sertanejas. A miseria cada vez maior. Povoados outr'ora prosperos, em completa ruina. Criança, creadas nu'as até aos dez annos, e semi-nu's vivendo os adultos. Meninas nubeis cujas unicas vestes são um frangalho de saióte curto. A vida social transformada num violento regimen de banditismo. Os grandes criminosos ligados aos governos centraes, transformados pela politica em coroneis, e dominando na sociedade como sôbas africanos. O seu prestigio sempre proporcional ao numero de cangaceiros em regimento. Não vigoram ali as leis, mas unicamente o capricho boçal e cruel. Peiores do que a peste, elles eternizam a lucta a mão armada entre familias, a pilhagem, a destruição systematica do vencido.

Os governos estaduaes, fracos, mal organizados, fallidos, sem meios de mettel-os na cadeia fazem-n'os seus aliados, e, em divorcio absoluto com a lei e a moral, acabam, muitas vezes, esteiando-se exclusivamente nos clavinoses facinorosos.

Ao lado desse horrivel aspecto social o aspecto economico não menos contristador. Tudo em descabro, as fazendas em declinio, as culturas em atrophia, a criação destrozada. E destrozada tambem a terra pela vaga annual do fogo pae do deserto.

A causa de tantos males? A politica. A politica parasitaria do percevejo, as administrações flagelantes, a ausencia completa de justiça, o máu governo, em summa.

Isso explica a nossa fraqueza como paiz, paiz immenso que não produz e não enriquece. Descontadas as areas fe-

lizes do sul, onde um conjuncto de cõrrecções favoráveis attrahiu a immigração estrangeira e creou um relativo progresso, o resto do Brasil é uma pura calamidade.

Não ha mal que sempre dure, diz o dictado; mas ha males que duram demais, diz a paciencia do povo. Está durando demais, entre nós, esse mal horroroso da politica pilharenga, e para elle não ha remedio dentro da nossa absurda constituição. Só poderá combatel-o um homem de genio, o homem-heroe de Carlyle, o homem providencial que surge cá e lá, de seculo em seculo. Mas estes super-homens não viçam nos tempos de calmaire podre. Só os revela a revolução. O genio organizador de Bonaparte não teria plasmado a Europa se o 89 francez lhe não fecundasse, na Corsega, a genialidade latente. Sem isso Napoleão acabaria um general burocrata como os outros. As revoluções valem menos pelos resultados directos que pelos indirectos. Valem sobretudo pelos homens que sem o querer revelam. E' por intermedio desses homens de excepção que o progresso humano se faz. Só elles tem força para nortear os destinos da humanidade, imprimindo-lhes directrizes novas.

Sem que a revolução arraze as situações encru'adas e varra o terreno dos escombros não ha construcção nova possível. Tudo será, em predio velho, remendo transitorio, paliativo.

O caso brasileiro dá bem medida disso. Dentro das fórmas estabelecidas, por maior que seja sua boa vontade e sua energia, nenhum governo fará nunca coisa nenhuma.

E' mister que um terremoto social arraze o mau pardi-eiro construido em 89 e convulsione tudo para que o instincto de conservação da nacionalidade faça subir á scena o homem por quem sonhamos. Só elle, emanação suprema da raça, poderá fazer o que é preciso fazer, á força, com manoplas de genio, ao modo napoleonico.

Fóra disso tudo é empalliar.





A INDEPENDENCIA

Estas paginas figuram como o Capitulo I. numa obra de grande folego que, sobre a Independencia do Brasil e o respectivo reconhecimento pelos governos de Europa e do Novo-Mundo, o Sr. Pandiá Calogeras, antigo Ministro da Fazenda e actual Ministro da Guerra vae em brece publicar.

I - O movimento libertario na America do Sul



GERALMENTE acceto é o parecer de que a independencia americana, considerada em conjuncto, nada mais é de que a separação natural, por scissiparidade, de organismos perfectos, ou, pelo menos, aptos a viverem sobre si, das matrizes onde se haviam formado. Fructos maduros a separarem-se das arvores.

De facto, certos indicios e tendencias parece confirmarem o asserto. Corresponde ás exigencias da vida proporcionar remedio ao reclamo da molestia. Esse, tanto quanto o isolamento dos primeiros aggremiados humanos, o motivo que explica o particularismo de certos povos, o espirito local, as relações limitadas ao cyclo dos individuos indispensaveis a determinadas necessidades. Mas tarde, com o ponto de vista já elevado acima da conveniencia do grupo immediato, alarga-se o horizonte e abrange a estirpe inteira, a raça. Mas, já então, a unidade inicial soffre, e o conceito mais amplo opprime e estiola o surto da circumscripção inferior.

As luctas entre esses dous estados de espirito, correlatos a factos politicos — o interesse geral, quando não o universal, e o interesse particular, explicam muitas revoltas e tentativas emancipadoras. Serenaram pelo triumpho, mais óu menos permanente, de um delles, ou pelo advento de um phenomeno mental novo: o poder conciliador, por subordinações graduadas, as exigencias divergentes.

A perspectiva politica ensinou a integrar essas differencias em uma formula unica — a federação —, de latitude variavel conforme o gráo e a natureza dos factores em presença, desde a simples devolução de limitados encargos ás communas, como em França, até ao quasi imperceptivel laço unional das grandes *commonwealths* que a Inglaterra instituiu opportunamente, afim de evitar o esphacelo do seu dominio colonial.

Desde fins do seculo XVIII, na America inteira exerceu real influxo a força centrifuga, tendendo a desannexar metropoles e colonias. Offerecia, entretanto, duas modalidades em suas manifestações. Ou era uma aggremação, já maior, que sentia a capacidade de se reger por si, e foi o caso dos Estados Unidos; ou era uma vasta extensão territorial, explorada pelo possuidor ultramarino, sem meios de se desenvolver, peiada, e na qual soffrimento e desprezo de suas mais justas aspirações de vida e de progresso faziam romper liames de dependencia; e esse foi o caso da Sul-America, em matizes quantitativos varios. Nesse sentido, realmente, houve um aspecto generico na independencia do novo continente colonizado por povos da Península Iberica, accrescido do impulso que deram a philosophia franceza dos Encyclopedistas e o exemplo Norte-americano. Ahi, porém, cessam as similhanças. Despparece o coeficiente commum e começam as divergencias. E não exaggera quem diz, mais do que as pareenças, avultarem os contrastes.

Quasi que de todos os pontos do horizonte surgem factores de disparidade: raças, modos de conquistar, faina propria dos colonos, mentalidade oriunda dessas feições sociaes, relações entre metropoles e seus dominios de além-mar. Cumpre investigal-os para comprehender, intrinsecamente, cada um dos grandes movimentos separatistas que, de 1809 a 1824, crearam as unidades politicas em que, com pequenas alterações, se subdivide a America Latina de hoje.

A estratificação ethnica que se elaborou ao Sul dos Pyreneos, sob o influxo do elemento autochtone e das alluções raciaes trazidas pelas successivas invasões, latinas, germanicas, semiticas e outras, não permittiu se formasse



um typo iberico unico. Antes favoreceu a particularização regional, que ainda hoje predomina na Hespanha.

Fôra bastante forte, a Oeste, para permittir a separação definitiva de Portugal, desde o seculo XI, nunca mais absorvido na lenta, mas incessante, obra politica de amalgamação que culminou, quatro seculos depois, na reunião de Castella e de Aragão sob uma corôa unica, e na expulsão do Mouro para a costa africana. Politicamente una, embora ethnicamente retalhada, a Hespanha em breve o seria tambem em sua mentalidade publica, duramente esculpida a ferro e fogo pelas luctas em que porfiou firmar-se, e se firmou vencedora a unidade religiosa do paiz.

Quando, pelo desdobrar dos acontecimentos, Flandres, Borgonha, Imperio Germanico e parte da Italia tiveram de obedecer ao rei de Hespanha, e, ao desencadear-se a tempestade da Reforma, se collocou esse soberano como campeão da orthodoxia, nem só o facto de possuir dominios onde o sol nunca se deitava, como a propria universalidade immanente do Catholicismo, obrigaram o Defensor da Fé a pautar seus actos no mesmo sonho ecumenico. A Casa d'Austria, dentro em breve, traduziria seu anhelos no orgulhoso A. E. I. O. U., *Austrlae est imperare orbi universo*.

Perante magnitude tanta, apoucada figura faria o reino de Portugal. Infinitamente menor; população restricta; recursos parcos; sem galeões a lhe trazerem rendimentos das minas do littoral Pacifico e das do Golfo do Mexico; obvio que sua acção, ante a castelhana, se tornaria menos energica, menos capaz de se fazer sentir em largo ambito. E, principalmente, o prestigio lusitano, tão minguado em confronto com o da corôa dos Philippes, nunca permittiria nas colonias respectivas autoridade tão completa, centralização igual á que Madrid poderia exercer sobre suas possessões mais alongadas.

Hespanha, forte e poderosa, imporja a regra. Portugal, pequeno e desfallecido, fatalmente haveria de contar com a collaboração das suas provincias de ultramar, e tanto mais, quanto maiores estas. Premio dado, portanto, a sua progressiva emancipação.

Egual differença se nota no modo por que se effectuou o senhoreio do solo.

Sellecção natural de aventureiros, audaciosos, sem escrupulos, sedentos de riquezas, irradiavam das Antilhas, e do Mexico se espraiavam té ao Cabo Horn, em sua marcha destemida propellidos pelo descobrir de thesouros cada vez mais ricos, em meio de populações inermes, que já conhe-



ciam e utilizavam os metaes preciosos. Tal foi a invasão hespanhola.

Feita a conquista, desde logo aproveitados os haveres mineraes do solo, arrancados a seus pacificos habitantes, o pugillo de bandidos heroicos, que haviam grangeado um mundo novo para os Soberanos Catholicos, viram sancionada e legalizada sua obra. Firmaram-se as linhas, nunca mais alteradas, da occupação do Mexico, do littoral do Pacifico e do Mar Caribeo, assim como as de seu aproveitamento.

A' unidade de methodo do Governo metropolitano, centralizador e compressor, vinham juntar-se a unidade de exploração regional e o exclusivismo do esforço local, favoreado como o unico digno de auxilio pelos resultados produzidos. A propria exploração de jazidas, emquanto na phase das pesquisas e da devassa do territorio, era dispersiva e levava os interessados a percorrerem, de Norte a Sul, o planalto central e as vertentes Andinas do Pacifico. Mas, descobertas as minas perennemente productivas, a mesma lavrança agia como factor de estabilidade e provava um condensador da população em torno dos centros de trabalho.

Condições desfavoraveis para o progresso, admittido como passagem do homogeneo para o heterogeneo, essas que immobilizavam quadros directores, actividade dos dirigidos, aproveitamento do meio. Invariabilidade imposta aos homens e ás cousas.

Muito a contrarjo, na vertente Atlantica nenhuns haveres preciosos se ostentavam, por mais procurados que fossem. Ao invés de indigenas cultos, habeis no conhecimento e no trabalho dos metaes, vagueavam pelas costas e breñhas tribus atrazadas, em plena idade da pedra, que nem sequer comprehendiam as perguntas dos forasteiros sobre ouro e prata, e a estes tomavam por pedras coloridas.

Não pagava, pois, a nova terra os gastos de seu aproveitamento. Menos encheria para Portugal frotas de metal precioso, quaes as que enriqueciam a Corõa Hespanhola, a par dos audazes quadrilheiros castelhanos.

A necessidade de organizar a conquista, em que, apesar de tudo, se não desesperava de achar thesouros, pois «o Oriente sempre é mais nobre do que o Occidente», affirmava a convicção da epocha, e, portanto, os melhores e mais abundantes riquezas se encontrariam nas terras descobertas por Pedr'Alvares; tal necessidade, repetimos levava a Metropole lusitana a dar feição administrativa aos instrumen-



tos de colonização do solo, de utilização das poucas fontes de réditos, achadas no páu-brasil.

Mas as donatarias primitivas em que se dividiu o litoral, na terceira década do século XVI, assim como as capitâncias régias que lhes succederam, maugrado o plano inicial, exigiam para medrar esforços desconhecidos nas possessões hespanholas.

A costa occidental, aspera e batida por mares bravios, poucos portos seguros offercia aos veleiros de então. A actividade mineradora exercia-se longe da orla litoranea. Duas garantias, pois, contra as tentativas de aggressão estrangeira e as empresas de corsarios e entrelopos, além da que lhe concedia a maior distancia a percorrer, dobrado o Cabo Horn ou transpostos os meandros complicados e perigosissimos do Estreito de Magalhães. Melhor empreendimento e menos aleatorio era esperar e apresiar os galeões da frota das Indias, já proximos dos portos de destino europeus.

A beirada do Atlantico meridional, em aguas incomparavelmente mais mansas, offercia quasi interminas praias hospitaleiras, providas de agua doce, de madeiras, de pescado e de caça, onde podiam ao seguro desembarcar, para refrescarem, os tripolantes de quaesquer náus. Eram facilidades multiplicadas a todas as tentativas dessa ordem. E com o premio de, na propria faixa senhoreada, achar-se o páu-brasil cobiçado, objecto de largo consumo na Europa, pago, portanto, da mesma expedição conquistadora.

Para conservar sua colonia, manter o monopolio régio da madeira tinctorial, foi condição vital uma actividade guerreira continua, nos mares e ao longo das costas.

Em pleno oceano e em suas dependencias, campeavam o corso e sua repressão, com todo o cortejo de brutezas, de tomadias e de sanguinosas barbaridades, proprias do tempo. As luctas oriundas do conflicto de tão insaciaveis ganancias chegavam a ameaçar seriamente a paz da Europa (1). Um século durou essa, que podemos chamar, guerra do páu-brasil, até a total expulsão dos francezes, principaes concurrentes na exploração dos recursos das possessões lusitanas. E no drama desenrolado em terra firme, essa campanha, até 1615, foi, a bem dizer, a primeira pela unidade territorial do paiz, embora se lhe não possa, sinão na phase ultima, attribuir feição de pugna pela unidade nacional.

(1) O Brasil e a França no século XVI, por Araujo Jorge, Revista Americana, Dezembro de 1917.



O meio impunha o aproveitamento agrícola do solo. Em pouco tempo, assucar, fumos, couros eram as mercadorias de escambo, as fontes de riqueza dos colonos. Mas as feitorias, os engenhos, as roças, as exigências da organização familiar fundada na economia itaturista, forçavam a obter grandes supprimentos de mão d'obra.

Era evidente, dadas as idéias coevas, que a escravidão forneceria tal elemento. E sendo, a principio, mais cara e mais rara a vinda de negros africanos, o indigena seria a vítima indicada. D'ahi os descimentos de indios, de zonas cada vez mais remotas do primeiro tracto aposeado, terras a dentro, dominado o sertão.

Era, pois, dispersivo o influxo anthropogeographico, ainda accentuado pela matta inviolavel, pela attracção das directrizes de entrada que eram os grandes rios, logo após vencida a serrania costeira, rumo das bacias interiores do Prata e do S. Francisco. Naturalmente, portanto, iam-se introduzindo no ambiente mental dos povoadores fermentos de differenciação, pela diversidade dos meios, dos problemas a solver, das métas a atingir.

Faltavam-lhes, porém, a consciencia do proprio valor e a finalidade do seu esforço, no sentido de se constituir uma individualidade nacional.

Breve sobrevieram acontecimentos que permittiram rompesse a chrysalida: a guerra contra a Nobre Companhia das Indias Occidentaes, a pesquisa das minas.

Nos ultimos annos da união ephemera de Portugal e Hespanha, os Paizes-Baixos haviam lançado as bases de seu dominio na extrema oriental do continente. Manteve-se esta soberania, durante trinta annos, nos trechos que vao do Maranhão a Sergipe, a principio, para se reduzirem depois ao méro territorio de Olinda e do Recife, e finalmente serem annullados pela expulsão dos batavos.

Raros auxilios haviam vindo de Madrid. O peso da lucta recahira quasi todo sobre o elemento local, já brasileiro. Restaurada a corôa lusitana sob a dynastia de Bragança, em 1640, os Estados Geraes da Hollanda, em guerra com Philippe IV, celebraram a paz com Portugal, alliado natural, sem que a medida se estendesse ao Brasil, por extranha excepção.

Redobram os já ingentes esforços locais, e sosinhos, affoutamente se pôde affirmar, collaborando os portuguezes d'aquem e d'além-mar, residentes na colonia, os indios domesticados (eterna honra e justificação da cruzada dos jesuitas) e os pretos, irmanados todos no sentimentos de independencia regional, lograram restituir integra a posse



lusitana na provincia, onde intentára fundar-se uma feitoria hollandeza.

Já entãc começavam os coñonos a comprehendêr sua força, seu valor. Adquiriram a consciencia, que lhes faltava, de sua cooperação na obra metropolitana.

Aviventou-lhes a acuidade de percepção a pesquisa das minas, não mais como pratica corrente dos sertanistas a fazerem entradas, sim como resultado do convite formal d'El Rey D. Pedro II. E desse vasto movimento, em fins do seculo XVII, surgiu de facto a divulgação das jazidas auríferas e dos depositos diamantíferos de Minas Geraes, de Matto Grosso, de Goyaz, da Bahia e de outras capitánias.

De então por deante, já era o Brasil fornecedor de largas receitas á Metropole. De dia para dia crescia na Colonia a noção da alta importancia dessa collaboração. E nos concelhos de Lisboa já se encontravam portuguezes nascidos no Brasil. Neste paiz mesmo, os documentos, ineditos ainda muitos, conservados nos archivos, mostram a intensa iniciativa brasileira nas luctas entre as duas corôas peninsulares, que tinham por theatro o Novo Continente.

Concorriam todos os factores, tanto os do meio como os do homem, em sua natureza e em sua actividade, para collocar de mais a mais o habitante da provincia portugueza, na America em situações que obrigariam a resolver por si, a desenvolver suas qualidades de commando, a emancipar-se, em summa, da tutela européa.

Era, progressivamente, alargar a fissura entre os dois ramos separados pelo Oceano, accentuar cada vez mais a clivagem no bloco aparentemente uno.

A norma vinda de além-mar ou consolidaria a solução já espontaneamente achada pelo sertanista, ou, caso a confrariasse, serviria de ponto de partida e de nucleo formador de recriminações e de antagonismos entre interesses difficilmente conciliaveis: de dono a explorado.

Latente em muitos conflicts, expresso em outros, é esse antagonismo que se revela no alicerce de muito movimento social ou politico, da Colonia, em todas as latitudes: tentativa frustanea aqui, ensaio mangrado ali; arremedo de monarchia americana em S. Paulo; luctas entre reinões e filhos do paiz em Minas e em Pernambuco; conflicts sobre a escravização dos indios no Maranhão; revoltas provocadas por excessos de tributação em Minas. Mas, em todos elles, talvez, o phenomeno essencial, reconhecido ou não, explodindo á luz ou mal sentido na penumbra inconsciente da nacionalidade em formação, era o cnoque entre esses dous interesses, o da metropole a



explorar e o da colonia a romper moldes já estreitos para ella.

Traduzia a imminecia da maioridade politica de uma região, que Portugal já não tinha forças nem prestigio para dominar.

Que importa que muitos levantes falhassem, ridiculamente prematuros alguns ou mal enquadados; por insufficiente capacidade de previsão e de sequencia de intuitos, outros? Como symptomas devem ser estudados. Na arvore em florescencia, quanto botão deciduo antes de formar fructo? Quanto fructo chócha, antes de se completar e sazonar? Não pára, entretanto, o movimento da seiva.

Formava-se mentalidade nova, diversificada da do portuguez continental, e dia houvera de chegar em que as duas se defrentassem.

As proprias lévas continuas de gente européa, produzindo no littoral Atlantico o alvejamento da pelle que salienta Emile Bourgeois (1), em confronto com o phenomeno analogo, mas inverso, na costa occidental, não alteravam tal espirito regional: os recém-vindos adquiriam o virus separatista, ao invéz, de o combaterem.

Entre os fautores da Independencia, muitos dos melhores e mais entusiastas foram de puro sangue e nascimento reinões. Em primeira plana, o fundador da nova nacionalidade, D. Pedro I.º

De longe datava a tendencia, inconsciente ou confessada. Em tal meio, facil é comprehender quanto germinaria a semente da philosophia encyclopedista, dado que para ella houvesse vehiculo. Ora, de muito, era costume estudarem na Europa, geralmente em Coimbra, mas tambem em outros centros universitarios, os filhos dos mais ricos colonos. De dous delles, Alves Maciel e J. J. da Maia, se sabe que foram inspiradores theoreticos da nati-morta tentativa libertadora de 1792, sob o influxo de ideias francezas, bebidas em Montpellier, e do exemplo americano de que Jefferson, ministro em Paris, era o expoeme, consultado aliás pelo joven brasileiro mencionado em segundo logar. Em vespéras da Independencia, citavam-se nominalmente 66 filhos do Brasil formados em leis, em canones, em medicina, em mathematicas, nos annos de 1818 a 1822. Outros haveria, já residentes no paiz e em Portugal, de formatura antiga.

(1) Manuel historique de politique étrangère (3 vols.)



Soffrimento da massa, que apenas podia sentir; orientação dos possíveis dirigentes; influxo dispersivo do meio, intensificado pela vastidão territorial, pelo genero de vida, pela compartimentação das mattas e dos vâlles: tudo levava a mentalidade brasileira a erigir-se autonoma, despêda do criterio metropolitano. Uma escola de energia e de iniciativa havia nascido em sólo brasileiro.

Phenomeno inverso notava-se nas possessões hespanholas. Populações fixadas pelas lavras em continuo meneio. Compressão dos elementos inferiores pelos dominadores, incomparavelmente mais duros do que os portuguezes, a ponto de provocarem na mesma turba escravizada, mansa embora, a explosão de desespero que um descendente dos Incas, Tupac-Amaru' encabeçou e levou á destruição em Tinta, em 1780.

O formalismo castelhano, reforçado pelo rígor centralista do governo madrileno, matáva no broto quaesquer tendencias liberaes. Quasi unico symptoma de diferenciação, nota Garcia-Calderón (1), a divisão da colonia em Vice-Reinos e Audiencias marcára o maximo de concessão a quaesquer velleidades particularistas. Um escól, fraco e rareado, poderia a custo e ás occultas, pefo fanatismo religioso e pela severidade das censuras ecclesiasticas, adquirir escassas noções sobre correntes novas de pensamento politico. Nunca se manifestariam com efficacia. Seu afastamento das massas populares seria mais notavel, ainda, do que na propria Hespanha.

PANDIA' CALOGERAS



(1) Les démocraties latines de l'Amérique (1 vol.)



VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diário)

1913

Maio, 17



mar está com más intenções. Pula. Saracoteia. Nota exquízita: quando todos enjoam, começam todos a receitar contra o enjoo. Quando digo todos, excluo-me. Nem receito, nem enjoo.

Quanto mais o oceano se enfurece mais eu me acalmo.

A razão costuma estar na minoria quazi sempre, e eu sempre na minoria. Agora, entre os passageiros, estou em unidade: nem mesmo o enjoo dos outros me enjoa.

Algum tanto enjoada, esta nota.

Maio, 18

— Mais cedo do que era de prever, o oceano se abrandou. Bem procedeu. Lepidos, communicativos ficaram subitamente os passageiros. Todos de roupa limpa; nem um,

(1) Conclusão: Vide numeros 32 a 44.



pelo que contam, teve medo da tempestade que já vai longe: gente intrepida!

Todos alegres. Paz e amor. Promessas e compromissos de continuação, em terra, das simpatias e das amizades iniciadas a bordo. Trocas de bilhetes e anotações de moradias. O meio furacão de hontem saneou todos os estomagos. Reina um contentamento geral, risonho, tranquillo. Mas

a sorte neste mundo é mal segura,

metrificou o cantor da Marilia em plagio perfeitamente fornecido por uma das primeiras senas do Amfitrião de Plauto.

Não! Não ha bem duradoiro. A jovialidade permanente é impraticavel. O sonho de paz universal beira a utopia. Não! Não ha concordia possível entre as mulheres.

Enfureceu-se, a proposito de não sei que despropozito da maninha magra, a mana mais velha. Tapas. Soluços. Corada, gesticulante, a brava gorda atravessa o povoado tombadilho. Moça forte! Tem saude; falta-lhe fraternidade

— Scribano Giuzefo, immediato, primeiro oficial na giria da caza, é um aproveitavel irritadinho intellectual. E' maior por dentro do que por fóra. Sabe muita geografia, maneja cifras proficientemente, e o mesmo faz com a etimologia. Entra no latim sem constrangimento. Da historia conhece a italiana, consentindo, porém, que as outras existam. E' a segunda insolencia de bordo. Fizemos camaradagem.

Vendo-me pedir a um turco, da terceira classe, que interrompesse exercicio fanhozamente horrivel de «zoumara», um cornetim infernal que a todo momento parecia parar mas continuava, disse-me esse lateral Scribano: «Desgraçadamente conheço a «zoumara». Na recente guerra five de guardar, á noite, em aproximada observação, navio tomado ao inimigo e atopetado de prizioneiros; principiou um delles a tocar essa gaita, e, sempre que parecia cessar, continuava! Tanto tocou que, desesperado, afastei de mais duma milha meus ouvidos e meu navio. Fugissem os prizioneiros, e eu seria irremissivelmente fuzilado. Mas a fuga e o fuzilamento eram coizas possíveis, e a «zoumara» era certa.

Interroguei-o si, empregada como arma de guerra, a muzica otomana seria eficaz. — «Invencivel», respondeu-me.



Dakar

— Uma hora da tarde. Domingo. Ancoramos com o retardamento habitual da «Companhia Veloce». Desembarco. Tenho tempo deante de mim, e cõmmigo meios de incluir este porto, que vejo pela segunda vez, no numero das utilidades a notar e a anotar.

— Estou entre dois mil brancos francezes e dez mil pretos tripolitanos, marroquinos, abissinios, sudanezes e doutras raças africanas, predominando os volofes; gente, quazi toda, alta, espigada, vestindo roupa sem feitio, roupas enfunadas pelo vento que lhes balança o azulclaro abrilhantado pela luz dum sol causticante.

Vejo pretas com o penteado retorcido em escadinhas regulares, trazendo-me á memoria dezenhos de Serpa Pinto no «Como atravessei Africa»; jovens ainda, mas já com os filhinhos entre o chale e as costas como nas antigas fazendas brasileiras, e vendendo, ora por um franco, ora por dez centezimos, a «garenha», o abundante peixe que invadiu, aqui, todos os paladares, e cuja quantidade de fosforo talvez explique a média elevadissima de batizados na interessante colonia. Essas pretas vendem ainda, trapalhadamente, verduras deterioradas e uns palitos de pau, do tamanho das nossas canetas, com que o dakarense, como todo africano, mantem a belleza da branquissima dentadura.

Estou em povoação regida pelos direitos do homem, e administrada pelos gloriosos principios de 1789. Em Dakar os pretos não podem, sob pena de xadrez sem discussão, ocupar, em botiquins e á meza dos hoteis, cadeira ao lado dos brancos. Colonia franceza, Dakar, a exemplo da metropole, ignora o «habeas-corpus».

Apressado na ida, fatigado na volta, o sulamericano não repara em Dakar; raras vezes aqui desembarca. Erra. Vista da amurada do navio, muito difere Dakar da cidade e da impressão que do seu interior o viajante recebe. Tem meio tipo proprio; é lentejoula suportavel. Seu rezumo está no mais reproduzido exemplar dos seus habitantes: no negrinho azougado que fala francez, explora o desembarcadiço, e recebe o influxo do progresso, mas limita o progresso annullando-lhe nove decimos do influxo.

Dakar uza installação telegrafica, mas com telegrafia menos que regular; tem ruas boas, mas pouco frequentadas; correio efetivo, porém pouco ativo; indolentes carros de praça; bilhares novos, porque raras vezes ocupados;

gelo barato, porém escuro; jornal hebdomadario sem leitores; coreto, na «Praça Protet», com muzica domingueira tocada por banda militar cujas roupas brancas destoam do auditorio preto que a escuta indifferente.

Como convivem em pacatez o franco e o etiope? Sem conflitos, sem abuzosdelinquentes, sem reclamações! Mas aqui a anormalidade se normalizou, é o acidente se distendeu té ás raias do habito. Exemplo: não ha em Dakar quem exerça, de fato, palpavelmente, a autoridade em nome da França; governador é ente abstrato, invizível; o que ha, e todos apontam, e todos conhecem, reconhecem e obedecem é o «Palacio do Governador».

Bonito edificio! Projetando-se num arborizado quarteirão, sustentado por elegantes arcarias, fechado como todas as autoridades que se prezam, é elle demonstrativa sugestão do mando caucezo no continente africano. Outro exemplo: no commercio francez, predominante, quasi o unico que existe, regularizado aliás pelo proteccionismo, o abuzo do alcool tem trazido visivel restrição na delicadeza do trato. Já pelo clima abrazador, já pela preferencia no consumo de produção da mãe-patria, mulheres e homens bebem exageradamente. Com arregalo de olhos, num bazar de Dakar, commerciante, a quem eu comprára voluminho dos «Contos do Natal» de Dickens, rizonhamente insistia em entregar-me uma pluma de valor decuplo ou mais!

Comico, o constrangimento das francezas quando vistas por um estrangeiro. Pintadas de rosto, baixam ou entortam o olhar, simulando distração. Padece-lhes a vaidade: «que o seu logar não é alli no «Parque Nacional»; mas em Paris, mas no «Boulevard des Italiens»; estão alli por pouco tempo, por engano...»

Molecotes, agrupados nas esquinas, com exclamações e galhofas vaiaem quem passa. Pedem o guardasol, o lenço, uma manga verde, dinheiro. Commigo: acabando de receber pagamento, um guiazinho me pediu pagamento. Aproveitar a ocazião, obter, receber seja lá o que for, seja lá de quem for, mas receber, obter, é a fisiologia de Dakar.

Porque? Estertor. Ancia de viver. Pressentimento dum fim de organismo. Substituido o carvão pela electricidade, perdido o emprego de fornecedora de combustivel aos transatlanticos, de sua atual vitalidade que conservará Dakar? Garenpas e o Palacio do Governador».

Na Mesquita

— Fechada. Não se póde entrar. Posso. Entrarei. Dois torreões amarellados; uma grande verde os rodeia. Paredes



robustas. Subdividido o andar terreo. Adeantado de cinquenta minutos, um grande relógio, talvez o mais ocidental em edificio dessa atrazadissima religião muzulmana que, felizmente, se não enraizou na America, presta informações mentirozas a quem o interroga. Foi o que vi por fóra.

Dentro: o que eu já conhecia de leituras: paredes escrituradas de versículos do Alcorão; auzencia mais que relativa de arte; pulpito, esteirinhas, estantes. Pouca luz. Algum asseio.

O maometanismo traz a idéa um rio muito largo, irrigando muitas zonas, razo, estagnado após extraordinaria enchente. Em Tokio e Dakar suas extremidades fedem. Em Medina sua nascente secou.

Singular! Cristo, o tribuno do Sermão da Montanha, o letrado das Parabolas, nada escreveu; Maomé, illetrado, commerciante barato, ditou um livro de cento e quatorze capitulos!

Mas, afinal, que foi a expansão arabe? Mera dissidência nestoriana? Derradeiro espraiar dos hicsos? Reação monoteista contra as deturpações grecoetruscas? Não ha resposta que satisfaça. No quadro da historia o arabe é ainda um sanguinolento segredo. Hoje, ao pôr do sol, vi grupinhos, tres crentes por grupo, bamboleando-se, joelhos em terra, batendo no chão com o rosto sujo de areia. Antisanitario prolongamento do mais fanatico, do mais invazoz, do mais territorialmente distendido impulso religiozo que a tolice humana inventou e propulsou!

Civilização arabe!? Pois é civilização esfregar terra na cara? Nos territorios que invadiu foi o arabe adaptado pela civilização que nelles encontrou e cujo desdobramento acompanhou: isso sim. Da areenta peninsula donde partiu, que civilização trouxe? «Deus é Deus e Maomé o seu profeta?» Mas essa afirmativa por mais sangue que tenha derramado, nada tem de espantosa, e, como tentativa filozofica, já entrou definitivamente nos dominios da opereta.

Os receiptuarios de Cordova, as cento e vinte e oito columnas do Alhambra, os jardins de Bagdad, as cópias comparadas do classicismo hellenico, o colligio medico de Djoudesabour, a genialidade de Djafar e as lições de Jozué-ben-nur foram expansões civis: teologicas porque? Considerem-nas frutos da religiozidade, e logicamente, ao norte do Alcorão, compriria atribuir identica origem ás navegações normandas, á repressão do feudalismo, á descoberta da imprensa, ao aproveitamento da bussola!

O sentimento religioso, fôrma acovardada e explorada das preocupações do além, não inicia; paraliza; não gera: esteriliza. O vedismo, ignorante da liberdade, inutilizou a Índia. O messianismo criou a inquisição, que o cristianismo perversamente prolongou. O muzulmano destruiu bibliotecas. O protestante bombardeou Paris.

Houvesse a humanidade empregado na terapeutica e na quimica, na fizica e na mecanica, as cogitações esbanjadas em invencionices filhas do medo e netas da espen-teza sacerdotal, e, não como uma promessa continuamente adiada mas como uma realidade perenne, o homem seria ha já muitos seculos, não o lobo do homem, porém o irmão do homem.

.....

Adeus

— E adeus, hemisferio norte! Adeus, velha Europa e nova Atlantida. Deixo-te, grato, como discipulo independente.

Volto para o sul Volto ás regiões mais solidas da bola na qual, atomo inconsultado, estou a atravessar vertiginosamente o espaço vizivel e o tempo invizivel.

Vou rever a terra das grandes quedas dagua, a acionistamór da interminavel empreza do porvir. Livre pensador, «cidadão do cõsmos», nem por isso esqueço que a mais diaria das minhas afeições pertance á minha Patria, e sei que, para mim, a terra brasileira é, como a amante do poeta:

quanto mais infeliz, mais adorada!

.....

Maio, 19

— Tubarões acompanham o navio mais de quarenta milhas. Circumstancia não ignorada, porém inexplicada: o tubarão não devora negros. Em Dakar negros e tubarões convivem. Que esse voraz só vê objetos claros, nada distinguindo dos escuros, esclarece-me um marinheiro.

Hum! O cazo me está claroescuro.

Maio, 20

— Em todos os grandes hoteis que conheci na Europa encontrei revistas e jornaes argentinos. A «La Argentina» de Barcelona, um primor de impressão e um modelo de



expressão, é revista abundantemente divulgada, e sustentará cotejo com o que de mais caprichado haja na imprensa do velho mundo. Do Brazil poucas vezes o jornalismo europeu se ocupa, e, quando o faz, limita-se a algumas linhas de noticiário após longas informações doutros países. Brasileiro, em Paris, só sabe de sua terra quando, no «boulevard», encontra patricio recemvindo a dirigir-lhe a inevitavel fraze: «Vamos tomar alguma coiza».

Não vi, nem tive noticia de jornal brasileiro em França ou na Italia. Um bisemanal, porém, em Paris, escrito em francez e pensado em portuguez, seria empreza viavelmente rendoza. Haverá, ao ocidente dos cofres publicos, capitalista que a tente?

Maio, 21

— Ajuste de contas. Que me rezultou da viagem á Europa? Lições comparativas. Nem um desgosto. Mais amor ao meu paiz.

Trago, infelizmente, nos escaninhos do espirito e nas minhas desconfianças de paulista, duvidas, duvidas ... Dado um choque internacional generalizado, o Barzil conservará intacta a herança luzitana que reclamou e recebeu ha um seculo? Suspeitas. Receios. Temores. Quanta bagagem malvinda!

— Não consegui apreender e coordenar um conjunto da mezologia européa. Para quem deixa o Brazil, limitado em seu dezentvolvimento commercial, relativamente parco de commodidades, incongruente em seu pessoalismo politico, impulsivo em seus acazos partidarios, a copiozidade de acontecimentos na Europa penetrada por mares, e por isso parcelladissima de governações e interesses, torna insuperavel a dificuldade duma sintheze e mais que embaraçoza a dispozição de idéas em série.

Não perdi, porém, meu tempo. Indaguei. Reparei. Examinei. Observei. Comparei. Armazenei. Cogitei de minha especie, de minha subraça, da historia, dos direitos e dos deveres do meu paiz. Ganhei um pouco de capital intellectual, moeda que, quanto mais se gasta, mais aumenta.

Maio, 22

— Sem grande insistencia sou admitido, durante duas horas, como estudante de telegrafia sem fios. Serve-me de professor um ajudante da installação. Moço e mestre.

.....
— Mas porque é para que me matricularam em academia de direito? Pois todas as Ordenações do Reino valem meio aparelho de electricidade ou dez minutos de alfabeto Morse? Quanta inveja levo e tenho desse menino, telegrafista, que nunca fez defezas no juri, nem louvação de peritos em audiencia! Não é, não foi, nunca será bacharel. Feliz! Felicissimo.

Maio, 23

— Noite. Mar benigno. Rumo noroeste. Vespêra de chegada a Pernambuco. Busca-me a saudade. Procura-me a fantazia. Fala-me o coração.

.....
— Vou encontrar o Brazil sensivelmente incompleto. Quanto mais se distancia a morte do Barão do Rio-Branco, mais sente o paiz a falta do glorioso estadista. Deixou discipulos certamente intelligentes e possivelmente eruditos. Mas erudição não é criação. Mas a intelligencia instrue o talento; não o substitue.

Verdade, verdade: falta uma peça essencial na nossa maquina administradora.

.....

Reminiscencias

— Jornalista desde 1872, um pouco parlamentar e mais um pouco advogado, sempre acompanhei com interesse as revelações da intellectualidade no Brazil. Conheço o meio nacional. Não vejo quem possa, hoje, ocupar competentemente a posição que Rio-Branco deixou. É o que penso pensa a consciencia do paiz.

Tratasse-se, porém, não de talento excepcional, não de merito acima do commum, mas de estupidez, e a substituição seria facil? Talvez não. Ha imbecilidades geniaes. Ha, tambem, cavalgadas insubstituiveis.

Contou-me o Barão que, surpreendido em 1889, em Berlim, pela proclamação da Republica no Rio de Janeiro, e anciadissimo por cartas que lhe atenuassem a curiosidade, fôra apressadamente ao correio mal chegára a mafa do Brazil. Uma só carta recebera. Abriu-a sofrego. Era dum antigo famulo da familia, portuguez, Jozé Côrte-Real: communicava-lhe que, em vista da mudança das instituições, passaria a assinar somente Jozé Côrte.

Relatei-lhe, em immediato pagamento, a perspicacia

do meu copeiro Vitorino: repreendendo-o, disse-lhe que nunca puzesse o jantar na meza sem ter primeiramente ido ao meu quarto verificar si eu estava ou não em caza; foi ao meu quarto, procurou-me, e minutos depois voltou para pauzadamente me dizer: «O senhor não está lá.»

— Ainda do Barão: «O homem é um animal incompleto.» Isso mesmo. Incompleto e infeliz. Infeliz e mau. Vive em luta com os seus semelhantes; suplicia-os; e transmite esse costume aos animaes que domestica. Mata, caçando por divertimento. Não progride sem a emulação, que é uma modalidade da inveja. O bem de um só se bazeia no mal de outro.

«Animal incompleto». Sim. Tem sempre uma parte do organismo em flagrante de podridão. De morticinios, principalmente, se compõe a cronica de sua especie. Cada descoberta que faz leva o sofrimento aos individuos que viviam á custa do anterior regimen. «Apontam-me como o homem mais feliz do seculo, sou-o talvez, confabulava Bismarck, e no emtanto ólho para o passado e nelle não vejo vinte e quatro horas completamente felizes.»

Animal incompleto: definição mais concreta, e tambem mais explicativa, que a de Socrates: o homem é um doente cuja molestia se agrava todos os dias. Melhor que outras definições citadissimas? Sim, sim. Basta relembralas. Platão: o homem é um bipede implume. Mo'z's: um sopro da divindade. Pascal: um caniço que pensa. Buffon: o rei da criação. Darwin: o homem é um macaco aperfeiçoado. Herzen: uma coincidencia da organização com a dinamica.

— Animal infeliz. Deve, por isso, desesperar do destino, dezengastar ideaes, esmorecer, dezanimar? Não. Nunca. Nem da inferioridade organica, nem mesmo do determinismo despotico, vem para o homem a supressão da mais util das suas faculdades, daquella que constitue a sua mais forte e proveitosa razão da existencia: a vontade.

Tenho o livre arbitrio. Delibero. Escolho. Faço porque quero. Escolho o que faço: é o bastante para alento da vida na luta da vida. Quero e não quero: ação e abstenção: que superioridade! Que primazia no perenne vaivem dos acontecimentos! Quem souber medir o alcance da abstenção annullará, com o justo orgulho da responsabilidade, as sugestões do dezanimo, quaesquer e quantas sejam ellas. Só o direito, por exemplo, só o invejavel direito de não ler os discursos do Congresso Paulista não será um incentivo ao prolongamento da vida?

.....

Maio, 24

— Terra da patria. Salvé! Champagne. Brindes. Regozijo. Descreve o paquete um semicirculo; passam-lhe á direita Olinda e as ruínas, cruelmente desrespeitadas, do forte do Picão. Desvenda-me o binoculo, lá ao longe, o sul do Recife e os montes Guararapes. Conheço. Conheço-os. Foi allí, ha dois seculos e meio, a puberdade nacional.

.....

Tão joven e tão doente! E' pena. Prometia tanto! Nasceu na aurora do seculo XVI; amadrinhado pela Revolução Franceza, cazou com a Liberdade em pleno seculo XIX. Honestamente viveu quatorze lustros. Infiel, depois, á espoza, amaziou-se ha trinta annos com a Sacristia e a Tarimba. Adoeceu de desfalques na dignidade.

Pobre Brazil!

Doente, doente. Sifilis no norte, morfêa no sul, anemia na carteira, viltança na opinião, abatimento generalizado. Alguns enfermeiros lhe estão a furtar as drogas.

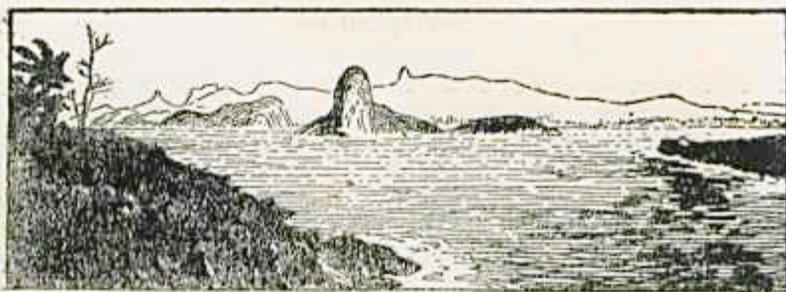
Era assim, lá nos antipodas, quando a Corêa estrebuchava. Não a poudes salvar a terapeutica internacional.

.....

Pobre Brazil!

MARTIM FRANCISCO





O ESPIÃO ALLEMÃO

(CONTO)



ABRE a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquelle tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras. E a chacina attinge proporções inauditas. Seu capricho exige em Ispahan setenta mil cabeças humanas. Cada secção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cançados de cortal-as, os soldados entram a adquirir-as. Pagam a moeda de ouro cada uma. Era bom o negocio: a offerta cresceu. Como a offerta cresceu, o preço baixou para meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de craneos em redor da cidade ...

Ruge a sangueira alem. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Mahomet IV, delibera alliviar o exercito de cem mil prisioneiros embaraçantes. Solução magistral: degola-os ...

A vaga prosegue, chega a Ancyra, esmaga Bajazeto, o grande sultão, e passa ...

E acolá? Assyria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flexeiros. Assurnizirhupal canta os proprios feitos em inscripções chegadas até nós: «Construi um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a pelle dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a innumerados e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de coroas e os corpos entrelacei como guirlandas.»

A vida da Assyria é inteira essa primorosa carnificina.

Tuklatabazar, Assurbanipal, Nabuco, Sargão, todos os magrefes reaes viram a sua pericia em arrancar o couro a creaturas vivas cantada pelos poetas, commemorada pela architectura, admirada pelos posteros.

Timur passou, passou a Assyria. Tudo passa mas a guerra fica. E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apotheosa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio do sangue lhes fumega a inspiração. A belleza suprema é Achilles fendendo craneos, do frontal á nuca. A historia da humanidade é um systema potamographico de enxurros vermelhos musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos. A guerra sempre. Só guerras. A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numançia, mercenarios, Jugurtha, Mithridates, civil... Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as 'guerras de religião. E as guerras dynasticas. A dos Cem Annos, a dos Trinta Annos, a guerra das Duas Rosas, a da successão da Hespanha. A guerra americana da Sesseccção. As napoleonicas, a franco-prussiana, a hispano-americana, a sino-japoneza, a franco-prussiana, a anglo-boer... Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Alemanha. O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a estupidez humana é irreductivel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado. Os grandes conductores de povos, Bismarck, Tisza, Clemenceau, Loyd George, simples vontades de aço despidas de intelligencia, incapazes d'outra philosophia que não a das maxillas da hyena. Porque elles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com elles, poetas, pensadores, generaes, a industria, o commercio, a imprensa, a humanidade inteira — fóra as mãos — zelam, como vestaes, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeovah, era a vingança o prazer supremo. Se sabe ella assim a paladares divinos, que admira saber tanto a paladares humanos, tão proximos ainda da pithecanthropia erecta donde sahiu o macaco glabro que se classificou a si proprio *homo sapiens*, ignorando como o classifica-
rão os cavallos?

• • •

Tambem nós, da Gecatatuasia, temos tido nossas guerras. A grande, do Paraguay, onde fizemos pretos d'Angola chacinar os selvajens do Chaco e as pequenas, internas. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, arranhou-se um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra



grande, a guerra guerra, a guerra de encher olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Illiadas parnasianas com o retrato de Bellona no frontespicio, ah! temos a nossa guerra contra a Allemanha. Essa nação formidavel, Assyria encouraçada de aço, machina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente David de iverapema em punho. E o caso foi que mais uma vez venceu David ao gigante. Quem duvidar do milagre, leia o «Lyrio» de Itaóca, semanario «literario, recreativo e commercial», numero extra, de oito paginas, commemorativo da assignatura do armistício.

«Vencemos! O gigante jaz por terra, exangue. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida, — a invencivel Allemanha dobra os joelhos e entrega-nos a espada sangrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á lucta! Honra ao Exmo. Sr. Dr. W. B. Pereira Gomes, dignissimo presidente da republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, hõnradissimo presidente do directorio politico de Itaóca e chefe honorario da heroica linha de tiro «Frei Gaspar da Madre de Deus!» Ave! Ave! Evohé!»

E' força que os novellistas fixem estes aspectos heroicos do paiz já que descurem delles Pombos e Capistranos sisudos.

A acção de Itaóca durante a guerra foi devéras notavel; mas como Itaóca não passa de humilde lugarejo perdido nas perambeiras da serra, sem bons correspondentes junto aos jornaes do Rio, toda a sua agitação mavortica permanecerá sem noticia se não lhe acode chronista fiel.

Itaóca tem, officialmente, cinco mil habitantes, estatística feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de «crescima» sobre o calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapuca, cidade visinha onde o olhometro municipal accusára quatro mil e quinhentas almas, afóra as penadas. Itaóca não se abaixa! Já sua philarmonica era a melhor, o jornal tinha mais estylo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa, tambem, depois do patriotico rescenceamento.

Itaóca é regida, politicamente, pelo coronel José Pedro, e intellectualmente pelo vigario, monsenhor Accacio da Silva, um homem que sãbe tudo, desde latim até astronomia! Alem deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaóca, o juiz, velho bacharel pelo Pedro II, o Leão



Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogriphos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara, o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o Rocambole a fio e assignam as folhas governnistas.

Quando rebentou a guerra foi grande a emoção de Itaóca. Sensação de estupor. Mas o Coronel, expedito que era, não vacillou um minuto: convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expoz com palavras solemnissimas, a gravidade do momento, e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propoz ficar o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a idéa d'um *comité* de Salvação Publica bem como a de um vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou approvação a idéa sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferrado nos jornaes e no patriotico presidente da Republica, a quem officiariam em termos do mais alevantado estylo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande machada.

Assim se fez e Itaóca, não podendo revelar genio creador, comportou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vae-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra foi o incremento das linhas de tiro. Itaóca não ficou atrás, deitou, tambem, o seu tirosinho. Que revolução não foi elle! Veiu instructor de fóra, e a coisa se fez por musica, com duzentos homens de effectivo, no papel. Effectivos, na realidade, eram apenas vinte. Os mais, homens de 80 kilos, negociantes, fazendeiros «gente grada» constituíam o «enchimento». Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicio, e gymnastica, e tiro ao alvo — «coisa de meninada». Apesar de apenas vinte, os rapagotes de perneira e chapéu á americana transformaram Itaóca em praça de guerra. Varreram do coração das meninas todos os rivaes civis. Era de vel-os passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinhasinhas e Mariquitas janelleiras. Da pobre ralé de paletó sacco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doídnha por Marte...

O armamento requisitado ao Ministerio da Guerra para o «Frei Gaspar», apezar de promettido, nunca chegou a Itaóca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma Flaubert passarineira do Pimenta. Aos sabbados,



na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava seu tirosinho na lata de marmellada posta como alvo a vinte passos de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço absurdo de cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastar vinte cada semana, para transformar lata velha em crivo. D'ahi veio a grande idéa do major Ventania, commandante superior do «Frei Gaspar». Ponderou elle: alvo por alvo tanto é alvo a lata como um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro com proveito duplo, do treino e do jantar. Sendo assim, não era mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a idéa foi logo posta em pratica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado assim: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para caçarem onde lhes aprouvesse, sob a condição de repartir a caça abatida com Ventania, pae da idéa e muito guloso de arroz com passarinho. O major deu-lhes ainda um conselho de alta estrategia culinaria:

— Deem preferencia ás rolinhas; são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinões de Gonçalves Dias, além de que a carne não vale nada.

Este mirifico systema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão, mas tres proveitos cabem n'um sacco, pelo menos em Itaóca. O major Ventania que o diga.

Apurado o seu aparelho de defeza, Itaóca dormiu socegada, á espera do inimigo. Que viessem os barbaros germanicos, e cáiriam ceifados como rolinhas! Não foram tolos. Não vieram. Não veio um hulano sequer. Mas que a Allemanha poz o seu olho de aguia em Itaóca, isso não resta a menor duvida. Aqui muito á puridade o confessamos hoje: andaram espiões por lá!

— ?

— Sim, espiões, e dos peiores. Andaram rondando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permittido confessar o facto. Antes, não; porisso foi o segredo guardado religiosamente pelas autoridades locais, pelo Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras. Nobilissimo povo de Itaóca! Quantos males não poupou ao paiz a tua severa discreção!...

Foi ássim o caso. Leão Lobo saia da chimbica do



costume em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabellos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxe mais suspeita ainda sobraçada. Um prophético relampago lucilou-lhe no cerebro: espião! Sobreesteve o coração aos pinotes, meditou tres segundos, e como uma flexa voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençóes áquell' hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel appareceu de chambre, gorro de lã, vela na mão e assustadissimo:

— Que é lá?

— Coronel, espiões na terra!

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao apice n'um dos maiores abalos da sua vida. Engasgou, Tartamudeou. E ao termo de dois minutos de fonteira ponde apenas murmurar em voz debil: entre! A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões? — disse o coronel de olho arregalado.

— E dos peiores, confirmou Leão Lobo, *d'aquelles*, coronel!

A entonação do «*d'aquelles*» foi tão impressionadora que José Pedro encostou-se á parede para conservar o aprumo coronelicio. A situação era de todo imprevisita. O chefe não sabia como agir. Salvou-o Leão Lobo, affeito a lidar com os problemas charadisticos e logogriphicos dos mais crespos.

— Coragem, coronel! O momento não é para vacillações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilise o «Frei Gaspar», mais a policia, e que se monte guarda rigorosa ás sahidas da cidade durante o resto da noite. Amanhã engaiola-se o melro!

— Bem ponderado! — exclamou o chefe já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens enquanto eu...

Leão Lobo sem esperar o fim saiu aos pinotes enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apprehensivo.

— A gente tão socegada aqui e aquelle raio da Al-lemanha...

— Que foi? — indagou a mulher.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

D. Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquelle bódinho — e virando-se para o canto adormeceu.

* * *

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Hora depois o destacamento policial, um cabo e duas praças, mais o tiro inteiro estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias mulheres despenteadas que á janella, em camisa, punham as mãos invocando as Nossas Senhoras adequadas ao lance, — que aquillo era por certo o fim do mundo.

Não havia lua e como os lampiões não se accendessem havia mezes por precaução contra os zeppelins mortiferos, a escuridão era de breu. Mesmo assim, ás apalpadelas, as forças mobilizadas agiram com tal estratégia que, tres horas após o rebate, todas as saídas de Itaóca estavam hermeticamente sentinelladas. Numa dellas ficou metade do «Frei Gaspar» com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se d'uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza. A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma... loira ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, que como o seu dono, tinha habitos nocturnos.

Amanheceu afinal. Quando o astro rei, desdobrando as gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o «Lyrio» historiando os factos — o major Ventania e o delegado iniciaram rigorosa pesquisa. Não foi preciso muito. O espião lá estava espichado no *trottoir* da igreja ronfando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinhava-se aqui o estylo do Pall-Mall-Lyrio, secção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José). O major Ventania não vacila, mette dois dedos na bocca e tira um assobio agudissimo. Era o signal. Acodem logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada. Solememente, então, n'um sherlokiano *nhoc*, agarram, em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser. Não ha memoria em Itaóca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pró-homens da terra, emmudecendo-os de sagrada emoção. Naquelle momento augusto salvava-se a Patria...

D'ali seguiu para a cadeia o infame dolichocephalo louro, e lá montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserval-a engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de mollezas, ordenou o major, fogo nelle, fogo de barragem!

As dez estava tudo prompto para o ininterrogatorio. Mas



aqui surgiu imprevista dificuldade: o espião teimava em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia allemã, ninguem pescava um yá da odiosa lingua de Goethe. (A colonia allemã de Itaóca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com pharmacia havia 60 annos, e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora, indagou a autoridade atarantada? Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não é possível! Muller, como allemão, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho como «lingua» o monsenhor Accacio. Ha de saber allemão. Que é que elle não sabe? Até astronomia! ...

Era verdade. Monsenhor Acacio sabia tudo, dissertava de *omnia res sibile*, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro 2.^o que sabia quatorze.

Veio o padre. Solememente, durante meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O allemão deste homem, concluiu sentenciosamente, é o allemão Thuringio da baixa germanidade wallona da Silesia hannoveriana. Inintelligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o allemão grammatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Scheneider-Canets.

Os circumstantes pasmavam. Leão Lobo, enthusiasma-do, cochicou para Ventania:

— Não vos disse? E' um *bicho!*

Do pouco que o espião disséra uma phrase por muito repetida, gravou-se na memoria dos itaóquenses: *ai eme inglix*. Leão Lobo, affeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a phrase mysteriosa pelos processos charadisticos. Matutava: *A, I, M, inglix*; *A*, uma; *I*, uma; *inglix*, duas; conceito? Engasgava no conceito. Estava rrisso, quando o padre cortou o nó gordio:

— *Ai eme inglix*, disse elle enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glottologicas, «estou com fome». E' natural. Já bateu meio dia. Deem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para me retirar, que estou de hora passada. E, pondo na cabeça o chapu felpudo, saiu, sólemne e sabio como a propria Minerva de batina e corôa. Leão Lobo namorou-o com o olhar até certa distancia.

— E' um *baíta*, o nosso monsenhor!... Pena viver neste fim de mundo. Se «actuasse» no Rio, que figurão! ...

* * *

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavras intelligíveis, resolveram envial-o á capital de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte. Assim se fez, e no dia seguinte houve cõradeira de mulheres e um discurso ão bota-fora. «Ide-vos, disse o orador official, a Patria exige de vós esse sacrificio. Não occultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios emboscada a beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gazes lacrimogeneos, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria exige o vosso sangue. Se cahirdes, tereis como recompensa a sua gratidão eterna!»

— E o nome numa rua, aparteou o presidente da Camara.

Partiram os jovens heroes. Nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como heroes de raça que eram, com antepassados na Guerra dos Mascates e dos Emboabas.

Itaóca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrendo que o orador desenhára, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo um tanto problematico, que do trajecto na via ferrea, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão pela qual só empallideceram quando, na estação, ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque, radiographaram para Itaóca um despacho conciso mas eloquente: «Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a Republica!»

Quando o Zé Bruno, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil reis por legua, entregou o radiogramma ao Major Ventania, o prefeito municipal commemorou a auspiciosa noticia mandando atuchar uma duzia de foguetes pela verba «socorros publicos».

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu uma grande manifestação patriotica. Falou na praça 7 de Setembro, com pathetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais vehemente oração de sua vida. «Ali, senhores, disse elle apontando o *trottoir* d'ora avante historico, esteve deitado, fingindo que dormia mas de facto espiando, um dos mais perigosos agentes da espionagem allemã O scelerado não confessou, mas havia de confessar? havia de denunciar os tenebrosos planos do Ante-Christo moderno, esse Kaiser assassino que assassina o mundo? A situação é gravissima, meus senhores! Itaóca está sobre um vulcão. Minadas por todos os lados, a vida

das nossas familias, as honras das nossas esposas, as mãosinhas das nossas creanças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano! (sensação). Senhores! Um desaggravo se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia allemã que, como víbora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo. Dr. W. B. Pareira Gomes, nosso imperterrito presidente!»

Foi um delirio. Estrepitaram palmas d'envolta a imprecações de vingança. «Abaixo o Muller!» A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre patriotismo, despejou-se como torrente, para os fados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a cem grãos centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburgo, Mackensen e Enver-Pachá. Os gavroches (está no «Lyrio») iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa pharmacia, choveram projecteis, apupos, assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou alli o vidro de sal-amargo. Tambem a ipeca e a tintura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia allemã não deu mostras de si. Nem Muller nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta do nariz. Covardes!

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na á guiza de trophéu para a redacção do «Lyrio», onde se beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba dos soccorros publicos.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, mas voltou de mãos abanando:

— Seu Muller manda dizer que não tem; que os patriotas quebraram o vidro; se serve sal de azedas que tem.

A pobre D. Candoca, estorcendo-se,

— E' isto, exclamou, aquelle bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim! ... Ai!

— Mulher! — interveiu o marido, — a Patria acima de tudo!

— Vocês são uns ...

O chronista não ouviu o qualificativo da D. Candoca, mas a avaliar pela cara do marido, foi dos mais duros. O homem passou embezzerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegramma do chefe de policia: «Ve-

rificamos prisioneiro subdito inglez. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva ridiculo incidente.»

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois, reuniu os paredros, e lhes disse:

— Recebi telegramma confidencial do chefe. O caso é mais grave do que supuz. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de estado, vocês comprehendem ...

Apatetamento geral. Cada um commentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinente, recorreu ao methodo charadistico: *Telegramma, reserva, segredo de estado* ... Conceito? Era a segunda vez na semana que lhe escapava uma charada por falta de conceito.

Assim permaneceram até á noticia da volta dos heroicos expedicionarios. Que bella festa, a recepção! Foi a banda esperal-os á bocca da cidade, e com ella os patriotas, o Tiro, as moças. Mal avistaram-nos romperam vivas. A banda cascou o hymno. Depois a *accolade* («Lyrio»). A Mariquinhas Fagundes offereceu a cada um uma corôa de louros, feita com folhas de camelia. Ella mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro, e nos guatambu's chumbados dos restantes. Scena de commover! Itaóca sabia ser grata para com os filhos heróes ...

E não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão de Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha commemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando uma vibora e no anverso um distico em latim. E' verdade que cahiu este projecto. Mas vingou outro, mais economico: dar quatro ruas aos quatro heroes. Eis como as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respectivamente, rua do Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira.

MONTEIRO LOBATO



SALAO DE 1919



SAUDADE

Quadro de Silvia Meyer

SALAO DE 1919



CINZAS

Quadro de André Vento



*O lyrismo apaixonado, que tão bem vai
ao nosso meio "idíota" e tanto é da índole
da nossa gente, continúa a ter como aqui se
vê um dos seus melhores cultores em Gus-
tavo Teixeira, o suave poeta do Ementario
e da Lyra Azul.*

VERSOS BRANCOS

*Que dia triste! Um vento de procella
Desde as primeiras rutilancias d'Alva
Açoita as hirtas arvores transidas
Que, embuçadas nas chlamydes de folhas,
Plangem em cõro como extranhas harpas...
Chove. Sosinho nesta muda alcova,
Onde as minhas saudades turturizam,
Sinto um tremor de lagrimas nos olhos
Sonhando ouvir a musica celestes
Da tua voz que sôa na minh'alma
Como uma etherea nota de violino...
Todo o meu peito abraza! Em vão, ás vezes,
Busco nos livros lenitivo ás dores
Que no meu peito brotam como espinhos!
Debalde! Em cada pagina que leio
Teu nome está gravado em letras d'oiro!
Tão longe estás, tão longe! No entretanto
A tua imagem me apparece e brilha
Em toda parte! A' luz da lua, vejo-a
Apanhando jasmims na Via Lactea
E na radiante Ophir das nebulosas
Envolta numa poeira crystallina!
Vejo-a nas jojas nuvens de cambráia,*

*Toda de branco, á imitação de um lyrio,
Do qual possues a candidez e a alvura,
Com o laço azul de jita no cabelo,
Como no extremo dia em que nos vimos!
Vejo-a nas flores, cujo aroma ardente
Me recorda o balsamico perfume
Dessa bocca em botão, que desabrocha
Para o sequioso enxame dos meus beijos!
Vejo-a no altar, na imagem de Maria
Que julge distribuindo allivio e bençans
Aos desgraçados que não têm guarida,
Aos quaes promete abrir as portas d'oíro
Do palacio lucifero dos astros!*

*Estás tão longe e estás tão perto sempre!
Si os olhos abro, vejo-te de frente,
Si os olhos fecho, vejo-te em minh'alma!
Estrella, tu julguras noite e dia!
Que amor! Que louco amor! A' noite, quando
Busco no somno ephemero repouso,
Sonho contigo: — e, nos meus sonhos, linda,
Vens te sentar ás bordas do meu leito,
Murmurando-me phrases carinhosas!
Beijas-me a fronte com noíval ternura,
Passas as mãos de arminho em meu cabelo
Com um sorriso que é o florir de um sonho!
E que doce meiguice se reflecte
No brilho avelludado dos teus olhos
Que tanta vez por mim já têm vertido
Fios astraes de liquidas turquezas!*

*A' tarde, quando as sombras das montanhas
Abrem as frias azas nebulosas
E as fontes balam como ovelhas mansas
Tresmalhadas em gandaras longinquoas,
Eu, ferido por inímas tristezas,
Vou procurar um balsamo nos campos,
Sob o docel das frondes viridentes
Onde as aves penduram os seus ninhos
Tecendo ás flores madrigaes maviosos.
Meu amor! meu amor! si tu soubesses
Como hoje as minhas horas são escuras!
Só Deus, que vê nos intimos sacrarios
Dos corações as chagas cancerosas
Que o implacavel destino ás vezes abre*

*Com o ferro em braza de um amor eterno,
Só Deus conhece as minhas amarguras
E a dôr dilacerante que ha de em breve
Envolver-me na tunica gélada
Que a gente veste para todo o sempre...*

*Punge-me sempre tragica saudade
Do tempo em que a teu lado, como em sonho,
Eu tinha em caaa instante um paraizo!
— Do tempo d'ouro em que eu cingia ao peito
Esse corpo de linhas harmoniosas,
De ondulantes contornos impeccaveis,
Como uma grega estatua peregrina
Que a mão de Phydias cinzelasse em jaspe!
Que roseas tardes, que manhãs edeneas
Passamos juntos! Que divinas cousas,
Cheia de amor, ciciavas, sussurrando
Aos meus ouvidos candidos segredos!
Ah! que saudades do teu beijo! Ainda
Guardo o sabor daquelles que me deste
Em hora de ventura inenarravel,
Feitos de mel do Hymeto e de ambrosia!
E' uma fonte de rosas essa bocca,
E os teus beijos são hostias de perfume
Que a alma communga em extase, de joelhos!
O' meu anjo da guarda, com que magua,
Com que delirio evoco a imagem tua
E murmuro o teu nome idolatrado
Que é uma enfiada de perolas sonoras!
Lyrio celeste, como eu te amo! Nunca
Houve um amor mais alto e mais dorido,
Do que este que em meu peito ardê e flameja
— Estrella azul que a aurora não apaga...*

*Em torno de minh'alma, que pranteia,
Borboleteiam chusmas de lembranças
Como legiões de colibris radiosos
Nas tardes de ambar em redor de um lyrio...
Como um espelho magico, a memoria
Reproduz-me perfeita a imagem tua,
Traço por traço, encanto por encanto:
— Esse todo de Ophelia, as mãos pequenas
Que nas minhas viviam aninhadas,
O alvor da tez de immaculada neve,
Onde os meus beijos punham tons de rosa,*

*O torrencial cabelo que eu soltava
 Para ver-te vestida d'ouro e seda,
 Tudo tenho presente, archanjo amado!
 Vejo-te ora ridente, ora chorosa,
 Mergulhando os teus olhos compassivos
 De uma expressão de magua inolvidavel
 No fundo dos meus olhos, onde explendes
 Como no Oriente a pulchra estrella d'Alva!
 Quanta vez, minha fronte unindo á tua,
 Prendendo-te de leve nos meus braços
 E aspirando o dulcissimo perfume
 Do teu longo cabelo desatado,
 Quantas vezes (perdoa-me, querida!),
 Te fiz chorar, cruel, vendo orvalhar-se
 O teu rosto de lagrimas preciosas,
 Para depois, cobrindo-te de mimos,
 Enxugal-as de joelhos com meus beijos!*

Que amor! que louco amor! alma adorada!

(Dos «Poemas lyricos»)

O SALGUEIRO

(Lenda)

*Não logrando acalmar o odio dos insensatos
 Que uivavam em redor do Immaculo Cordeiro
 Ordenou ao Lictor, então, Poncio Pilatos
 Que o mandasse açoitar, despido o corpo inteiro.*

*E, atado a uma columna o Mestre, entre os maus tratos
 E as vociferações do bando carniceiro,
 Sem que batesse um só dos corações ingratos,
 Fez-se a flagellação com ramos de salgueiro...*

*Desde então ficou sendo essa arvore a mais triste
 E a mais digna de dó que neste mundo existe,
 Debruçada, a planger, ás bordas de um paul!*

*Sempre e sempre a chorar o seu viver mesquinho,
Nunca mais o infeliz pode embalar um ninho,
Nunca mais pode alçar os braços para o Azul!*

BALLADA

*Desde que vieste, foragida
Estatua da Hellade pagan,
Quebrei a lyra enternecida
Em que gemia como Ossian.
Minha esperança não foi van!
A illuminar meu paraizo,
Explende a estrella da manhan,
A doce luz do teu sorriso!*

*Si a tua fronte enlanguescida
Beijo num gesto de galan,
O olhar me volves, commovida,
Do rosto em purpura a maçan.
Em em tua bocca de roman,
Onde alvas perolas diviso,
Fulge uma gemma em brilho irman:
A doce luz do teu sorriso.*

*Tu és o sol da minha vida!
O teu amor de castellan
De um antro jaz jardins de Armida
E dá-me a força de um titan...
Eis-me, ajinal, na Chanaan
Dos sonhos d'oiro, onde improviso
Loas a Deus e odes á Pan,
A' doce luz do teu sorriso!*

OFFERTA

*Será de espinhos amanha
O chão de flores que hoje piso,
Si me faltar, Aldebaran,
A doce luz do teu sorriso!*

GUSTAVO TEIXEIRA.



O ROUBO DA CRUZ PRETA

Ao leitor de hoje, contemporâneo de Sherlock Holmes e do cinema, o título sugere a ideia de complicado romance policial. O facto se deu, porém, ha noventa annos, antes da photographia e dos heroes de Conan Doyle: é pura e simplesmente a mais remota troça de estudantes de que ha noticia em São Paulo.



rua Quintino Bocayuva, assim denominada por força da resolução de 16 de novembro de 1889, pela qual os srs. edís quizeram galardoar um dos fundadores do regimen recém-nato, teve em 1780 o nome da rua do conego Thomé Pinto, em 1809, rua do Principe, homenagem ao futuro D. João VI, de algum capitão-general desejoso de agradar sua alteza. Mas o povo não accitou o novo baptismo: só conhecia a rua da *Cruz Preta*. Entre 1800 e 1828 deve-se fixar a data da erecção. Ignora-se que assassinato devia commemorar. O costume, ainda commum no interior, e corrente aqui, como era no tempo, fez surgir em S. Paulo outras cruzes: a Santa Cruz dos Enforcados, em memoria do Chaguinhas; a do Pocinho; a da rua das Palmeiras; a Santa Cruz do Piques, que era a mesma Cruz Preta. Na rua de S. José, no lugar onde Libero Badaró foi atirado, logo tambem a piedade popular collocou uma cruz. A Santa Cruz do Piques (pasmem os amigos do passado!) já não existe.

Tivemos curiosidade de ver-a: o objecto de supplicio estava fadado para tristes fins. Depois do banho no Anhangabahu', desapareceu, e foi, quem sabe, levada ao

fogo para cozer o macarrão de algum carcamano amigo de nossas tradições. Hoje só existe a capellinha. Segundo informação por mim colhida, foi habitada por gente de má nota e é alugada agora como parte de um cortiço.

Os rapazes do Curso Jurídico, ao tempo em que me reporto, não raro desmentiam o proveito das lições. Partidários de Proudhon, frequentemente contrariavam o direito de propriedade, exercendo rapinagem sobre cabritos, peru's e gallinhas. Até o lindo veado de ouro, emblema de uma pharmacia allemã, na rua de S. Bento, desapareceu mysteriosamente. Graças a este suggestivo annuncio, estampado no *Correio Paulistano* o sr. Schumann poude rehaver o emblema: «Pharmacia Veado de Ouro, rua de São Bento. O ILLMO. SR. LADRÃO, que, na nôite de *tantos*, levou do frontispicio deste estabelecimento o veado dourado que lhe servia de emblema, terá a bondade de vir ou mandar restituir, nesta casa, á rua de S. Bento n.º *tantos*. Garante-se absoluto segredo e uma gratificação de 50\$000.»

Não se reproche muito aos moços darem-se á pratica de taes actos. S. Paulo era triste, pequenina, queda como uma cidade belga. Os estudantes para não morrer de tédio, e soffrer menos o contraſte da cidade centenaria e sua estuante mocidade, faziam de vez em quando a sua pandega. Quem applaudirá o rigor com que o cons. Pires da Motta, specimen paulista «daquelle antigo typo fradesco e bruto», de Coimbra, perseguiu os rapinantes? chegou a mandar amarrar um que resistiu á prisão. A tradição perdura, menos honrosamente conservada do que outras. Neste S. Paulo actual, de fabricas, chaminés e «industrias reunidas» ainda houve estudante que surrteou a mumia, vestal caricata do templo do direito. Como havia de tremer de indignado o Pe. Vicente Pires da Motta, ao ter, no outro mundo, noticia do rapto!

Em 1829 os estudantes roubaram o grande madeiro da rua do Principe, e o deitaram ao Anhangabahu'. E' a mais remota troça de estudantes de que ha noticia. O facto era vagamente conservado pela tradição. No precioso livro «Reminiscencias e fantasias», encontra-se a compiefa descripção feita por uma testemunha de vista. O visconde de Araxá, estudante em 1829, refere pormenores inéditos e extremamente interessantes. Transportar essa descripção para a nossa prosa incolor, seria destruir o encanto que possui o menos conhecido e mais engraçado chronista da velha Paulicéa. Veremos ao depois como é possivel glqsar o valioso depoimento.



* * *

«A rua de S. Paulo, a que me refiro, tirava a sua denominação de uma grande cruz pintada de preto, que existia em uma esquina, e cujos braços excediam á altura das sacadas do sobrado, ao qual estava encostada. O povo tinha grande fé com essa cruz, e ali resavam á noite e faziam grande festa no dia 3 de Maio.

No meu tempo morava nesse sobrado uma familia numerosa, de que fazia parte certa moreninha de olhos vivos e buliçosos e que muito attrahia as vistas dos que por ali passavam. Nunca aquella cruz teve tantos adoradores.

Bem ou mal fundado, correu um boato de que um feliz maganão trepava todas as noites pela cruz, saltava sobre a janella da direita, e só se retirava ao romper do dia. Isto revoltou a estudantada.

O estudante em geral bem pouco se importa com as theses de moral, e com as cruces brancas, amarellas ou pretas; mas naquelle caso, onde entrava talvez alguma dósezinha de inveja, manifestou-se geral indignação contra o maldicto que assim profanava o sagrado lenho. Se fosse por alguma velha, ou por alguma escrava da casa, paciencia: mas pela moreninha, a quem mais de um tinha dirigido embalde sonetos e madrigaes, era uma immoralidade imperdoavel, que excedia as raías do desaforo. Cuidado com o estudante quando dá para proteger a moral. Ninguem pôde com elle!

Reuniram-se alguns estudantes e combinaram sobre o melhor modo de pôr cobro áquellê escandalo.

O conciliabulo foi presidido por um estudante de vinte e tantos annos, que veio de Coimbra, concluir seus estudos em a nova Academia, e que era um oraculo para os outros, já pela idade, já pelo brilhante talento, e já por ser um laço de união entre a nova e a velha Coimbra. Este veterano tomou a si formular o plano, e fê-lo com mão de mestre, distribuindo os papeis, prevendo e providenciando todas as minudencias de modo a não haver hesitações no campo de batalha. Era uma noite, a horas mortas, luar claro como o dia, cerca de trinta a quarenta estudantes escolhidos dirigiram-se ao lugar ajustado. Uns subiram como gatos, e da janella ataram fortes cordas aos braços da cruz enquanto outros serravam o pedestal rente com o chão. Concluida o operação os de cima foram descendo o pesado lenho com todo o vagar e silencio. Posta a cruz no chão, começou a parte mais laboriosa, a conducção daquelle immenso madeiro, pesado como ferro. Quan-



A famosa Cruz Preta, da Rua do Príncipe, em S. Paulo, (hoje Rua Quintino Bocayuva) cujo furto se considera a mais remota troça dos estudantes paulistanos.

(Reconstituição de Wash Rodrigues)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

do os vedetas avistavam alguma patrulha, davam signal, e nós punhamos, quero dizer, e os carregadores punham a carga ao chão, deitando por cima os seus capótes, e sentando-se sobre elles.

Quando chegava a patrulha, perguntava invariavelmente o commandante:

— O que fazem aqui os senhores estudantes?

— Estamos, respondia um, gosando do bonito luar, e recordando a nossa sabatina de hoje. Que lindo luar, camarada!

— Está bom; mas não vão fazer alguma.

— Nós somos cidadãos pacíficos, e mais pacatos que um «guarda nacional». Alguns de nós até estão se preparando para frades, e desde já se comportam com a mansidão de quem espera obter algum dia, com a ajuda do santo refeitório, o mais reverendo dos cachaços!...

Os da patrulha riam-se recebiam muito contentes alguns cigarros, e continuavam o seu passeio policial. Quasi ao romper do dia, os carregadores chegaram extenuados de forças á beira do rio, e nelle lançaram o grande madeiro.»

Célere correu a noticia do desaparecimento da cruz. A rua encheu-se de beatas que commentavam e explicavam o facto. A mais assanhada era uma velha, lavadeira do chefe da expedição. Logo foi procural-o, contou-lhe o caso extraordinario, e o malandro do estudante disse então que em sonhos vira um grande clarão na rua e quatro ou cinco anjos carregando a cruz com canticos e louvores ao Altissimo. O milagre foi logo conhecido de toda a cidade, e o numero de anjos elevado a centenas. Dias depois o Manoel da Ponte encontrou e recolheu a cruz. Tanto maior foi o desrespeito, quanto o Anhangabahu' tem o diabe no nome.

Tivemos certo escrupulo em copiar textualmente a confissão do cumplice, pelo modo por que se refere aos dois personagens. Fica ao criterio do leitor descontar o accrescimo de *fantasia* com que o autor salpicou as suas *emintiscencias* sem suppor que, passados noventa annos, um curioso de cousas velhas, havia de identificar os namorados. Porque, de tudo, o mais interessante seria descobrir esse typo tão brasileiro de moreninha, de cujos labios pendiam os corações de uma geração academica, a Julieta de S. Paulo, e o Romeu da «Cruz Preta».

Se soubessemos qual a «familia numerosa» que em em 1829 habitava o sobrado da esquina; se soubessemos que uma moça da familia casou-se nesse anno com um estudante, sendo o enlace precedido do romantico episo-



dio de ser o noivo surpreendido «tentando» escalar as janellas da casa, segundo a tradição; havendo coincidência das datas, — parece que nenhuma duvida pode restar.

Imaginemos, custa tão pouco! — que o plano de frei Lourenço surtisse effeito, e Romeu e Julieta, com todo o prosaismo da realidade, tivessem recebido no altar a benção nupcial. Qual seria o fructo desse hymeneu? Um trovador poeta, romantico sonhador...

No sobrado, que existe de facto, sem jardim, como a casa imaginaria de Verona, morava o conselheiro Joaquim Ignacio Silveira da Mota.

* * *

Na noite de 14 de Novembro de 1829 ardiam em chamma de festa os cirios da igreja de Santo Antonio. Pelas oito horas repicaram os sinos: era o cortejo. A noiva, um Murillo descido da tela, os cabellos negros cacheados, afaçando o alabastro do collo, manejava com donaire as saias de grande rôda, do vestido vindo da Côrte. Vinha pelo braço do pae, solenne desembargador, muito escanhado, afogado em collarinho de gomma, orgulhoso da commenda de Christo. A' cauda do par, o noivo de casaca e botões doirados, grande cartóla de abas arqueadas; testemunhas e convidados. Havia flores nas mantilhas, sobre o cabelo das mulheres á moda espanhóla. Um silencio. Ouvio-se até o crepitar das vellas. O padre lançou a benção. De novo se forma o cortejo, e deixa a igreja subindo a rua Direita. E enquanto o menino do côro empunha a mão de judas para apagar as veílas, o padre na sacristia, abrindo o livro 4.º dos casamentos, escreveu á pagina 221, em cursiva caprichada:

... com licença do Excellentissimo Senhor Bispo, e dispençadas, pelo mesmo todas as deligencias, convindo o Illustrissimo Pay da contraente, em presença do Reverendo Padre Francisco José de Almeida, se recêberão em matrimonio, por marido e mulher, com palavras de presente, Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e Dona Maria Luiza Carlota Silveira da Mota.»

Em uma sala do sobrado, com janellas deitando para a rua, dois annos mais tarde nascia um menino que na pia baptismal teve o nome de Manoel, e em vida se chamou Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

V. DE P. VICENTE DE AZEVEDO



O SALÃO DE 1919



SENTADO diante do quadro *Os inconfindentes após a condenção*, do pintor Almeida Junior, estava um senhor roliço de fraque, com uns botões d'ouro no colete de flanela branca, amoldado com justeza ao ventre bojudo... Tinha por baixo dos bigodes bastos e retorcidos a ferro de frizar, um sorriso sincero e basbaque. As mãos pelludas e abrilhantadas se espalmavam sobre as coxas gordas. O olhar parecia fixar o infinito e da bocca aberta sahia um oh! de immensa admiração...

Fixei o homem e observei o quadro.

Admiravel é este Brasil! Apesar da grita constante, eterna e impertinente a commissão organisadora de nossas Exposições de Bellas Artes não toma o cuidado indispensavel e justo, de organizar certamens dignos de nosso brilhante passado artistico.

A impressão que deixa a orientação da commissão, é a da necessidade de se encher com quadros e mais quadros, estatuas e mais estatuas as salas da Escola de Bellas Artes destinadas a exposições annuaes. A quantidade domina sempre a qualidade. Parece necessario expôr muito, expor tudo, seja bom ou seja máo.

Dizem que a commissão recusou este anno 60 % dos trabalhos que se apresentaram. Se tivesse recusado 90 % ainda seria necessario fazer uma selecção para que o salão fosse o *succo*, como certamente qualificaria alguma melindrosa de nossos tempos...

O lamentavel, porem, é que o Sr. Almeida Junior não podia expor um trabalho como o referido onde a desorientação é total, as figuras forçadas, desequilibradas e mal des-

tribuidas, o colorido sem vida, a expressão das phisionomias falsa. Dizia o dono de um espirito maldoso que me acompanhava na visita que a impressão que lhe davam as figuras angustiadas do quadro, não era a do infortunio e angustia de uma morte proxima, occasionada por um laço de corda apertada ao pescoço, mas sim a da imminente queda fatal de todas ellas, pelo plano inclinado da prisão, que certamente os atiraria ao inferno. E como não tivessem onde se agarrar levantavam as mãos na esperança de se poderem salvar, agarrados ás suas proprias almas ...

A minha impressão, porem, não é esta. O Sr. Almeida Junior certamente fez o seu trabalho com pressa, sem estudar, nem meditar na responsabilidade do seu já não pequeno renome de artista. E' por isso que lamento muito sinceramente que se tenha apresentado tão mal ao salão deste anno.

Aliás, todo o salão é fraco, principalmente na secção de pintura. Falta originalidade, cultura e estudo á massa forte dos nossos pintores; com valiosas excepções a maior parte emprega uma technica outorgada e não tem personalidade. Os assumptos são geralmente banaes e sem interesse.

Destaco dos que não fazem parte desta cohorte, os irmãos Timotheo, ambos trabalhadores anciosos de engrandecerem com talento e esforço constante, o justo renome grangeado. Arthur apresenta, entre outros, um retrato bastante curioso e original. Nota-se que o artista é dono de um pincel vigoroso e pessoal.

O mesmo acontece ao seu irmão João. Dos tres trabalhos que expoz — *Aprendiz*, *Paysagem* e *Lendo* o que mais agradou ao meu espirito foi a — *Paysagem* — onde uma orgia de tinta amarella dá uma impressão curiosa e inedita. Só pode aliás, carregar assim nas tintas, desassombradamente, quem é senhor de seu officio e sabe o que está fazendo.

O Snr. André Vento apresentou um trabalho de grande vulto — *Anjos* — conseguindo dar-lhe um suave tom de nevoadas compacto. Apesar de não agradar a disposição um tanto forçada de algumas figuras, o quadro do Snr. Vento é original e está arrojadamente executado.

Coelho Magalhães, que no salão do anno passado apresentou um excellent retrato, este anno expõe *Ao entardecer*, quadro pintado com emoção e arte, o que lhe valeu o premio Galeria Jorge. Com o brilho de sempre Car-



los Oswaldo, talvez o mais *artista* dos pintores novos, expõe dez trabalhos.

O que, porem, me pareceu mais delicado e que talvez tenha passado despercebido por estar mal collocado, é seu *Estudo de cabeça*, aquarella muito esbatida e suave. Pena é que o artista não tenha exposto uma das aguas-fortes, em cuja arte é mestre.

Outro pintor de muita personalidade é o Sr. Leopoldo Gotuzzo. O colorido de suas *paysagens* é sempre vivo e ha sempre nellas um raio de sol de verão... A influencia dos *paysagistas* hespanhóes, foi benefica para a arte de nosso patricio. Elle compreendeu bem a côr do ceu do sul da Hespanha e da França e a transmite com fidelidade e emoção... Os *Nús* do Sr. Gotuzzo tambem são suggestivos e bem feitos. *Nu' de mulher* e *Estudo de nu'*, são dos melhores trabalhos do salão. As posições que escolhe para seus modelos, não são das mais faceis mas consegue impressionar o observador, pois a carne de seus *Nús* é sempre viva, quente, real...

O Sr. Antonio G. Bento é uma marinhista que se impõe pela maneira tambem pessoal de pintar e é dos melhores expositores deste anno. O mesmo não acontece com o Sr. Carlos Baliester, cujas marinhas parecem crômos impressos em papel *couché*...

Antonino Mattos premio de viagem de 1914, lucrou seriamente com o que aprendeu nas plagas européas. Expõe nada menos de quinze trabalhos de esculptura e sete quadros. Em qualquer uma das duas artes o Sr. Antonino Mattos é admiravel. Prefiro-o, porem, como esculptor.

E' difficil citar o melhor trabalho. De memoria lembro de *Tendresse* — terra cota delicadissima, *Estudo de expressão* — gesso muito bem trabalhado e muito suggestivo, e *O sentimental*, outro gesso optimo.

E' um artista de talento e de imaginação, os motivos de seus trabalhos são sempre elevados. Deve possuir, um espirito que fôra nas alturas familiar aos sonhadores e eleitos da arte...

Como pintor é emocionante e calmo: *dia de inverno*, *Manhã fria* e *Efeito de sol* bem o demonstram.

Confirmando o seu bello nome de artista o Sr. Carlos Chambelland, se apresenta com dois retratos, muito bons e elegantes.

Podemos ainda citar o Sr. Eugenio Losso, cuja interessante *Paqueta* é um curioso typo de hespanhola morena de olhar intelligente e esperto; o Sr. Lucilio de Albuquerque cujo quadro os *Primeiros frutos* é de uma feitura fôra

de commum, tem vida e alma e confirmam a mão de mestre de quem o pintou; Antonio Rocco, que é um pintor firme e também tem personalidade, e, finalmente, o bisarro Sr. Helio Seelinger inconfundível na riqueza de suas extravagancias. Apresenta este anno, entre outros, duas paysagens *Jacarépaguá* e *Leblon* que são das curiosidades aproveitaveis deste fraquissimo salão.

* * *

A grande medalha de ouro foi conferida ao Sr. Carlos Reis, illustre pintor portuguez, que bons ventos trouxeram á nossa terra.

Apresentou-se o Sr. Carlos Reis com dois trabalhos. *As commungantes* e o *Retrato de Melle. I. C.*

O primeiro dos trabalhos citados já havia sido exposto e admirado, no Gabinete Portuguez de Leitura, onde o artista fez uma maravilhosa exposição, incontestavelmente das melhores que nestes ultimos tempos temos tido occasião de examinar. E o *Retrato de Melle. I. C.* é incontestavelmente o melhor trabalho e muito se distancia dos poucos que podem ser classificados de bons.

Por ser muito superior a tudo o mais que foi exposto o trabalho do Sr. Carlos Reis impressiona o visitante e quem o observa com cuidado, reconhece facilmente a alma sensibilissima de quem o pintou. O artista não é mais um moço e ali está para confirmal-o, alem de seus cabellos e barbas brancas, o seu filho, o pintor João Reis, que apresentou ao «Salão» um vigoroso retrato a carvão, onde o traço firme e elegante, é uma clara demonstração de afinidade que existe entre a sua alma e a de seu pae e mestre.

Apesar de não ser um moço Carlos Reis está no apogeu de sua gloria de artista e cada trabalho que executa é a confirmação de um talento poderoso, amadurecido no labôr diario de uma vida perenemente dedicada a uma arte nobre, elevada e eterna.

O retrato que expõe o Sr. Carlos Reis é dos muitos feitos pelo artista, depois de sua chegada ao Rio. E' portanto um de seus ultimos trabalhos. A mocidade e a vida que o pincel sabio do artista imprimiu a tella, é palpitante e encantadora.

* * *

Pedro Bruno obteve o premio de viagem, distincção também muito merecida.

E' elle um artista cujo periodo trabalhoso de dedicação á sua arte, o recommenda á admiração de todos. A gran-

de tela que expoz, *Patria*, só Deus sabe o que lhe deve ter custado de sacrificios para pintal-a.

Cheia de bellas qualidades, como sejam o colorido, a luz, o motivo e o acabamento do trabalho tem para mim dois defeitos, um dos quaes não cabe ao pintor, mas sim ao meio em que trabalha, onde tudo falta para a execução de um grande quadro. São estas observações simples reparos que em nada diminuem o valor global do trabalho, nem diminuem a minha admiração pelo artista. Em primeiro logar nota-se a má disposição de algumas figuras que compõem o quadro e em seguida o facto de ter sido necessario servir-se do mesmo modelo para quatro figuras differentes.

Ha porem um ponto de ordem moral que muito eleva na admiração de todos o Sr. Pedro Bruno.

Desse quadro disse Coelho Netto:

«E' na Belleza, que a alma paira, e para ella que se eleva em surtos anciosos fugindo ás repugnancias que, a cada passo, se lhe deparam na vida. No seu quadro o que logo, á primeira vista me impressionou foi, como direi? o invisivel, a espiritualidade que se evola do assumpto, como essa translucida vibração que sóbe dos campos aquecidos nos dias de grande sol.

Ha ali um formoso poema, cuja idéa em vez de estar disposta em versos eloquentes, reluz em cores; que, em vez de imagens, apresenta figuras; que, em vez de soar em rimas raras, esplende em luz.

E' o interior de uma casa pobre, aberta sobre um horizonte largo e luminoso. Um grupo de mulheres marcando idades várias, ajusta e cose os pannos de uma bandeira immensa.

Ha em tal trabalho alguma coisa de mysterioso que faz pensar em rito. Eil-as ali, as mulheres, compondo um ideal e cada uma d'aquellas lavrantes é um typo: esta, de madeixas brancas, rosto engelhado, olhar amortecido e baixo, fixo na pedra lareira, é a tradição; a que se assenta nas raizes, e distribue serenamente a ordem, aquella que trabalha a sorrir, com os olhos illuminados, em pleno viço, loura de sol, com as faces como rosaes, é a primavera da casa; outra, além, é a maternidade feliz, com o pomo do collo farto na flôr de uma pequenina boca. Aqui, a velhice somnolenta, adiante a infancia brincalhona — dois polos de indifferença, o do esquecimento e o da ignorancia, e, entre extremidades taes, as costureiras do symbolo, as mulheres compondo o pavilhão ainda em terra, mas já ondulando em alores de vôo.»

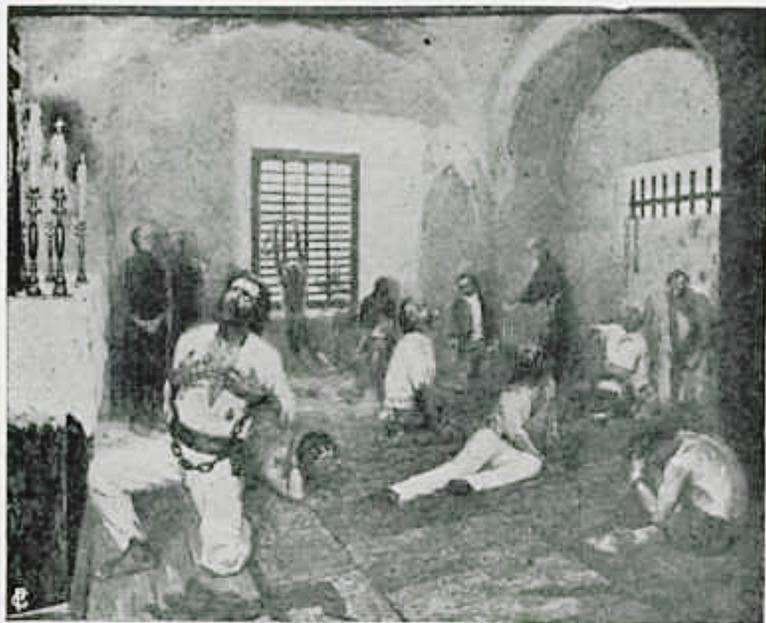
SALÃO DE 1919



Retrato do actor Barboza

Oleio de A. Timotheo

SALÃO DE 1919



Os inconfidentes após a condenção

Óleo de Almeida Junior

Como paysagista, quem mais elogios merece é o Sr. Levindo Fanzeres. As suas paysagens são bellas e entristecem.

Ha em todas ellas o ar calmo da tarde e fazem pensar no trabalho constante e exaustivo sob o sol que acaba de morrer ... *Final do Dia* suggere todas as bellezas dos crepusculos brasileiros, na sua variação abundante de côres roseas... Lembram as paysagens do Sr. Fanzeres, versos de suave saudade, meiga e consoladora.

Como nos annos anteriores Mestre Baptista da Costa se revela o grande interprete de nossa natureza.

Eu não vejo na obra do Sr. Baptista da Costa aquella *impassibilidade da perfeição* notada pelo espirito encantador que é João Luzo. As paysagens de Baptista da Costa tem o dom de me emocionarem profundamente e não me arrependo nunca de perder horas admirando-as.

Já não faço o mesmo diante das paysagens de seu discipulo Paula Fonseca, a quem o mestre não conseguiu transmittir um pouco de sua alma emocional. A *colheita de capim* parece um brinquedo de creança: tudo muito bem arrumadinho e muito durinho ...

Delicadas e suggestivas são as minuciosas paysagens do Sr. Alvim Menge, que em quadros de um palmo de tamanho consegue maravilhas de arte.

Mas, são poucos, muito poucos os nosso paysagistas que merecem attenção e estudo. E isto é incompreensivel. Nenhum paiz, mais do que o nosso, possui melhores qualidades para os olhos de um pintor. A belleza natural de nossa terra, a exuberancia exaustiva de nossa natureza formidavel, o azul incomparavel de um ceu eternamente bello, raramente encontram interpretes fieis e emotivos.

Nestes ultimos annos, quem melhor sentiu a nossa terra e as nossas montanhas, foi um estrangeiro: Granner.

O proprio Parreiras, ultimamente preocupado em se tornar figurista, o que é um erro imperdoavel, raramente nos mostra aquellas paysagens bellissimas, que foram das minhas melhores e maiores impressões de arte.

Este anno o quadro que expoz, *Agonia*, bem o demonstra. A féra ferida é secundaria e a paysagem que a envolve já não tem aquelle poder de impressionar como os anteriores. O verde não é o verde escuro de nossas mattas, caracteristico e inconfundivel.

Das expositoras a que melhor se apresentou foi a Sra. Georgina de Albuquerque. *Duvida* é um quadro que deve falar á alma de todos os que amaram.

Notamos ainda a Sra. Sylvia Meyer, com tres *pasteis*



bem cuidados, a Sra. Regina Veiga com um bom retrato e a Sra. Amélia S. de Oliveira com um *Moinho* bem pintado e com bons efeitos de sombra e luz. O melhor trabalho, porém, desta expositora é na sessão de escultura, uma cabeça de criança, *Prestando atenção*. E finalmente a esculptora Maria Meyer, que expoz *Do fim da vida*, cabeça bem trabalhada.

Ha mais coragem e mais arte no temperamento de nossos esculptores. A imaginação artistica é mais ampla e produz concepções dignas de um pensamento aprofundado. A alma do artista é o principal factor de vida para uma obra de arte — o desenvolvimento do pensamento, que procura materialisar em formas harmonicas, um sonho bello ou uma emoção intima é sem duvida a origem constante das grandes obras.

Já dizia Rodin que as mulheres gregas eram bellas, mas que a belleza dellas estava principalmente no pensamento dos esculptores que as reproduziam. E é isto uma verdade. O que poderá representar numa tela ou num poema, um paspalhão sem alma, que procurasse representar as bellezas suggestivas de um crepusculo de verão ou os mysterios insondaveis de um corpo de mulher? ...

E notamos, nos nossos esculptores, principalmente nos mais novos, um grande desejo de sonhar mais alto e de sahir da curriquirice academica de fazer coisas muito bonitinhas e muito sem alma. A belleza em arte não é o bonito, mas sim o que suggere uma emoção, que faz vibrar os nossos nervos, que extasia os nossos sentidos.

Não citando Corrêa Lima que é um mestre que todos os annos demonstra de um modo positivo um progresso constante, e o Sr. Antonino Mattos, de quem fallamos acima e que tambem já é senhor perfeito de sua arte devemos mencionar Celso Antonio, Francisco de Andrade, cujo *Prometheu* é uma obra cheia de bellas qualidades, Modestino Kanto, Samuel Martins Ribeiro, Magalhães Corrêa, que expõe uma *Iguassú* encantadora nas suas linhas suaves.

O que porem mais me encantou, entre os trabalhos expostos pelo Sr. Magalhães Corrêa foi a — *Faceira* — pequeno trabalho de bronze e marmore. O sedoso do pello da panthera é visivel e ha no conjunto do trabalho alem de uma linha elegantissima, uma grande impressão voluptuosa.

O casal Pinto do Couto tambem confirma uma reputação imposta por um merito real. A senhora Nicolina Pinto



do Couto expõe uma cabeça de bronze, extraordinariamente expressiva. É um trabalho cheio de graça e elegancia.

Para finalizar esta reportagem, já mais longa do que era de desejar, devemos fazer duas referencias ultimas. A primeira a Raul Pederneiras e Luiz Peixoto, que muito bem apparecem com toda a intelligencia maldosa de seus lapis ...

E a segunda é uma menção muito especial a dois dos mais jovens artistas deste anno: o desenhista Alberto Martins Ribeiro e o esculptor Hildegardo Leão Velloso. O primeiro expõe um retrato do poeta Ronald de Carvalho, outro do pintor André Vento, e um estudo, *Duvida*.

Nota-se nos trabalhos do Sr. Martins Ribeiro, qualquer coisa de novo na feitura e na alma do desenho. O seu traço é firme a sua maneira é original e por vezes a parencença phisionomica de seus retratos é extraordinaria. A *Duvida* é uma obra prima de estudo phisionomico.

Tem-se a impressão de que os olhos do modelo estão fixos deante de alguma coisa infinitamente seria ... Uma scena do Tristão e Isolda, por exemplo ... Ha no alto a expressão de espanto e de duvida de quem receia ter comprehendido os mysterios do amor e da morte.

O Sr. Leão Velloso, como esculptor, tem as mesmas qualidades artisticas de Martins Ribeiro: principalmente muita alma.

A *Victoria da Democracia* é um difficil grupo de nu's (o primeiro feito pelo joven artista) e que demonstra bem o que poderá fazer, dentro de muito pouco tempo. Ha ar-rojo, idéa, bom agrupamento, anatomia regular, linhas energicas e expressões de angustia e de victoria no olhar dos vencidos e vencedores.

Expõe, alem disso, um *auto retrato*, que não tem de feitos e que parece incrivel ter sido executado por um moço de vinte annos.

Este busto de Leão Velloso e o retrato de Carlos Reis, são os unicos trabalhos que neste salão podem ser qualificados de perfeitos.

RODRIGO OCTAVIO FILHO





CARRILHÃO DE SYMBOLOS

A POESIA E O DINHEIRO

Magra e de um livor romântico, evidentemente a Poesia mal sustentava as forças no desprezo com que a circundava a gente material da cidade. Cantava, rimava por todas as praças e jardins, nos porticos, entre as columnatas e no baixo das muralhas. Da gente de negocio só mercadores de estofos mais finos, de perolas, de perfumes, ainda prestavam atenção á bruxa dos versos, a qual lhes embalava a alma, distrahindo-os do maço e peso da mercancia. Os outros, porém, negociantes de azeite ou politicos do forum nem supportavam mais a cegarréga do Rythmo e da Commoção. Fechavam-se até as portas dos pretorios e das tavernas quando a Poesia assomava nos atrios, com a sua lyra erguida.

Soffrendo da pirraça d'esse pouco caso, a Poesia deixara a agglomeração urbana e refugiara-se pelos ermos; e, como as estrophes que compunha não lhe fizessem nascer o trigo para os filhozes, nem cardar-se a lan de sua clamyde, vagava a abandonada excitando piedade apenas aos jaguares do monte, o manto rasgado a trapejar-lhe nas coixas e as melenas apolineas sem a bandeta de ouro que vendera a um usurario.

Ah! se errando por esses alcantis desertos, lhe fosse dado achar Dinheiro num cofre de malachita ou numa pannela de barro... Haveriam então de procurar ouvil-a...! E a Poesia, enlevada nessa visão terrena da Riqueza possivel, começou a entoar um poema de esperança.

Essa vida de Idealisação e de Canto não poderia alongar-se sem o sustento material da Pecunia. Mas, a Poesia que acabara de encontrar milhares de rubis e drachmas de prata sentou-se nas fraldas do Hymeto e começou a mo-

dular uma ode que Pindaro ditara a Baccho desavergonhadamente espichado entre os seios calidos de Eros. Devia ser o seu canto de cysne. Ia desfallecer num som murmuro de fonte o derradeiro hexametro, quando um pastorsinho, que vira a Poesia não abaixar-se para o Dinheiro, a interpellou prestemente:

— E não apanhaste as pratas e as pedras preciosas!

— Fiz uma imagem com os carbunculos e as moedas.

Deixei-os. Estava lindo por sobre o verde da alfombra...

E na sua tunica esfarrapada e longa, a Poesia depusera no rochedo a grande harpa que lhe emprestara Orpheu. Voltando a recolher os drachmas e os rubis, não houve meio de encontral-os mais.

A CALUMNIA E A OPINIÃO PUBLICA

Descendo do immenso tablado em que diverte a turba com seus pinchos e arrastos de velho saltimbanco, a Calumnia dirigiu-se immediatamente ao throno de Sua Magestade a Opinião Publica.

Esta, que tem tantas cautelas para receber meros reclamantes, embaraçando-os na ante sala com filas de alabardeiros, com officiosos criados de casaca ou de galão, os quaes examinam os titulos de precedencia e até a certidão de baptismo e o titulo de bacharel de cada supplicante, mandou abrir de par em par a porta principal do faustoso salão. Mal gyrara esta nos quicios, desceu a Imperial Pessoa Sagrada e Inviolavel de sob o docel, toda fremente de curiosidade e paixão inextinguiveis. A Calumnia muito senhora de si perdeu logo a cerimonia, arregaçou as saias de peixeira e desmandou-se nos peores gestos de zabaneira honrada pelo exito rendoso de seus assaltos e theatradas.

A Opinião Publica passou com mimo sobre a Calumnia o seu manto largo e pesado de um brocado raro. E logo começou entre as duas nojosas creaturas este dialogo bastante significativo:

— Tenho por ti attracções infernaes, disse a Calumnia, abrindo a bocca de esgoto.

— E's minha filha e amo-te com a lascivia derretida dos faunos da Atica, respondeu-lhe a Opinião Publica. Tuas fórmas que mudam ás vezes em vinte e quatro horas, teu rosto em que ha o horror de Gorgona e a impassibilidade de certas mascaras de bronze, teu riso de varias gammas, teu ar desabrido de affronta e geitoso de reservas, tua insinceridade revoltante, teu espirito de pesquisa e amor ao esterco, teus modos de saltarello e rigidez de marco ãe



pedra, tudo me acirra o desejo malsão que me sacode as entranhas. Pago-te bem os caprichos de sinuosa e mordente, dando-te abrigo noite e dia nos meus seios de loba. E enquanto te alimento, minha filha, estrebuchos nas cocegas que fazes...

O ODIO E A MORTE

Um horrendissimo bruto, que tinha o chifre frontal dos rinocerontes e o trazeiro ralado de um mono mandril, avançava bufando. Fazia tremer os mares e as montanhas. O céu tinha medo d'aquelle vil animalão que rangia os caninos á semelhança dos damnados do Orco. Os passaros fugiam e as corollas tremulas fechavam-se. A baba corria da dentuça em fios grossos de um liquido corrosivo e nauseabundo. Quem teria coragem de barrar o caminho ao monstro e procurar amaciar-lhe as cóleras transbordantes? Por vezes elle se embolava na fórmula encarpaçada de um tatu' gigante, de outra feita espichava-se no corpo viscoso e longo de uma sucuriju' escamosa e elastica, de outra achatava-se em arraia fulminatoria, ou encrespava-se nas patas de um vespão venenoso e zoinante.

Andava esse pachyderma urrando, dominando os pantanaes de em volta, quando a Morte que andava com a sua foice a caça de bisões, macacos e beija-flores, deparou o extranho habitante d'aquellas paragens. E logo explicou de si para si a livida segadora. Esse é o 'Odio. Conheço-o pelo rugido e transformações da casca invulneravel. Por onde passa é vomitando e atacando. O que é delicado e tolerante corre espavorido do temeroso e assanhado Protheu. E nisso o Odio aproximou-se da Morte com a fauce aberta para a devorar. Mas, a Morte extendendo no chão de uma só foçada o inimigo, lançou-lhe ainda por cima esta objurgatoria de triumpho:

— Porque abominas tudo?! Vou arrancar-te os dentes, meu rival! Aproveital-os-ei a embutil-os na queixada onde já me faltam os molares.

E a Morte debruçou-se a esgaravatar a bocca do Odio humano. Achou os dentes todos imprestaveis por se terem habituado até a morder as pedras sobre que ia tropeçando o Odio.

A GUERRA E A PAZ

Com a couraça amolgada pelo choque dos pelouros, a espada mais longa que a de Rhodomonte molhada em sangue fresco de todas as raças, a Guerra decidiu limpar o aço homicida pendido das mãos negras e crispadas. Aspirou o tredo paladino com fervor uma voluta de fumo que



escapava do tecto de uma granja bombardeada recentemente, e com o pé calçado de um cothurno de ferro abafou elle o fogo que ainda consumia uma palhinha inutil.

Acabava a guerra com effeito ue fazer uma obra de tremenda atrocidade. Pisara a Humanidade como o lagareiro esmaga uma carrada de uvas. Trouxera o Universo albardado de panico e soffrimento. Na agua, no ar e sob a terra as explosões e o gaz mortifero marchavam sob o commando incomplacente de um idolo anthropophago. A planta, a rocha, o homem despedaçaram-se a mais de cento e cincoenta kilometros das machinas de assassinio. O Mal tomou azas para a hecatombe, armou-se das garras da toupeira e revestiu-se das barbatanas dos peixes e da pelle dos camaleões...

A Guerra, estúpida e farta, cruzou os braços sobre o ventre abominavel onde morava a sua alma. Um riso alvar a desmandibulara até o fundo das guelas pestiferas. Burnido o montante e nada mais tendo a fazer, ella começou a esperar a Paz, concertando a corôa de louros que lhe pendia da calva e a qual estava toda coberta da poeira e pólvora das batalhas.

Quando a Paz chegou, a Guerra, enfadada por exhausta, fechou-se nesse terrivel silencio que succede aos estouros dos canhões sitiando uma praça. Então a Paz, com a mansidão dos seus rebanhos e a tranquillidade das suas searas, interrogou a carranca formidolosa do flagello, que continuava a arranjar as folhas marcescentes do seu laurel de glorias.

— Recolhes a tua ferocidade. Para que?

— Para te dar lugar, *sympathica* creatura.

— Amavel estás...

— E assim descanso e ganho folego. O homem ama a guerra porque descarrega os nervos abafados de irremediavel possesso. Passada a crise de escuma e de rancor, o epileptico assigna papeis e vae trabalhar, dansar e tocar flauta. Nesse tempo, és a mestra da existencia, fulgor do mundo sorridente que só pensa em crear filhos e desfiar romances... Mas quando o accesso volta, sou eu que decido a sangria reparadora e excito os borbotões da hemorragia. Demos as mãos, Comadre, sendo a minha antithese, és o meu complemento.

E a Guerra arregaçou os beiços sangrentos de hipopotamo e coçou as esfoladuras do rabo, parecendo contente de ter achado a razão do seu triumpho. A Paz enxugou os olhos furtivamente. Uma lagrima lhe alindara o azul celeste das pupillas.

ALBERTO RANGEI.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XIV

ESTAVA Angelo imerso em tão amováveis cogitações quando sentiu parar um carro junto ao portão do parque. Approximou-se então da sebe, a ver quem era, quasi certo de que se tratava de algum cliente do doutor. Chegou até a passar-lhe pela mente, como um relampago, a idéa de que fosse um emissario da casa do coronel Vieira. Estugou o passo, levando as mãos aos olhos, em concha, para os defender da luz e poder enxergar a distancia. Qual não foi a sua admiração ao ver descer de um tilbury o mesmo individuo em quem pouco antes havia pensado — o redactor da «Vida Nova», o homem-furacão que na vespera o procurara em companhia de Pataracchi e ficara de tornar ao dia seguinte pela resposta definitiva ao convite que lhe fizera.

Estranhou com razão que a visita annunciada se realisasse em hora tão matinal. Estava, porém, com tão benevola disposição de animo, que, ao conhecê-lo, não se agastou. Antes muito se alegrou de afinal ter com quem fallar um pouco em cousas que intimamente se relacionavam com o seu amor. Adeantou-se sorrindo, quasi pressuroso, a receber o estranho visitante.

Luciano, parado junto á grade, parecia hesitar sobre se iria ou não commetter um despropósito, apresentando-se tão cêdo. Tinha as palpebras descidas, o olhar nos pés, como quem entrava em consulta consigo mesmo. Angelo poude-o assim observar a pouco trecho, sem ser visto. Trajava comprida sobrecasaca, a mesma com que o visitára na vespera. Chapéo côco, gravata preta, physionmia so-

lemne e algo compungida — o todo enfim de um homem forte, sadio e apoplectico que, de volta de um enterro, ainda não houvesse tido tempo de desmanchar o aspecto adrede composto para a triste cerimonia.

Apenas deu pela presença de Angelo, desconcertou-se todo, pois não esperava tão de prompto encontrar-se com o joven. Mas foi obra de um instante. Recobrou-se subito, procurando a linha ideal onde a extrema gravidade se pôde casar com a extrema polidez. Porém vingou sómente explodir, como de costume:

— Batei, batei, e abrir-se-vos-á, diz o Evangelho. Eis porque aqui está de novo ás portas da fidalga generosidade do illustre amigo o humillimo redactor da «Vida Nova», Luciano Aymoré da Penha, seu admirador e servo... Tão intenso foi o meu desejo de poder contar com a sua preciosa collaboração na pequena festa patriotica organizada pela «Sociedade Nacionalizadora», de que sou o obscuro presidente, que aqui me tem novamente em sua presença, esperançoso e quasi seguro de que a minha petição já teve despacho favoravel no alto tribunal do elevado espirito de um dos mais bellos ornamentos da nossa sociedade, filho desse bellissimo céu da Italia tão justamente cantado pelos poetas...

E Luciano prorompeu em panegyrico tonitruante, que não tardou em encher todo o parque, até então relativamente silencioso, de enorme agitação, como se, ao envez de uma bocca, allí gritassem milhares de larynges poderosissimas. Não sabia fallar naturalmente. Discursava sempre, até para razer um cumprimento. E sentia-se que era sincero, sincero até a medulla dos ossos. Sua alma era um incendio de logares communs, de phrases feitas e imagens associadas, que se chamavam umas ás outras, arrastando-o ás vezes para muito longe do primeiro pensamento. Mas via-se bem que nada daquillo era nelle postição ou hypocrita. Sua vida, seu sangue, todo o seu ser vibrava e fervia num amontoado de periodos retumbantes. As metaphoras mais cansadas e tornadas sem relevo e sem brilho á força de repêtidas, achava-lhes elle o mesmo fulgor que teriam se fossem inventadas naquelle momento.

Ao cabo, como Angelo o atalhasse, convidando-o a entrar:

— Immensamente grato por sua extrema bondade, replicou com enfase. Mas hoje mesmo tenho que dar ainda innumeradas providencias para que a nossa reunião seja digna da alta sociedade que a ella vae concorrer... Oh! meu bonissimo senhor, este paiz precisa ser conhecido e

amado — o que é uma e a mesma cousa... Não fallo só da terra magestosa, da estupenda natureza, das florestas colossaes, dos ipês gigantescos, de todas as maravilhas que, do Amazonas ao Prata, brotam como das mãos de Deus, nova e assombrosa criação que enche de assombro aos que nos vêm visitar... Fallo da nossa historia, da historia gloriosa deste gigante que a Providencia nos deu por berço...

Ao fallar na Providencia, Luciano descobriu-se, e, como o effervescente entusiasmo crescesse cada vez mais, ficou com o chapéo na mão, agitando-o no ar. Tinha os cabellos revoltos, os punhos da camisa saltavam-lhe das mangas, o carão de um vermelho terroso tressuava, apesar de não fazer calor áquella hora.

Quando Angelo, depois de innumeradas tentativas baldadas de fallar, conseguiu fazer-lhe perceber que aceitava o convite e se compromettia a proferir o discurso, Luciano esteve quasi não quasi estourando de tanto encarecer, por todos os modos possiveis e imaginaveis, a belleza, a grande significação, a incomparavel grandeza daquelle acto. Mas quando o italiano (tanto póde a força do amor!) achou meio de revelar-lhe que se sentia mais brasileiro do que elle julgava — pois pretendia desposar uma brasileira, o patriota, positivamente assoberbado pela magnitude do que ouvia — visto como já havia exgottado todos os adjectivos laudatorios, encomiasticos e ardentes, bem como as imagens mais inflammadas e violentas que se possam imaginar — o patriota valeu-se do recurso supremo para mostrar o vulcão de entusiasmo que tal noticia lhe abria na alma — calou-se... calou-se e estendeu para Angelo a mão suada e tremula... Olhou para o céu, cabeça sempre descoberta. Queria talvez alludir á Providencia do Brasil, ao anjo tutelar deste paiz, á divindade preparadora do futuro da patria... Seria difficil adivinhar toda a significação daquelle gesto. O certo é que foi a primeira e unica vez da vida que Luciano sentiu a inutilidade da palavra e preferiu servir-se do silencio para exprimir um estado de alma.

Sacudiu longos instantes a mão de Angelo, olhando-o fito, sem fallar. Toda a sua pessoa transformara-se num cumprimento, num parabem, num louvor mudo e infinito. Depois, acenando ao tilbury, que se approximou, deu ao joven prolongado abraço de despedida, conseguindo então recobrar um como tenue filamento de sua voz de estentor para dizer:

— Até logo, meu amigo, meu patricio, meu irmão...



E desprendendo-se, a modo que dominado por emoção suffocante e anniquilladora, entrou apressadamente no carro, que se afastou ruidosamente, ao som de assobios e estalidos com que a um tempo a bocca e o relho do cocheiro espertavam os brios do animal.

Angelo sorria, mas ficara commovido. Afinal ia cumprir a dulcissima ordem da Maria Luiza. Faria o discurso para ella. Nunca sonhara a ventura e a gloria de vir a ter, por auditorio, tão linda e fascinadora mulher.

Ao voltar-se para a casa, deu logo com os olhos na figura molle e redonda do doutor Strauss, que assomára á porta todo mettido num amplo roupão de levantar. Já estava em pé. Despertara-o, antes da hora fixada pela solicitude de *frau* Mathilde, a voz estentorea de Luciano e Aymoré da Penha.

XV

Alguns dias depois, á esquina da rua S. Bento com a praça Antonio Prado, encontrou-se Angelo com o rotundo vendeiro Lorenzo Pataracchi, que o deteve um instante:

— O snr. já recebeu o ultimo numero da nossa revista?

— Que revista, snr. alferes? — perguntou o moço, meio atordoado pelo movimento de toda uma multidão apressada que lhe redomoinhava em torno.

— *Vita Nuova*, respondeu o obtuso sujeito, com um sorriso beatifico.

— *Vita Nuova* é uma obra de Dante, snr. alferes,olveu Angelo com impaciencia. De certo quer fallar da revista dirigida por aquelle senhor com quem esteve, ha dias, em nossa casa ...

— Justo, justo... acúdiu o homunculo. E, piscando os olhos, com mysterio, accrescentou, satisfeito: — E' intelligente, não acha?

— O redactor da «Vida Nova»? Certamente. Mas que é o que o snr. tem com a revista?

Aqui Pataracchi passou os dedos largos e chatos pela testa suada, como quem pensava laboriosamente a resposta. Parecia que as mais simples phrases, para se formularem naquelle cerebro, requeressem tal dispendio de energia que a todo momento lhe extenuassem as facultades mentaes.

— Sou o proprietario da typographia ...

— Ah! comprehendo. Rende alguma cousa ...

— Render! protestou com aspecto de profundo desgosto o retalhista: Nem um real ... Tenho prejuizo, só pre-



juízo ... Palavra de honra, já gastei mais de cinco contos com a revista... Alcançado em mais de cinco contos, mais de cinco contos... Tenho tudo anotado... É uma despesa enorme... Vim hoje à cidade só para tirar do banco Francez-italiano minhas derradeiras economias... Vae tudo na revista ...

Angelo observou-o curiosamente. O carão feliz e tres-suante de Pataracchi não dizia com taes lamentações. «Mas que diabo de motivo terá este homem — pensou — para assim desbaratar o que tanto lhe custa a ganhar, com uma publicação que lhe não pôde ter outro prestimo do que o de servir para embrulhos, em sua venda do Belém?»

— Mas se a revista lhe dá prejuizos, porque é que continua a sustentá-la? — perguntou.

Pataracchi esboçou o seu sorriso meio velhaco, meio idiota, e disse:

— Quando começo uma coisa, gosto de ir até o fim... Sou teimoso. Depois ... é como diz o snr. Luciano... A gente deve ter patriotismo... Sou estrangeiro, mas naturalizado... Tenho o posto de alferes... Ha trinta annos que estou no Brasil...

— Está bem, snr. alferes... Até logo...

— Até logo, snr. Angelo... Não se esqueça de ler a nossa revista... insistiu Pataracchi despedindo-se, com a a alegria íntima de quem se sentia superior ao resto da humanidade.

Pouco adiante, tendo Angelo comprado a um pequeno vendedor de jornaes um exemplar do ultimo numero da «Vida Nova», entrou em um café para o poder ver com relativo socego. Abria a publicação com um artigo intitulado: «Os que augmentam a patria». Era uma especie de proclamação entusiastica tendente a levar os poderes publicos a favorecerem o mais possivel o movimento immigratorio, proclamação em que se declarava, com extraordinaria retumbancia: «Assistimos no Brasil á fermentação de um caos, onde todos os elementos erram livremente, numa agitação que não cabe na palavra humana... Sente-se aqui o violento tempestuar das forças do futuro... Aqui virão expirar as antigas divindades moribundas, corromper-se e desagregar-se os ultimos preconceitos e velharias do passado sob o patrocínio das grandes leis da Natureza... Aqui a forja, a liquefacção, a mixtura caotica, de cujo seio hão de brotar em estrellas de oiro, os esplendores e magnificencias da «Vida Nova»...

Angelo sorriu deante de taes explosões de entusiasmo. «Parece — advertiu de si para tomsigo — que Luciano é



quem escreve tudo, da primeira á ultima pagina. São diversas as assignaturas, mas é sempre o mesmo homem, o mesmo estylo.»

XVI

— Pois você tem paciencia para ler neste pandemonio?

Angelo alçou a cabeça. Era o dr. Luz, sempre amarello, magro, minguado, com o seu aspecto constante de fastio e aborrecimento.

— Oh! Luz, sente-se. Vamos tomar alguma cousa?

O recém-chegado, immensamente pallido, de olheiras esverdeadas, puxou uma cadeira e sentou-se, dando um suspiro de cansaço.

— Obrigado, Angelo. Não tomo café. Ando com o fígado em pedaços ... Não sei aonde irei parar com esta maldita doença. Pretendo dar uma saltada a Caxambu'. Dizem os medicos que as aguas me hão de fazer bem ... Mas falta-me coragem para vigiar ... Falta-me coragem para tudo... Esta vida de cidade mata a energia, consome a gente...

E tornou a suspirar com um torcer de labios exangues que indicava enojo, contrariedade, fadiga de viver.

— Porque é que você não se trata? — inquiriu o italiano com amabilidade.

— Pretendo tratar-me ... Mas não fallemos em minha saude. Não é tanto a saude que me incommoda. E' esta vida horrivel, este barulho enervante, esta chateza geral que nos rodeia ...

Bocejou com desgosto e perguntou, sem interesse:

— Que é o que você estava lendo? Revistas?! Pois você supporta a leitura dessas cousas chôchas e estupidas?

— Olhe ... Passe os olhos nesses dois primeiros artigos ... Veja que enthusiasmo ... Leia, para combater esse seu estado de aborrecimento ... Francamente, você precisa conhecer ao Luciano ...

— Quem? O Luciano Aymoré da Penha?

— Pois você o conhece?

— Se conheço! E' um enthusiasmo com pés de barro, uma cousa enorme, exageradissima, ruidosa e ao mesmo tempo fragil ... E' um typo de brasileiro ... Até pôde servir de symbolo ... Palavras, fogos de vista, estardalhaço, sentimentalismo, sinceridade ... e nada mais. Se conheço ao Luciano !... O diabo é que as explosões desse sujeito valem o mesmo que os meus desalentos ... Tudo são signaes do desequilibrio herdado de antepassados provindos

de um miseravel cruzamento de portuguezes com indios e negros... Quando considero a a arvore de que sou fructo e reflecto que em nada posso modificar a somma e a qualidade das forças de que sou resultante, vejo claramente que todo esse entusiasmo, esta incapacidade de acção, este amargor que me devora e, como a mim, a milhares de pessoas neste paiz... comprehendendo então que tudo isso são como os ultimos arrancos de uma raça que agoniza, prestes a desaparecer... Sinto dizer a verdade amarga, mas não me illudo... Somos um povo condemnado, vencido, aniquillado... vocês, os forasteiros, os novos, italianos ou allemães, é que hão de triumphar...

Emquanto doutor Luz assim dava largas ao seu incuravel pessimismo, Angelo, referindo instinctivamente ao seu amor as considerações que lhe ouvia fazer, discorria consigo mesmo que Maria Luiza, sem embargo de provir de tão confuso passado ethnico, representava um como desabrochar de linda flôr naquelle amalgama de raças dissimiles e infinitamente extremadas umas das outras. Era o esplendor, o mais raro, o mais subtil, o mais ethereo dessas rudes energias desencontradas, desses milhões de seres heteroclitos, onde ferveu e se purificou de geração em geração o sangue ardente que lhe devia de palpitar atravez do corpo longo e claro, delgado e flexuoso.

— Olhe, Luz... disse interrompendo, em som de gracejo, as jeremiadas do amigo — Quer você saber como me represento essa mixtura, *conflictos e harmonias de raças* no Brasil?

O Luz fitou-o com uma pontinha de estranheza no olhar amarellado de doente.

— Imagino um alambique monstro, onde se deitam massas enormes de substancias diversissimas... um alambique desconforme, mas que acabe em um tubo finissimo como uma arestazinha de vidro...

— Bem, disse o Luz, entre curioso e espantado — E dahi?

— Ao cabo de seculos esse alambique colosso veio a distillar uma especie de gotta radiante, a quintessencia, o que havia de bom e de bello em todas as gerações passadas...

— Ainda não percebi...

— Eu explico... continuou Angelo, rindo da figura intrigada do doutor Luz — Perdoe-me a brutalidade da imagem, de que me servi, mas você ha de permittir que eu salve da hecatombe geral de sua raça ao menos essa gotta brilhante pela qual muito me interesso e que não poderia



ver sem desespero attingida tambem da excommunhão maior que você inflinge inexoravelmente a todo o seu povo...

O Luz quedou um momento boquiaberto como quem se perguntava com assombro se o amigo não teria enlouquecido. Depois compreendeu:

— Ora você! Qual o estado civil da gotta? Solteira? Riram-se cordialmente.

— Quando hoje eu chegar a casa, gracejou Angelo, vou escrever uma historia altisonante estylo classico assim intitulada: «De como no anno da graça de 19 ..., na cidade de S. Paulo, Brasil, aos tantos dias de mez de tal se conseguiu fazer rir um instante ao grave e illustre doutor Luz ...»

(Continúa)

J. A. NOGUEIRA



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Adelino Fontoura

*Patrão da Cadeira N. 1
Nasceu no Maranhão, em
1859. Falleceu em Portugal
(Lisboa) em 3-5-1884, es-
tando sepultado no cemite-
rio dos Prazeres.*



Bibliographia

Não deixou livro. Encontra-se a sua produção poética nas seguintes col-
lectaneas e revistas:

- 1 LYRA POPULAR por *Castodio Quaresma*, 2.ª edição, 1906: a) Fructo proibido, b) Celeste, c) De rastros, d) O ninho (sonetos).
- 2 THEOURO POETICO BRASILEIRO por *Osorio Duque Estrada*, 1913: a) Fructo proibido, b) Beatriz, c) Celeste, d) Attractão e repulsão (sonetos).
- 3 PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA, por *Alberto de Oliveira*, 1911: a) Celeste, b) Beatriz, c) Despedida, d) Fructo proibido, e) Attractão e repulsão (sonetos).
- 4 ANTHOLOGIA BRASILEIRA por *Eugenio Werneck*, 4.ª edição, 1911: Celeste (soneto).
- 5 Revista do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES de Campinas:
 - n.º 4 de 31-7-1903: Fructo proibido, Celeste, Rastro de amor, Borghi Mamo, Beatriz (sonetos); Pomba mansa, Estrella (quintilhas).
 - n.º 7 de 1-7-1904: Vácuo, Supplica, Myrrha (sonetos); Estancias (quadras), Triolets.
 - n.º 25 de 31-8-1910: Bilhete a Fontoura Xavier (triolet).
 - n.º 38 de 31-3-1915: Attractão e repulsão (soneto).

SALAO DE 1919



PATRIA

Óleo de Pedro Ernesto

SALÃO DE 1919



PRIMEIROS FRUCTOS

Oleo de Lucílio de Albuquerque

n.º 39 de 30-6-1915: *Idyllios*, Raymundo Corrêa (trioletes).

n.º 40 de 30-9-1915: *Confronto* (quintilha).

Também foram publicados nessa revista: *Consolação*, O ninho, Antes de partir, Despedida, Memento (sonetos); A uma menina (quintilha), o Lyceta (quadra), Teus beijos, Mulher bonita e Tu tens uns olhos, morena (trioletes).

Arthur Azevedo reuniu alguns trabalhos no «Album».

Collaborou na «Gazetinha» de Arthur Azevedo, na «Gazeta da Tarde» (phase de José do Patrocínio), no «Combate» de Lopes Trovão, na «Folha Nova» de Manoel Carneiro e em outros jornaes, de 1878 a 1881. *

Encontra-se o seu retrato em o n.º 38 (31-3-1915) da Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas e na *Lyra popular* (pag. 321).

Fontes para o estudo critico

- 1 *Coelho Netto* — «Um appello», na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, (n.º 3, de 30-4-1903).
- 2 *Adolpho Caminha* — «Cartas litterarias», pag. 215.
- 3 *Alvaro Guerra* — «Palestras com a mocidade», pag. 119.
- 4 «Lyrica de um morto» na Revista de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, n.º 39, de 30-6-1915.
- 5 *Victor Orban* — «Littérature brésilienne», pag. 381.
- 6 *Eugenio Werneck* — «Anthologia brasileira», pag. 436.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Adelino Fontoura nasceu no Maranhão em 1859.

Como quasi todos os provincianos de então, dirigiu-se para a Côrte em busca de novos horizontes. Destinava-se á carreira commercial e pretendia fazer-se actor, mas dedicou-se de corpo e alma á vida litteraria, terçando as primeiras armas na arena do jornalismo.

..o chegar ao Rio, estrejou na «Folha Nova» de Manoel Carneiro.

Collaborou com Arthur Azevedo na «Gazetinha», com Lopes Trovão no «Combate», escreveu em outros jornaes e trabalhou com José do Patrocínio na «Gazeta da Tarde». Como correspondente desse vespertino, foi a Paris, commissionedo pelo respectivo redactor-chefe. Ao regressar á Patria, falleceu em um hospital de Lisboa, sendo sepultado no cemiterio dos Prazeres.

A sua produção poetica ficou dispersa nos jornaes e revistas em que collaborou.

Quatro tentativas foram emprehendidas no sentido de se fazer a collecta dos versos e prestar-se ao autor a devida homenagem. A primeira foi de Arthur Azevedo que reuniu as suas produções no «Album», publicação periodica que encerra obras de fino lavor. Mais tarde, depois de fundada a «Acade-



mia Brasileira de Letras», o estimado comediographo, sempre propenso ás iniciativas generosas, propoz a edição de um livro commemorativo, reunindo os trabalhos de Adelino Fontoura. Essa ideia não foi realisada.

A segunda diligencia coube a Coelho Netto e Alberto Faria que, na «Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas» publicaram as poesias olvidadas nos periodicos de 1882-83. Assim foi cumprida essa missão piedosa até o n.º 31-8-1910 da mencionada revista e reencetado o trabalho em o n.º de 31-3-1915, continuando-se nos subsequentes.

A terceira incumbencia foi reservada a Escragnolle Doria que estudou a individualidade litteraria do poeta e reuniu, com methodo, a sua producção, com o fim de publicar em volume, prompto a entrar no prelo.

«A ultima tentativa de publicação de suas obras foi iniciada por Alberto de Oliveira, que a communicou á Academia em 30 de Agosto de 1917. O autor do *Livro de Emma* recebeu de Alberto Faria todos os versos do poeta maranhense, em numero de 31 producções, e entregou-os a Luiz Murat, que se encarregou de fazer um estudo sobre Adelino, havendo o mesmo Alberto de Oliveira ajustado a publicação da obra com os livreiros Leite, Ribeiro & Murillo.»

Adelino Fontoura pertenceu á geração de Arthur Azevedo, Aluizio Azevedo, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Coelho Netto, Olavo Bilac, Luiz Murat e outros.

Pondo de parte os *triolet*s humorísticos, só tangeu uma corda da lyra — a do amor não correspondido. Repetiu o thema predilecto dos romanticos, subordinado á forma que caracteriza á reacção dos parnasianos.

Apaixonado por uma sobrinha de Antonio Henriques Leal, dedicou-lhe todos os sonetos, em monocordio, assimilando a tristeza que define os lyricos brasileiros.

Os seus sonetos têm o sabor camoneano, inspirado pela Natércia maranhense, em perfeita communhão de estados d'alma.

Summario para um estudo completo

Origem obscura — Difficultades de vida — Attractão pela carreira litteraria — Transição do romantismo para o parnasianismo — Os poetas que amam sem ventura — Lyra ou monocordio — Tristeza real e não affectada — Acção no jornalismo — Sonetos — Outras producções — Os poetas ineditos e obscuros — Longe da patria — Homengagens posthumas.





Luiz Murat

Fundador e actual occupante da cadeira N. 1 — nasceu em Itaguahy, Estado do Rio de Janeiro, a 4-5-1861.

Bibliographia

- 1 QUATRO POEMAS, com prologo do autor — Rio, Typ. Hamburgueza do Lobão, 34 paginas — 1885.
- 2 A ULTIMA NOITE DE TIRADENTES, poema dramatico — Rio, Typ. Lombaerts & Cia. — 16 paginas — 1886.
- 3 ONDAS, poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Jeronymo Silva e Adolpho — VII — 285 paginas — 1890.
- 4 POESIAS — VII — 172 paginas, in 8.º — Santiago, 1892.
- 5 ONDAS, II vol., poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Leuzinger, VIII — 284 paginas, 1895.
- 6 SARAH, poema com preambulo do autor — Rio, Imprensa Nacional, — XX, 198 paginas — 1902.
- 7 CENTENARIO DE BOCAGE, discurso proferido na Sessão Solemne do Retiro Literario Portuguez, a 21-12-1905, — 27 paginas. Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» — 1905.
- 8 A ADMINISTRAÇÃO DO DR. NILO PEÇANHÃ, pseudonymo Franklin, com um preambulo — Rio, Typ. do Jornal do Commercio, Rodrigues & C., 138 paginas, 1908.
- 9 O ESTADO DO RIO NA CAMARA, discursos — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & Cia. — 72 paginas, 1909.
- 10 ONDAS, III volume com advertencia do autor — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão — 338 paginas — 1910.
- 11 FELIX PACHECO, estudo critico — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & Cia. — 75 paginas — 1915.
- 12 POESIAS ESCOLHIDAS — prefacio do autor — Rio, ed. Jacintho Ribeiro dos Santos, typ. do «Jornal do Commercio» — XVII-351 pags. 1917.

Tem collaborado no Ensaio Litterario (1879), A Vida Moderna, O Combate, Gazeta da Tarde, A Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, etc., Revista da Academia Brasileira de Letras (Fluidez dos corpos espirituas e seus phenomenos luminosos, n.º 11 pag. 65) — Almanack Garnier 1906 (Hymno á Paz) — Revista Americana (Solitudes, n.º de 11-12-1918.)

Contractou com a Livraria Francisco Alves a publicação de toda a sua obra, em prosa e verso, constando de 20 volumes, estando no prelo «Rythmos e idéas, poesias.

Encontram-se os seu retratos no 3.º volume das «Ondas», na Littérature Brésilienne de Victor Orban e no livro de Pereira de Carvalho «Os membros da Academia em 1915».

Fontes para o estudo critico

- 1 *Sylvio Romero* — Luiz Murat.
- 2 *Sylvio Romero* — Novos estudos de litteratura portugueza.
- 3 *Sylvio Romero* — Livro do centenario 1 vol. pag. 104.
- 4 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira, 1.º vol. pg. 292.
- 5 *Ezequiel Freire* — Livro Poschumo, pag. 89.
- 6 *Medeiros e Albuquerque* — Revista do Brasil, vol. IV, n. 14 pg. 158.
- 7 *Victor Orban* — Littérature Brésilienne, pag. 344.
- 8 *Almachio Diniz* — Anthologia da lingua vernacula pag. 499.
- 9 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 485.
- 10 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915.
- 11 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 12 Prefacios e notas nas obras do autor.
- 13 *Coelho Netto* — A conquista, romance. ..

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Luiz Barreto Murat, filho do dr. Thomas Norton Murat, nasceu em Itaguahy (Estado do Rio de Janeiro), a 4 de Maio de 1861.

Sacramento Blake attribue erroneamente o seu berço á cidade de São Paulo.

Estudos na Faculdade de Direito da Capital paulista, bacharelado-se em Sciencias jurídicas e sociaes.



O poeta fez estreia em S. Paulo, em 1879 no «Ensaio Litterario», órgão do Club litterario «Curso Annexo», redigido por Murat e outros preparatorianos.

Passou uma phase da vida em S. Paulo onde escrevia. Não pude descobrir além do «Ensaio Litterario», os jornaes onde collaborou.

Removendo-se para o Rio de Janeiro, fundou «A Vida Moderna» e rompeu com os companheiros de geração que se aggremiavam em torno de Valenim Magalhães na «Semana». A lucta foi encarniçada, mas os adversarios resolveram emmudecer, deixando o poeta desenvolver a campanha demolidora, em artigos de critica e conferencias, sendo a attitude do reaccionario muito apreciada por Sylvio Romero.

Escreveu em muitos jornaes e revistas do Rio de Janeiro, destacando-se os que foram mencionados.

Era um intransigente em tudo e manifestava espirito bellicoso e combativo nas campanhas onde pelejava com denodo. Alem de assumptos de arte, preocuparam-n'o incessantemente a abolição da escravatura, o advento do regimen republicano e os themes religiosos.

Por accasião da revolta de 6-9-1893, redigia o jornal onde foi publicado o manifesto do Almirante Custodio José de Mello; recebeu ordem de prisão e viu-se obrigado a suspender a folha.

Esteve na esquadra revoltosa, entregando-se á prisão quando foi desvirtuado o intuito da revolução. Julgado em Paraná, foi unanimemente absolvido.

Sacramento Blake indica as seguintes poesias, publicadas pelo Almanack da «Gazeta de Noticias»: — «O Fakiro — 1888, pags. 263 a 265; «Liberdade, igualdade e fraternidades — 1885, pags. 284 a 293; «Quadros simples», pags. 307 a 310.

Em folhetins da «Gazeta de Noticias» publicou o poema dramatico «A ultima noite de Tiradentes», offerecido ao dr. Ualdino do Amaral, em Janeiro de 1890.

Caracterisa-se o poeta como fantasioso, rebuscado na forma e por vezes obscuro. Dedilha a lyra do amor, quando manifesta a simplicidade dos romanticos e deixa transparecer um lyrismo delicado e meigo, ou a harpa dos themes philosophicos e assumptos historicos. E' influenciado por Victor Hugo, Théophile Gautier e outros proceres do romantismo. Na sua ultima feição, porém, soffre o influxo de Baudelaire e dos poetas symbolistas.

Em «Quatro poemas» observa-se a fonte de inspiração do poeta e nota-se a predominância do estylo descriptivo, do culto pantheista, prevalecendo sempre a immensidade dos mares e a amplidão da abobada celeste. O poeta deixa-se inebriar pela polychromia das auroras, pelo brilho intenso do sol e a scintillação offuscante das estrellas. E quando não contempla o espaço infinito, volve a attenção para outros scenarios vastos: a superficie dos mares, a extensa faixa das praias alvacentas onde espoucam as vagas encapelladas; ou então busca a sensação do horrivel ou do tetrico: são as feras, são os gigantes, são as mumias...



A forma, ao contrario do que prega o poeta de 24 annos, é rebuscada, abusando da ordem inversa, das clausulas incidentes e dos termos campanudos. Não exerce attracção a leitura dos «Quatro poemas» nem revelam interesse os sonhos do poeta.

No poemeto «A ultima noite de Tiradentes» continúa o autor no mesmo diapasão, revelando-se, porem, algum progresso na fórma e na concepção. Sente mais directa a acção de Victor Hugo e lembra o estro de Guerra Junqueiro, principalmente nas apostrophes com que define a liberdade.

Nesse poema dramatico o heróe da inconfidencia mineira é completamente deturpado pela fantasia do poeta que nos apresenta um Tiradentes atheu, blasphemador, inteiramente falso.

Onde se accentúa a originalidade de Murat, onde a sua feição litteraria se revela, em um consorcio da fórma complicada e de exuberante imaginação, é no volume das «Ondas», publicado cinco annos mais tarde. Surge nesse livro a indole romantica do poeta, subordinando os themas de amor a um lyrismo suave e encantador, embora continuem nos outros generos, os mesmos surtos de imaginação, as fantasias irrequietas e a originalidade de estylo.

A extravagancia do seu talento poetico e a manifestação do seu espirito revolucionario recebem incremento nos dois ultimos volumes das «Ondas» e em «Sarna» onde a imaginação conquista plena liberdade, incompativel com os moldes do soneto e com os versos de poucas syllabas.

Torna-se um apocalyptic, segundo a expressão de Medeiros e Albuquerque, pois deixa-se dominar pelo mysticismo de Swedenborg, o philosopho sueco que sustenta existir a continuidade da nossa vida em outros planetas.

Foi revolucionario na arte como attestam a sua profissão de fé na «Vida Moderna» e as suas ideias expostas nos prefacios e notas e no livro sobre Felix Pacheco, definindo a sua esthetica, o seu programma de artista e, o seu credo philosophico.

Foi revolucionario na vida pratica, como demonstra em sua acção de jornalista, nas campanhas em prol do abolicionismo e na sua carreira politica.

Representou o seu Estado natal em varias legislaturas da Camara dos Deputados, inclusive no Congresso Constituinte, foi Secretario geral do governo do Estado do Rio e actualmente exerce o cargo de escrivão vitalicio da provedoria, na Capital Federal.

Espirito diffuso e prolixo, sempre preferiu os poemetos e os versos alexandrinos, não se conformando com o ambito acanhado do soneto nem com os estreitos limites dos heptasyllabos.

De Luiz Murat só é conhecido um soneto «O poder das lagrimas», tal como se observou em Victor Hugo que só escreveu um soneto dedicado a Judith Gautier.

No mundo objectivo tem o culto pantheista e no subjectivo enleia-se em um labyrintho de ideias e de pensamentos ignorados pela maioria dos homens.

Summario para um estudo completo

A evolução da poesia no Brasil — Occaso do romantismo e o movimento reaccionario — As primeiras manifestações do poeta — Os autores que mais influiram na sua inspiração — Os «Quatro poemas» e «A ultima noite de Tiradentes» como ensaios do seu estro — A sua esthetica definida em um livro de critica e nos prefacios e notas — Os tres volumes das «Ondas» e «Sarah» — O criterio preferencial nas «Poesias escolhidas» — O divergenze na scisão litteraria — O espiritualista e as doutrinas de Swedemborg — O jornalista revolucionario e o paladino da abolição e da republica — O politico — Astro em eclipse — Nova projecção de luz — Juizo da critica contemporanea.

ARTHUR MOTTA.





FLOR DE SAMAMBAIA — *Raymundo Kleger* — Off. d'«O Estado de S. Paulo» — 1919.

Interessado na vulgarisação da literatura da Polónia entre os brasileiros, o A. que é um joven literato sulista, entendeu traduzir uma das mais interessantes novellas de Casemiro Rakowski, escolhendo para início *Flôr de Samambaia*, que é uma phantasia urdida sobre uma lenda muito curiosa e em voga entre as populações do centro da Europa, cheia de interesse e de poesia.

Pondo-o em portuguez, o sr. Raymundo Kegel soube conservar todo o sabor original da obra de Rakowski, revelando notaveis conhecimentos do vernaculo, ao lado de muita facilidade na exposição e muita clareza nas narrações, entremeadas de dialogos bem lançados e vivamente animados.

NATIONUM DE POTESTATE SUPREMA PRAECIPUEQUE BRASILLIAE — *M. F. Pinto Pereira* — Off. «O Estado de S. Paulo»—1919.

Dissertação apresentada no concurso ultimamente aberto na Faculdade de Direito de S. Paulo para preenchimento duma cadeira de direito internacional. O autor discorre com muita segurança sobre varios aspectos da soberania dos Estados, revelando estudos serios e per feita assimilação da materia.

Divide seu trabalho em sete partes: Noção da soberania, Da soberania internacional, Igualdade juridica e desigualdade real dos Estados, Da auto limitação da soberania, Da sociedade mundial organizada politicamente, Da soberania nacional no mundo contemporaneo e *Futura inter gentes brasilla*.

Emprega uma linguagem castiça e

terea, estylisada da maneira pessoal, tendo como caracteristicas a elegancia e a extrema concisão. Já conhecido por anteriores trabalhos sociologicos, o autor revela-se com este um fervoroso cultor do direito, no seu ramo cosmico por excellencia que é o direito das gentes, e, como tal, surge á arena da alta docencia nacional como um candidato por todos os motivos dignos de attenção.

O BRASIL (Historico, Physico, Politico, Social e Economico) — *Moreira Machado* — Casa Duprat — S. Paulo — 1919.

Para uso dos alumnos das academias de commercio e estabelecimentos de ensino secundario, o sr. Moreira Machado deu publicidade a um magnifico volume de cerca de 600 paginas, as quaes encerram uma douta collecção de monographias sobre a historia, a geographia, a politica, o commercio, e todas as demais manifestações de actividade social e economica do Brasil, desde o seu descobrimento até os dias presentes.

Em estylo claro, conciso e cuidado, essas lições são decalcadas na mais severa documentação, sendo numerosos os quadros estatisticos, mappas, enchemas e confrontos interessantissimos que tornam flagrantos e facilmente assimilaveis para os jovens espiritos aos quaes se destinam as verdades e conceitos que o autor procurou transmittir.

Já adoptado como compendio official em varios institutos desta capital, o livro do sr. Moreira Machado é de molde a conquistar em breve prazo muitos outros. Asseguram-lhe esse successo a sua feição eminentemente didactica, além das muitas qualidades resistentes que fazem da obra um reposi-

torio de informações preciosamente catalogadas e indispensáveis a todos os estudiosos das cousas nacionaes.

O CADETE BONIFACIO — *Zeferino Galvão* — Typ. «Gazeta de Pesqueiras» — Pernambuco — 1911.

Um caso curioso este. Zeferino Galvão é um velho autor de livros. Tem publicados cerca de uma dúzia e anuncia outros tantos. Redactor da «Gazeta de Pesqueiras», lá imprime as suas obras, não podendo, portanto, dar-lhes a factura material que o publico pagante requer. Materialmente, não são convidativas as edições de Pesqueira; mas quem abra um destes livros e inicie a leitura, irá até o fim, fundamentalmente interessado pelo romancista, pelo pensador, pelo sociologo exilado naquelle recanto do paiz. Sente-se o insulamento do homem, percebe-se como o hão de guerrear os «casacas pretas» da terra, aos quaes, aliás não poupa diatribes. Espirito liberrimo, acostumado a pensar por si, é de uma independencia feroz. O seu periodico traz como divisa estas palavras, que bem poucos grandes jornaes da nossa alta imprensa poderão adoptar: «Origão livre, como é livre o mar». Dahi a sedução emanada da sua obra. Não tem escola, não tem estylo, não é propriamente um artista — e por esta talha não se erguerá á primeira plana dos nossos romancistas — mas em compensação, quantas qualidades preciosas não possui, de inventiva, de sentimento, de pittoresco, de narrador espontaneo e de paysagista sertanejo! Sua penna corre veloz sobre o papel, sem voltar atraz para compôr a phrase, preocupada apenas em vasar as idéias borbotantes. Irregular, é de um impressionante realismo em certas scenas, na maioria da sua obra mesmo, mas descamba ás vezes no mais puro romantismo.

Transparente, deixa entrever o homem atravez das novellas. Como Camillo, a sua escola é a sua veneta; intervem na scena, digressiona, philosphia por conta propria. Originalissimo, portanto, e possuidor da coisa rara, que é uma bem accentuada personalidade. Neste romance conta as a-

venturas do Cadete Bonifacio, um foragido de S. Salvador, onde assassinára o governador das armas, general Caldeira. Bonifacio, criminoso vulgar, covarde e despedido de sentimentos moraes, afunda no sertão e por elle afóra peregrina, de aventura em aventura, todas logicas e algumas descriptas com maravilhoso rigor, apesar ou justamente por causa da rudeza das tintas. Que quadro é a pintura do Major Canuto, no seu ambiente de despota de aldeia! E que horripilante desenho de Goya é o supplicio do preto Aleixo! Este preto fôra companheiro de viagem e cumplice do cadete, que, sem escrupulos como era, aproveitava um lance favoravel e o vende ao major Canuto por 300\$000 réis. O sóba queria mata-lo no açoite, para vingar-se da impertinencia do preto. Narra o autor: «Rompeu o dia. Dois chicotes de couro cru», brandidos por dois pulsos vigorosos, retalhavam o corpo do Aleixo. O negro, despido de suas roupas, deitado de bruços e amarrado sobre a mesa de um carro, gritava como um louco a cada açoite do calabrote. Havia uma hora que recebia o castigo. A principio conservou-se mudo e feroz; em seguida passou ás imprecações; quando o sangue correu em bicas, accusou desabridamente o cumplice, gritando que Bonifacio era um ladrão. Fez toda a confissão do seu crime, pedindo para ser entregue á justiça, e como visse que nem isto o salvava, prorompeu em gritos lastimosos. Quando o major Canuto se ergueu, já o negro não gritava... Tinha erouquecido, e as carnes se insensibilisaram á força do castigo. Por fim desmaiou. Um dos algozes foi procurar o major. Encontrou-o sentado num banco, debruçado sobre uma janella, ouvindo a monstruosa orchestra dos açoites. Tinha o rosto suave, radiante de alegria, e um sorriso nos labios.

— *Bença, sinhô*... disse o negro algoz, sustentando na mão direita o chicote ensanguentado.

— Deus abençõe... que queres?

— O negro já não aguenta o castigo.

— Não te perguntei por isto. Toca pr'a deante! Couro até *morrê*.



O algar retirou-se, e a musica dos acoites continuou. Quinze minutos depois voltava o mesmo escravo.

— Morreu?... gritou o major Canuto, sem lhe dar tempo de dizer palavra.

— Morreu, *senhor, sim.*

— Bom... deixe-me ver isso.

O fazendeiro levantou-se do banco, desceu a calçada e foi até ao lugar do supplicio. Aleixo estava morto. Olhou-o por um instante, riu-se com satisfação e disse:

— Vão *cará* uma cova no formigueiro grande, de traz do *carrá*, e enterrem este bicho... Sirva de exemplo... De vocês o que *fazê* como elle, morre da mesma moda. Só tenho pena dos meus 300\$000 réis...

Os escravos obedeceram cabisbaixos.

Vae longa esta noticia, mas ainda voltaremos ao assumpto, a proposito de outras obras de Z. Galvão, que merecem estudo e que se foram escoimadas de defeitos de forma viriam a ser talvez a mais interessante de quantas se construíram lá pelo Norte do paiz.

CONSULTAS PRATICAS DE HYGIENE INFANTIL — *Fernandes Figueira* — Leite Ribeiro & Maurillo. — Rio — 1919.

Está aqui um bom livro. Bom porque bem escripto e bom porque muito util. Pediatra emerito, com larga dose de experiencia pessoal em nosso meio, aborda o A. os variadissimos aspectos do desequilibrio da nutrição infantil e os esclarece com muito brilho. A forma de exposição adoptada foi das mais felizes. Abre os capitulos com uma consulta, como as fazem os paes. Exemplo: «*Minha filhinha, que completou um anno, somente mamou leite de vacca. Não quer mingãos nem sopas. Está bem nutrida, porem pallida. Que devo fazer?*» E em poucas palavras dá a razão plausivel do caso, usando o minimo de palavras technicas do calão scientifico. As principaes questões relativas á nutrição, á lactação e á hygiene geral da creança, são abordadas e esclarecidas neste valioso livro que, como annuncia o prefacio, é parte de uma obra de maior vulto, em elaboração, sobre a hygiene

infantil. Numa terra onde a mortandade das creanças, em virtude da ignorancia dos paes, e tambem da incompetencia dos medicos, é phantastica, livros como este devem ser recebidos debaixo de salva de palmas. As nossas aqui ficam.

NO TEMPLO DE MINERVA — *João Pedro Martins* — Off. «*Estilada*» — Rio — 1918.

Livro desconsolidador, este. Optimamente escripto, denuncia no A. uma grande competencia, um homem de bem, um sincero amigo do paiz fundamentalmente consternado com a coisa deploravel a que se dá o nome de Instrucção Publica no Brasil. Fala-se do analfabetismo dos serões, da deficiencia escolar por esses cafundós do Judas. Tem-se a impressão de que é assim lá, nos recessos do Géra-Taru', onde não chegam as vias ferreas. Subito, apparece um livro destes e denuncia a — tenhamos a coragem da palavra exacta — a bandalheira que é a instrucção publica... onde? Em Goyaz? Em Matto Grosso? Não! Na capital da Republica, nessa capharnaum do Rio de Janeiro!... Diz o autor: «... na cidade fundada por Estacio de Sá, a locução *Escola Primaria* o mais das vezes dá a idéa de um antro, onde, sem material escolar sufficiente, sem regimen disciplinar e sem methodo scientifico, sob a alude desordenada de programmas e compendios didacticos, ou na inteira ignorancia dos principios physiologicos de educação a que se deve cingir a moderna pedagogia, se entibiam e deformam esses frageis embryões da intelligencia humana» «*Numa escola em que leccionamos, até os mappas do Brasil eram fructa rara; se os pediamos para preleção em classe, era-nos informado só haver um e esse mesmo se achava, como certos réos que a justiça chama por editos, — sem lugar incerto e não sabido.*» E por ahí além vae o autor... Os governos passam, o dinheiro some-se, os programmas sumpuosos se succedem; não obstante, a instrucção popular é, na capital da Republica, uma coisa que equivale, guardadas as proporções, á coisa cha-



mada instrução em Pilão Arcado, Chique-Chique, Duro, Joazeiro... Que tara é esta que nos vicia a ponto de não conseguirmos resolver o problema mais simples de todos e já solucionado de maneira completa em todos os paizes cultos? Será então que é verdadeira a dura sentença de incapacidade que nos tem lançado Le Bon e outros sociologos europeus? Não seremos capazes, nem ao menos, de arrancar o corpo ao atascal do analfabetismo?

BALADA DO ENFORCADO — *Oscar Wilde* — Trad. de *Elysio de Carvalho* — Typ. Rodrigues & Cia. — Rio — 1919.

No poema doloroso de Wilde ha uma palavra profunda: «Ignoro se a lei tem razão.» A lei não é boa nem má. A lei é uma engrenagem de ferro que esmaga os incautos apanhados pelos seus dentes. Wilde pertence a este numero. Esmagou-o a engrenagem do *cant* britannico. «Todas as leis, diz elle, que os homens têm feito, desde o dia em que o primeiro dentre elles tirou a vida a seu irmão, e que o mundo da diffamação começou, todas ellas desperdiçam o que é bom e só conservam o que não presta.» Wilde, apuado pela dôr do esmagamento, sentiu, presentiu esta verdade que um dia, se é que é possível o advento da Comprehensão no espirito humano, sahirá do poço e virá illuminar o valle de lagrimas bíblico. A «Balada do Enforcado» é o poema mais dolorosamente sentido jamais brotado da dôr humana. Todo elle drama, mas drama psychologico, sem acção, sem personagens outros além da Dôr e do Silencio na obra morosa do apodrecimento em vida... Pobre Oscar Wilde!... A traducção do sr. E. de Carvalho é bastante fiel, embora bora pouco em certos lances, meros descuidos, aliás. Ex.: «O pateo da antiga prisão dor dividas...» Prisão de criminosos por dividas, deveria ser. «Tinha á cabeça um gorro de jogar *cricket*» Não ha gorro de jogar *cricket*, a não ser por contingencia de versificação. Na prosa tal gorro passa a ser simplesmente gorro. Mas

isto são coisinhas. Illustra o livro uma serie de desenhos symbolicos de Di Cavalcanti, uma revelação de artista que dia a dia mais se affirma como o mais original e imaginativo da nova geração.

AGUACEIRO — *Frederico C. de Andrade* — Livr. Americana — Rio Grande — 1919.

Autor já de varias peças theatraes, o sr. F. de Andrade expõe nesta ultima, de um acto apenas, uma crise de amor. A protagonista, casada por conveniencias sociais com um homem rico que a adora, abre-lhe os olhos e confessa que não a elle ama, mas a outro; entretanto, como tem uma forte noção dos seus deveres para consigo propria, para com a familia e a sociedade, saberá conservar a linha de honestidade que se impoz. Declaração inutil; um tiro se faz ouvir nas visinhanças: é o galan amado mas repellido que se suicida, pondo assim um termo imprevisto á crise conjugal em perspectiva. A scena transcorre em dia de temporal. Ao cabir do panno o aguaceiro cessa. Cessa tambem naquella familia o temporal psychologico que num instante ameaçou derruir a «felicidade conjugal» dos protagonistas...

APONTAMENTOS SOBRE A VIDA DO CONS. J. C. DE SOUZA FERREIRA — *Mario de Souza Ferreira* — Rio — 1918.

Opusculo primoroso tanto na parte material como na estylistica, onde, em linguagem nobre e concisa, se traça a biographia do jornalista Souza Ferreira, typo do homem operoso e probo. Vida sem dramas nem altibaixos, transcorreu serena, numa ascenção constante, de humilde emprego commercial em Santos á redacção do «Jornal do Commercio». Feliz na vida, é feliz na morte o Cons. Ferreira, pois que recebe homenagens como esta dos seus descendentes e os possui preclaros como o A. deste opusculo.

QUESTOES PROCESSUAES — *Lucidio de Freitas* — Typ. Cardoso & Cia. — Belém — 1919.

Esmerilha o A. a questão da unificação do processo, indagando se isso não vai de encontro á essência do nosso regimen federativo. Combate a unificação. Propugna, sim, pela necessidade urgente de transformar o processo num jogo rapido e barato de provas, que deem justiça prompta. Parece-nos que tem muita razão o A. O nosso problema primordial de povo que precisa viver vida de civilização — Justiça. Nós não a temos, que é ridiculo chamar Justiça ao simulacro indecoroso que entre nós se goza desse nome. Os nossos Codigos processuaes são um complexo de maranhas, onde o desgraçado que recorre á justiça morre de estrangulamento. Pouco, ou nada adeantarão tornar comum a todos os Estados um mesmo systema de garrotear, furtar, desesperar, enlouquecer as infelizes creaturas forçadas a pedirem auxilio á nossa asquerosa Themis, barregan impudica, digna filha que é da Themis colonial de horripilante memoria. Em vez de unificar o conjunto de formas por meio das quaes Themis descoroçoá o paiz, cumpre dar cabo della e crear de vez a Justiça justiceira, honesta e serena, capaz de restaurar no Brasil o gosto pela vida. Porque até isto nos tirou a justiça de barrete phrygio, o gosto de viver...

HISTORIA DE S. PAULO — *Rocha Pombo* — Weiszflog Irmãos — S. Paulo — 1919.

Primorosa na factura, característica destes intelligentes editores paulistanos, o sr. Rocha Pombo nos dá um epitome da Historia de S. Paulo, rico de gravuras e mappas illustrativos. É um resumo didactico de 120 paginas, feito com a competencia que todos reconhecem no sr. Rocha Pombo em materia de Historia. Apesar da sua competencia, entretanto, nota-se na linguagem do A. um certo desleixo, que dá lugar a confusões ou interpretações erroneas. Ex.: «O vasto problema para

a Casa de Aviz era o mundo phantastico do Oriente.» Não está vestida a rigor esta phrase. O Oriente não era um «vasto problema»; e não era um problema para a Casa de Aviz; e tambem não era phantastico, uma vez que, descoberto, visto, cheirado, apalpado e explorado. As palavras possuem um tal rigor de expressão, que o emprego falso de um adjectivo que seja, em cada phrase, prejudica seriamente a idéa. E a idéa que se pretende inocular na creança é mistér que vá para o livro medida e pesada com o rigor do químico, sementes que vão germinar, para o resto de vida, em terreno virgem.

SOCIALISMO PROGRESSIVO — *José Saturnino Brito* — Livr. Schettino — Rio — 1919.

Brochura de 120 paginas onde o A. aborda uma série de themas relacionados ao movimento socialista contemporaneo. A guerra visou uma coisa e conseguiu outra: o surto das idéas longamente meditadas pelos idealistas que sonhavam um pouco mais de felicidade para o escravo moderno, o productor. O capitalismo está em cheque. Elle fez a guerra, para tirar partido da catastrophe. Mas perdeu a partida. Seus dias estão contados. A corrente vencedora está substituindo esse regimen victorioso até aqui pela novidade que é a socialização das forças productoras. A idéa é generosa, tem por si todos os espoliados, e tambem os espiritos claros, abertos á comprehensão das iniquidades sociaes, em cujo numero figura com muito brilho o A. deste interessante trabalho.

PECTORILOQUIA APHONICA — *João Baptista Brasileiro* — Typ. Piratininga — S. Paulo — 1919.

These apresentada á Faculdade de Medicina de S. Paulo, esse trabalho re recommenda pela clerezza da exposição e vigor linguistico com que é escripto. Esgota o assumpto, estudando o signal da pectoriloquia aphonica sob todas as luzes, inclusivé sob o aspecto historico, desde o estabelecimento do methodo por Laennec, até ao pre-

sente, com a enumeração das vicissitudes por que tem passado. Quem abre sua carreira com um trabalho destes tem assegurado um nome para o futuro. E' o caso do dr. Brasiliano, um caso merecedor de sinceros parabens.

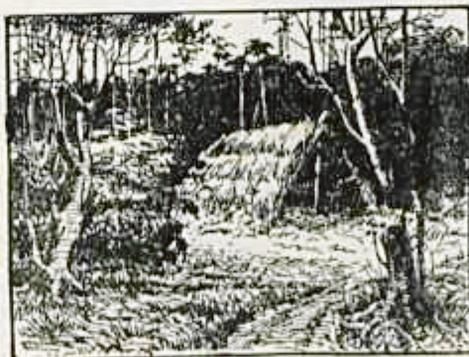
—
LIGEIRAS APRECIACOES SOBRE A CHIMICA PHILOSOPHICA DO DR. OLIVEIRA MENEZES — *Miguel Tenorio de Albuquerque* — 1918.

Se todo livro didactico, máu pela fórma ou pelo fundo, tivesse á colla uma glosa destas, os charlatães, os incompetentes, os pedantes não surgiriam a publico com a frequencia e o topete que os caracterizam. O sr. Tenorio commenta a Chimica do cathedratico Menezes desde a primeira palavra até á ultima. E mostra, á evidencia, os defeitos de fórma, os erros de doutrina, a confusão, o inintelligivel e o plagiato que notabilisam esse livro destinado ás escolas. Pobres escolas! Pobres estudantes! Pobre paiz este em que ao lado de exames por de-

creto ha lentes que borborigmam obras didacticas deste jaez! O sr. Tenorio analisa o compendio com um rigor de chimico; mette-o nas retortas, decompõe-lhe as partes constitutivas, pésa na balança de precisão as idéas, joga com todos os reactivos da logica e conclu'e que o livro só tem uma qualidade: ser pequeno. E' o caso de se pedir ao cathedratico que cultive essa preciosa qualidade em obras posteriores, fazendo-as cada vez menores, até attingir á perfeição suprema de não fazel-as de tamanho algum.

—
LEITURA (Série Braga) — *Etimo Braga* — Weiszflog Irmãos — S. Paulo — 1919.

Livro didactico dos mais bem feitos apparecidos ultimamente, quer quanto á materia, onde abundam idéas filhas da cultura moderna, quer quanto á factura, verdadeiramente primorosa. Não admira esta ultima feição, sabendo-se que o livro vem da Casa Weiszflog, a mais caprichosa, sem duvida, de todas as nossas casas editoras actuaes.





VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Agosto, 20 — Incendia-se no porto do Rio de Janeiro o vapor americano «Mohegans».

21 — O Aero-Club do Rio, distribue, depois de realizadas as provas do concurso, os primeiros diplomas de aviadores internacionais.

26 — O Conselho Superior de Ensino estabelece com o Uruguay o intercambio de professores de escolas superiores.

30 — No antigo convento da Ajuda, Rio, inaugura-se a sexta Exposição Nacional de Aves.

Setembro, 7 — Inaugura-se uma escola de radiographia no morro de Santo Antonio.

8 — Encerra-se a Exposição de Bellas Artes e Industrias Nictheroyenses, commemorativa do centenario de Nictheroy.

9 — E' lançado ao mar solennemente, nos estaleiros da Ilha das Cobras, o navio «Brasil», construido de madeira.

14 — A Camara Portugueza de Commercio vota a construcção de um tumulo onde se guardem a ossada de Pedro Alvares Cabral.

Academia Brasileira de Letras

Sob o titulo de «Notas bio-bibliographicas e subsidios para um estudo critico completo das quarenta cadeiras», o Sr. Arthur Motta inicia neste numero um valiosissimo traba-

lho de biographia, bibliographia e critica acerca dos patronos e membros da Academia Brasileira, o que vale dizer, das figuras culminantes das letras nacionaes. Vale nelle, e muitissimo, a paciencia longa e aturada que seu estorço representa, vale a erudição de bons quilates demonstrada, e vale ainda, muito, a nota de critica séria com que o enriqueceu. Ao lado do classico Innocencio — mais methodico e mais intelligente que elle, entretanto e ao lado do deficientissimo Sacramento Blake, Arthur Motta virá figurar em singular destaque, porque sua obra é dessas que fazem a reputação dum autor. Sairá mais tarde em volume e para que sáia a mais completa e perfeita possivel o autor espera que os leitores e os estudiosos em geral que acaso alli encontrem lacunas ou erros façam-nos chegar ao seu conhecimento, a tempo de serem conferidos e evitados na edição definitiva. Taes informações poderão ser endereçadas á «Revista do Brasil».

Minas e o parecer do snr. Cincinnati Braga

«Quem falar hoje em Minas Geraes porventura se lembra do mundo maravilhoso que taes vocabulos abriam aos olhos dos nossos antepassados? perguntava ha tempos um escriptor patrio em um estudo critico acerca da obra historica de Diogo de Vasconcellos. Que infinidade de fantasias radiantes não se cruzavam em suas imaginações ao terem noticia deste

milagre. Ha nos sertões do Brasil uma região cheia de vastos lenções de ouro, ouro e diamantes, ouro e esmeraldas, ouro em nunca vista abundancia a lentejoular de milhões e milhões de pintas refulgentes as margens dos rios e ribeirões, ou a sonegar-se nas entranhas da terra, donde a poder de excavações profundas, de *caías altas*, irrompe em torrentes de encher e transbordar as mais espaçosas arcas!

Eis a alvorada, o immenso rebate que correu entre a gente do littoral, sobretudo na que demorava em terras de Piratininga, atrahindo para o interior das brenhas levas e mais levas de ousados batedores. Precipitaram-se á porfia para as Minas, para os tesouros das Mil e Uma Noites, — magnificas geraes estivadas de pedrarias raras e de faiscas scintillantes, tudo posto ao alcance das mãos, num sonho palpavel, tão real, que os jurispeitos da Metropole se apressaram de firmar por inconcusso o direito de Suas Majestades ás riquezas encontradas nos sub-solos dos seus domínios.»

Esse foi o primeiro descobrimento das Minas, velha historia algo triste e amarga pelo confronto inevitavelmente suggerido dessas aventuras de Jasões em bandeiras com a dureza e a escassez das dolorosas realidades de hoje. Lá se foram as barras de ouro mal quintado, as socavas diamantinas visitadas por legiões de authenticos Sindbads, as lindas, as translucidas montanhas de esmeraldas... De todo esse deslumbramento cahíramos, que não tinhamos entre mãos mais do que carvões apagados e o ameaço sempre presente das derramas vestidas á moderna pela artimanha inexoravel do Fisco.

Eis senão quando surge um mago, um transfigurador, um Merlino perdido na Camara Federal e realisa um segundo descobrimento das Minas, mais surpreendente talvez do que o primeiro porque veiu espiritalisado por um grande ideal desinteressado e collectivo. Por obra thaumaturgica do Sr. Cincinato Braga os que haviamos deitado na vespera pobrissimos e desanimados acordámos subito millionarios, senhores e possuidores das maio-

res jazidas do rei dos metaes, não do velho ouro destronado e entregue, ao que parece, a umas poucas companhias inglesas, mas do ouro moderno, do movimentador de toda vida civilisada — do ferro e do aço. E Minas tornou á despertar ainda estremunhada e entontecida de tão fulgurante esperanza, que fere agudamente nos olhos affeitos a deslindar fios de treva, — mas outra, mas resoluta, mas cheia de fé e prestes para a acção...

Já no congresso appareceram tres ou quatro projectos de lei sem a civa do immediatismo habitual em nossas ephemeras administrações. Já não se plantam só couves e cenouras, senão tambem carvalhos. Prepara-se o futuro, e futuro remoto. Ao amor do poder, das posições e de seus proveitos começa a succeder um tal ou qual amor á gloria. E' um bom signal, que ha de certamente encher de alleluias a alma poderosa do bandeirante paulista que pela segunda vez, desbravando as serranias mineiras, alargou até aos astros o ambito da patria.

Jornaes e Revistas

Eduardo Prado

Proporcionou-me um amigo hontem uma hora agradável, recordando-me aneddotas da vida de Eduardo Prado, um dos nossos mais finos escriptores, cuja morte deveria ter sido hontem lembrada, se aqui se não esquecessem tão depressa os nossos melhores homens de letras.

Os primeiros annos do novo regimen, e o seu famoso Governo Provisorio, tiveram em Eduardo Prado um commentador ironico a quem ainda se não fez inteira justiça.

Além do que delle conhecemos pelas suas obras e pelos raros dados biographicos que por ahí existem, ha um aspecto inedito de Eduardo Prado na sua intimidade, como jornalista, que é interessantissimo.

Durante annos elle chefiou na capital paulista o «Commercio de São Paulos», orgão monarchista, que en-



tão passou por uma phase de grande brilho.

Um dia morre-lhe o gerente, e para a sua vaga Eduardo Prado promoveu um empregado de nacionalidade portugueza, de muito mérito, porém notavel falador.

Conhecendo-lhe o temperamento, e para provocal-o a escrever no seu estylo pittoresco. Eduardo Prado mandou inserir na secção paga de outro jornal uma nota contra semelhante promoção, na qual estranhava que uma folha tão accentuadamente nacionalista, como então se dizia o «Commercio» de São Paulo, admittisse como gerente um homem que não era brasileiro.

A victima correu a queixar-se a Eduardo Prado, que lhe aconselhou a que respondesse com energia pela secção livre do «Commercio».

E assim, sem melindrar o seu empregado, e sem lhe revelar o seu *truc*, Eduardo Prado manteve com elle uma polemica que deu motivo a interminaveis risadas, tão interessantes e tão comicas eram as defesas que o seu gerente publicava!

De outra feita, um individuo, assignando o proprio nome por extenso, fez pelo «Commercio» uma declaração simples de que se ausentava de uma sociedade beneficente (dizia o nome da sociedade), da qual tinha sido um dos fundadores.

No dia seguinte, no mesmo local, Eduardo Prado fazia apparecer umas breves linhas, dizendo que semelhante declaração «trazia agua no bico», e, embora não soubesse do que se tratava, affirmava que tudo viria a publico dentro de breves dias, porque «aquillo não podia ficar assim...» E assignava: «Um que sabe»...

Immediatamente reapareceu o autor da primeira declaração, accusando os directores da sociedade de que se havia retirado, e já insinuando que um delles era, sem a menor duvida, o provocador que na vespera se occultava sob o disfarce de «um que sabe»...

E nasceu uma tremenda discussão em que os contendores se accusavam das maiores trampolinices em materia de dinheiro, enquanto os leitores do jornal se divertiam, acompanhando-os

com interesse, e entre elles, de certo, Eduardo Prado...

Quando Manoel Victorino inaugurou o Palacio do Cattete, transferindo para ali a residencia presidencial, que dantes era no Itamaraty, o «Commercio de S. Paulo» esperou em vão, á noite, que o seu serviço telegraphico lhe fornecesse pormenores dessa festa, em que pela primeira vez appareceu no Rio um carro ad Daumonts.

Eduardo Prado ainda se achava na redacção pela madrugada, ao se fechar o seu jornal, e resolveu inventar os pormenores que lhe faltavam.

Descrevendo a chegada de Manoel Victorino ao Palacio accrescentou que muitas pessoas do povo, que o victoriavam, lhe haviam atirado punhadros de «confettis»...

Os «confettis» eram então de invenção recente, e só usados no Carnaval.

Não faltou, por isso, quem na redacção objectasse contra o exaggero desse gesto picaresco, no qual ninguém acreditaria.

Ao outro dia chegavam os telegrammas, para serem publicados no outro numero do jornal, narrando o que de facto se havia passado, e lá vinha a noticia de que, realmente, o presidente da Republica havia sido coberto de «confettis»...

Eduardo Prado exultou. E rindo, exclamava:

— Ah! está! Não se pôde imaginar um ridiculo que nesta Republica se não commetta, logo em seguida, de verdade!

Nos seus ultimos tempos Eduardo Prado ideou uma obra de critica e de biographia sobre o padre Antonio Vieira, de quem era entusiasta.

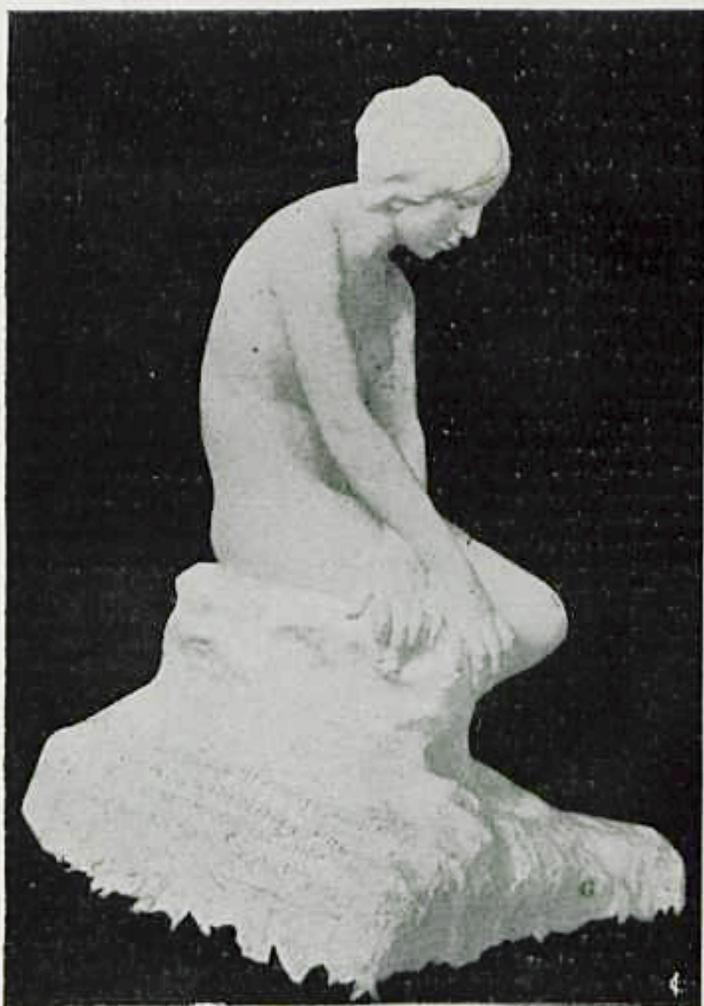
Chegou a trabalhar com afincos, mas esbarrou na encyclopedia catholica do grande jesuita Cornelius e Lapide...

O conhecimento desse cyclopicó trabalho, de que tanto se aproveitaram os prégadores catholicos, lhe resfriou o ardor.

Para uma justa apreciação dos meritos do nosso magnifico orador sagrado lhe cumpria dar-se a um estudo profundo, que permittisse averiguar até onde o padre Vieira se havia soccorrido do outro jesuita.

Os predicados de estylista e mesmo

SALÃO DE 1919



IGUASSÚ

— Escultura de Magalhães Corrêa

SALÃO DE 1919



PROMETHEU

↳ (Escultura de F. de Andrade)

de pensador são evidentes em Vieira, mas tornava-se preciso esmerilhar a originalidade das maravilhas da sua dialectica.

E Eduardo Prado, em duvida, encarando a ardua difficuldade da jornada, parou o esforço encetado.

Forte de corpo, agil de espirito, com um decidido pendor para a ironia, sabendo rir alegremente com despreocupação chã e sempre affavel, foi um edilettante maravilhoso.

E' pena que hoje os herdeiros lhe não publiquem a correspondencia com Eça de Queiroz, que, segundo se afirma, é longa e interessante. — MIGUEL MELLO (*Gazeta de Noticias*, Rio).

O saneamento da imprensa

Creio que bem poucos paizes ha no mundo, onde a administração corrompa tanto a imprensa como no Brasil. Não quero dizer que o periodismo estrangeiro seja constituido, na sua maior parte, de vestaes, de indoles puras e incorruptiveis. Elle tambem se deixa subornar muito; acha-se enleado na teia dos grandes negocios, como seu collaborador interesseiro; toma attitudes, que nem sempre se conciliam com um programma de moralidade como deve ser o de um jornal politico e doutrinario. Mas os elementos que corrompem esse periodismo, são mais partidarios e particulares, do que administrativos. Por outras palavras: na America do Norte, na Inglaterra, na França mesmo, os grandes órgãos de publicidade não se acham o mais das vezes em poder de profissionais do jornalismo, de simples doutrinario, como aqui. Pertencem a homens praticos, a companhias, com interesses nos jogos da bolsa, nos mercados financeiros e de negocios; no triumpho eleitoral de um partido que lançará este ou aquelle imposto ou augmentará esta ou aquella tarifa protectionista. Os partidos, e as empresas, cujos interesses pleiteiam esses jornaes, cotizam e fazem bolças, para sustentá-los nas campanhas, que elles empreendem, ajudando-os nas horas de crise e de diminuição de clientela.

Mas é só isso. Ai daquelle de quem

se soubesse que recebeu, de um departamento da administração publica, qualquer somma, para elevar ao septimo céu determinados cavalheiros que por terem o thesouro na mão, se permitem dessas liberalidades com o dinheiro do Estado. O jornal ou o jornalista, que tivesse tal fraqueza ver-se-ia repellido no dia seguinte pela opinião. Não teria mais o seu bafejo e a sua sympathia. Conselhos que elle dêsse, campanhas a que se atirasse, ninguém attribuiria o menor credito á sinceridade das suas palavras. O povo ficava convencido de estar sendo guiado por uma consciencia venal. As massas intelligentes admittem que as conduzam ou enganem as paixões de um homem, mesmo que por detrás dessas paixões haja um interesse politico ou pessoal. Mas ellas não querem saber de um individuo, que está recebendo dinheiro dos cofres publicos, para as illudir; que está pago com o ouro da nação para defender certo ministro ou elogiar certo presidente.

Aqui, de tal sorte nos habituamos com a venalidade de uma enorme porcentagem do periodismo, que já ninguém se escandaliza com estas coisas. Nas vespéras da posse de um novo presidente, discute-se como o facto mais natural do mundo, se elle dará ou não dinheiro aos jornaes. Este é mesmo um dos topicos do seu programma de governo, que menos controversias levantam. Os que acham que haverá Ceará, no jornalismo, argumentam sem nenhuma vehemencia passional, mas simplesmente por amor da contradicção. A continuidade do processo administrativo não admittiu hiatos, até hoje, em 30 annos de regimen republicano. Revogar triumphalmente um passado destes, para assentar outra ordem de coisas desconhecidas, só mesmo uma audacia de louco, que ainda não surgiu no scenario do Brasil.

Consideremos um momento, o prospero e poderoso Estado de São Paulo. E' indubitavel que se o Brasil tem um núcleo de população, de que elle se pôde legitimamente orgulhar, é ali, na terra dos bandeirantes, dos desbravadores do sul e do oeste da nacionalidade. São Paulo pôde precisar de

propaganda no estrangeiro, para tornar mais conhecidas as suas possibilidades infinitas de trabalho, de riqueza, e atraír o colono europeu ás suas terras. Dentro do Brasil, escusa apontar os jogos de luz desse diamante, que é o encantamento de todos nós. Contudo, por um curioso paradoxo, o Estado mais rico, mais organizado da Federação, aquelle que mais pesa nos seus destinos políticos, e mais se impõe, em virtude mesma desse concurso de circumstancias excepcionaes, é o que se constituiu no agente mais formidavel de corrupção jornalística do Rio de Janeiro. Ha poucos dias, eu conversava com um homem publico de São Paulo, de grandes responsabilidades, e elle me notava quanto a sua terra poderia dispensar esses elogios mercenarios, que sómente enxovalham aquelles que os recebem.

Explica-se que os satrapas do norte, os regulos do septentrião, que surram os seus adversarios, empastellam ás typographias das gazetas opposicionistas, e fundam oligarchias tenebrosas, assalariem jornaes, no Rio, afim de obterem apoio do governo central para a continuação do seu prestigio. Mas que São Paulo, que é uma terra culta e liberal, com administradores incontestavelmente capazes, preocupados do bem publico, faça o mesmo, e com mão mais dadiosa ainda, é verdadeiramente desanimador.

Quando vejo algum politico paulista, desses que mal desembarcam na Central e já recebem, em pleno peito, os adjectivos classicos, de «eminente», «prestigiosos», «notavel», etc., penso no papelorio do «coronel», que estes pobres fazendeiros representam, deante da meia duzia de valdevinos que os exploram. Como elles caem no conto do vigario! Os politicos dominantes de São Paulo são, em sua maior parte, typos acabados, authenticos de «coroneis», esfolados nas unhas dos vigaristas da nossa imprensa de aluguer. Urge o apparecimento de meia duzia de creaturas de espirito, que abram os olhos a esses pobres homens, que deixam depennar os cofres publicos da sua terra, suppondo que ganham importancia na Capital Federal, com os elogios de meia duzia de cadaveres. A

imprensa virtuosa e honesta de São Paulo deve abrir uma campanha, já não digo só em favor do thesouro publico do seu Estado, mas dos lóros de espirito do povo paulista. Ella não deve consentir que São Paulo dê, no Rio, a impressão de ser governado por meia duzia de caipiras, aos olhos dos quaes, a letra de fôrma, escripta aqui, adquire um prestigio sensacional. — A. CHATEAUBRIAND (Do *Correio da Manhã*, do Rio).

Revisão e Revisores

A revisão, que já tem tido varios cochilos nesta columna, deixou hontem passar aqui um «gato» importante. Foi uma letra apenas, a mais. Isso mesmo, porém, já bastava e demoralisava tudo quanto se transcrevera e escrevera antes. Imaginem que, censurando os letreiros e taboletas escriptos lamentavelmente, sem nenhum respeito pela nossa lingua, eu citei, como exemplo eloquente do descaso por estas coisas, certa repartição federal da cidade, onde existe uma vistosa taboleta com estes dizeres: «Colis-postaux». E vai o revisor e corrige para: «Colis-posteaux»...

O chronista podia passar por saber patrioticamente mal o francez, o que de alguma fôrma o excusaria. Mas, «posteaux» é demais, e eu não quero deixar de o corrigir, como agora faço, com toda a solennidade, ao menos para que se não diga que precisamente ao censurar erros alheios, eu os commetto escandalosos...

Não quero, porém, que com isto se abespinhe o revisor, o meu prezado revisor destas linhas apressadas. Lembre-se que Erasmo foi seu collega, e que commetteu nesse mysterio erros graves e innumerados. Certa vez, num commentario do Evangelho, elle deixou passar «amores» por «amores» — e só por isso esteve a pique de ir para a fogueira...

Conta-se que o «Times» por a premio, durante algum tempo, o mais pequeno erro de revisão que se notasse nas suas columnas. Ninguem ganhou o premio — mas, no fim do prazo, a propria redacção revelou isto,

que passara despercebido a todos: o S do título sahira virado...

Não creio muito nesta historia, mas o certo é que os revisores inglezes passam por ser, de facto, os melhores do mundo. Os inglezes e os allemães. A respeito destes, conta-se tambem que a casa Brockhaus, de Leipzig, é impeccavel na revisão: até hoje ninguem se gabou de descobrir nos seus livros o menor «gato».

Nem sempre, porém, os revisores inglezes eram tão bons como a anecdota do «Times» nol-os faz suppôr. Basta dizer que a primeira edição de Shakespeare, feita na Inglaterra, apresenta nada menos de vinte mil erros...

No Brasil, a revisão é geralmente uma lastima, sobretudo depois que se introduziram nas officinas as grandes machinas de linotypos — apparatus complicadissimos que são verdadeiras maravilhas pela tarefa complexa que realisam, mas que tornam quasi impossivel um longo trabalho sem erros.

Numa campanha eleitoral da monarchia, já nos ultimos annos do regimen, certo chefe dirigiu ao seu eleitorado uma proclamação vehemente chamando-o «às urnas! Pois, a revisão deixou sahír «às armas!»...

De outra feita publicou-se na «Gazeta de Noticias» uma chronica de Ramalho Ortigão sob a epigraphie «O passeante e o presídios», quando devia ser «O passado e o presentes. Indignado com isso, Ferreira de Araujo exigiu que fosse rectificada aquella epigraphie. E é ãe se imaginar a sua colera ao lêr isto, no dia seguinte: «Rectificação. A carta do nosso illustre collaborador Ramalho Ortigão, estampada na edição de hontem, sahíu, por um erro de revisão, com a epigraphie «O passeante e o presídios. O titulo da interessante correspondencia é: «O passaro e o presunto!» — P. (D'O Estado de São Paulo).

Por Guanabera

Se ainda tivéssemos duvidas sobre a nossa falta de gosto e de imaginação, bastaria atentarmos para os nomes das nossas cidades, villas e lugarejos do interior para dissipá-las todas. Nem tanto seria preciso; um exame perfun-

tório e rápido do dicionário das ruas desta capital seria sufficiente para nos convencer da ausencia quasi completa d'essas duas qualidades. A regra é terem as nossas ruas nomes de pessoas, homens e senhoras, alguns antigos e históricos, quasi todos contemporaneos e sem historia, — mas, em compensação, duplicados e com os indispensaveis titulos: Doutor, Senador, Coronel, Dona...

A nossa febre de homenagens não desce nunca de 40.^o centigrados, de modo que não só as ruas têm nomes de gente, mas até as povoações, villas e cidades dos Estados: Campos Sales, Prudente de Moraes, Marechal Hermes, Cerqueira Cesar, Dr. Frontin, Miguel Burnier, Matias Barbosa, José da Costa, Manoel de Souza, Antonio Praxedes, Joaquim Bernardo e muitissimos outros apelativos, são hoje nomes de povoações, ou se-lo-hão amanha, o que me parece de um immenso e irremediavel mau gosto, sem precedentes, e uma prova pouco agradavel da nossa natureza lisongeira, o que acusa um certo relaxamento moral, que se me afigura deploravel. Além disso, quando mudamos o nome de uma localidade, mudamo-lo, em geral, para peor e continuamos a mostrar a nossa falta de imaginação. Exemplo recente desta afirmação foi a mudança do nome de «Maxambomba» para Nova Iguassu'. Percebe-se bem que ao mudador faltava a faculdade inventiva. Tendo de prescrever o nome catapultoso de Maxambomba, não se deu ao trabalho de procurar um nome novo e bonito, ao menos bem soante. Para que? «Iguassu'» estava ali ao pé do tinteiro, servindo já a várias localidades e a um rio de S. Paulo. Bastava dar-lhe uma espanadela, passar-lhe uma mão de tinta e ali estava o nome, novinho em folha. Era só accrescentar-lhe o adjectivo. Pronto — Iguassu' nova, ou mais á inglesa — Nova Iguassu'. Mais tarde talvez até se venha a confundir com Nova York.

Ora convenhamos que Maxambomba era feio mas expressivo, mas infundivel, mas u'nico e, por isso mesmo, sempre novo, e além disso era uma só palavra, o que tambem tem a sua importancia. Para as cidades



querem-se nomes simples. Um só nome basta. É mais prático, mais rápido para dizer e grafar. Os nomes compridos ou arresados são difíceis de escrever e andam por isso quasi sempre errados, tanto os das povoações como os dos individuos. Eu proprio sou vitima do meu, que aliás não é arresado, mas pouco comum. Raro consigo que mo escrevam direito. Nove vezes em dez escrevem «Felinto» com «e» na primeira sílaba; muitas vezes «Felinho», com dois erros; algumas outras «Phelinto» ou ainda «Phe-linho» e tem havido até quem grafe «Flinto». Contra «Filinto» a simplicancia é geral. Porque? Não sei; nunca consegui sabe-lo. Resignei-me.

Entretanto nada isso tem importancia deante do facto verdadeiramente escandaloso do erro e da extensão do nome da nossa capital — Rio de Janeiro: tres palavras que ha quatro séculos celebram um erro geográfico. É sabido que ao transporem pela primeira vez a nossa barra os descobridores julgaram ter entrado em um rio, e, como era 1.º de Janeiro, sem muita atenção, começaram, enquanto lhe não davam um nome, a designa-lo Rio de Janeiro. Formou-se depois um nucleo de população, que se foi engrossando e dilatando sem que lhe puzessem um nome, continuando a ser o local designado pelo nome do seu rio. A sua importancia cresceu sempre, foi para aqui transferida a capital da provincia ultramarina, e o nome continuou e fixou-se, apesar de se ter verificado que as águas eram de uma imensa baía maritima e não do estuário de um rio.

A' formosissima e magestosa baía já os Tamoios tinham posto o lindo nome de Ganabara ou Guanabara, mas o nome absurdo da cidade continuou sempre e continua. Perpetuou-se o erro, com as tres palavras que parecem alonga-lo ainda mais.

E não seria possível corrigi-lo? Por que não? Se o nome absurdo e feio da cidade lhe veio da sua esplendida baía, venha-lhe da mesma baía o nome certo e lindo.

Quem haverá aí de bom gosto e de bom senso que não prefira chamar

Guanabara, em vez de Rio de Janeiro, á cidade maravilhosa?

Se os jornalistas quizerem adoptar a idéa da mudança e ousarem propaga-la, ela se fará em pouco tempo. A celebração do centenario da independencia, d'aqui a tres anos, seria uma ótima oportunidade para isso. Essa data deve marcar o inicio de uma era nova para o Brasil e seria obra patriótica o libertar a capital do pais do erro sécular do seu nome, que já Fernandes Pinheiro qualificava de «impróprios» em 1862, qualificação repetida por Varnhagem, que o attribue a um notavel engano cosmográfico. Não seria o caso de se extinguir uma tradição, mas apenas de a substituir por outra, melhor e mais bela, visto que Guanabara não é nome novo, nem pouco usado, mas um nome local, applicado até agora a uma parte da cidade. O trabalho consistiria apenas em dilatalo um pouco e trazer parte dele do mar para a terra, como foi trazido o outro.

Que beleza, podermos d'aqui a tres anos datar os nossos documentos e as nossas cartas — «Guanabara, 7 de Setembro de 1922!» — FILINTO DE ALMEIDA (d'A Noite, Rio).

Sobre o tratado da paz

Para o Brasil, para o Congresso brasileiro, a ratificação do tratado de paz só pôde ser uma simples formalidade official, que lhes não fala á alma e lhes não toca o coração. Aliado desde a primeira hora, sem os exaggeros romanticos dos que esqueciam o Brasil pela America, pela Inglaterra, e principalmente pela França — sete mezes de Europa largamente me convenceram que commigo estava a verdade — applaudi e applaudo ainda hoje a orientação politica dos que collocaram o Brasil contra a insania allemã. A nossa neutralidade era um erro e poderia ser um perigo nacional. A luta tomara tamanha extensão e tamanha intensidade que se nos tornava impossivel uma attitude de espectadores tranquilos. Mas, pelas proprias condições do Brasil, a guerra não poderia ser para nós uma luta de exterminio. Nada mais justo do



que as palavras do illustre relator da Comissão de Diplomacia da Camara, o Sr. Azevedo Sodré — o Brasil tendo entrado na guerra pela força das circunstancias, sem odios nem rancores, inspirado nos melhores sentimentos de justiça e solidariedades humanas, obedecendo ás tradições da sua politica internacional, não pôde alimentar intuitos vingativos nem applaudir actos evidentemente contrarios ao direito, á boa razão e á moral. De facto, que temos nós com as lutas politicas do Velho Mundo, com a retallação das suas fronteiras, os erros dos seus diplomatas, os crimes dos seus dirigentes? Ao Congresso brasileiro compete apenas o dever constitucional de ratificar o mais depressa e o mais friamente possível a obra ingloria, que todo um passado de despeitos e rivalidades dictou aos senhores momentaneos do Mundo. As pequenas nações, que serviram de côro na galeria dos espelhos de Versalhes, pôdem lavar serenamente as mãos. Não foram ouvidas, nem attendidas; não lhes cabem glorias nem censuras. Seria mesmo ridiculo que a Camara brasileira perdesse um tempo que lhe deve ser de ouro, em discussões vãs, sem alcance pratico, quasi sem significação historica. Nada poderia fazer contra a fatalidade das cousas; a sua voz de protesto ou de applauso morreria sem êcho, murmurio quasi indistincto aos nossos proprios ouvidos. Nesses dias tristes de transição, os mais graves problemas sociais, as mais serias questões economicas devem abstrver a attenção de todos que se julguem com responsabilidades de dirigentes ou mesmo de simples cidadãos anonymos.

Chegou o momento de olharmos para nós mesmos, para as nossas necessidades intimas. Construamos a nossa casa, cultivemos a nossa fazenda. Um dia, quando a ordem e o trabalho forem entre nós uma realidade, o ouro encher os nossos bancos e os canhões os nossos arsenaes e os nossos navios, falaremos alto e seremos ouvidos. Do Sr. Epitacio Pessoa ao mais obscuro dos jornalistas brasileiros, que acompanharam em locos os trabalhos da Conferencia da Paz, e que é este

que assigna estas linhas, todos nós sentimos bem que o Brasil é para os homens da Europa — expressão geographica, tão vaga quasi como a Bolivia ou Costa Rica. Retribuamoc-lhes com a mesma moeda. O tratado de paz, que o Brasil como as outras potencias de interesse secundario assignaram quasi de cruz, só pôde ser aqui pouco mais do que uma curiosidade teratologica para os juristas. Fere todos os nossos ideaes, contraria todas as aspirações da nossa cultura, desmente todas as nossas esperanças. — JOSE MARIA BELLO (*D'O Imparcial*, Rio).

Bilac

Foi de piedade a impressão que me ficou da ultima vez que vi Olavo Bilac.

Encontrei-o, inesperadamente, em meio da escada que leva á sede da Liga da Defesa Nacional, no Rio. Os seus olhos de myope e de estrabico, a sua bocca larga e forte, toda a sua estranha physionomia tinha uma expressão indefinivel, mas tremenda, de cansaço, de supplica ou de recondita revolta. Passou por mim, sem me reconhecer, á meia luz da tarde agonizante, como um espectro. Era bem uma daquellas ruínas eschyleanas habitadas, apenas, pelo Tedio. Segui-o um instante. Vi-o subir, pallido e lento, os degrãos de madeira. Sumiu-se, por fim no casarão vazio. Nunca as palavras de Cobclet, empapadas de lagrimas e fel, me pareceram mais terriveis, na sua symbolica eloquencia.

«Vae sois! Não sei porque, ao descer, senti em mim, como um presagio, por uma longinqua afinidade, qualquer coisa daquella tristeza immensa e silenciosa. Lá em baixo, a rua do Ouvidor, angusta e ruidosa, era como uma phantasia de caricaturista, um mostrario vivo e comico, continuamente renovado, de caras, de gestos e de roupões...»

Si Bilac tivesse vasado nelles toda a sua amargura, que palpitantemente dolorosos não seriam os seus ultimos sonetos!

Adivinha-se, porém, presente-se, niti-



damente, tudo quanto elle occultou, atenuou, disfarçou.

A dentro dos versos limpídos da «Tarde lateja, pausado e torturado o coração do homem que envelheceu sem ter sabido sem ter querido sem ter podido — quem sabe? — constituir um lar...

A aproximação do crepusculo, do fim, enchia de intraduzível afflicção aquella pobre alma solitaria.

Uma personagem de Barbey d'Aurevilly, ao morrer, na immensa aridez moral do seu quarto de solteiro, affirmava com insensato orgulho, que em seu coração não ia para o império das sombras a recordação, a saudade de uma unica mulher.

No coração de Bilac...

Mas respeitemos o silencio em que elle sempre envolveu o episodio maximo da sua vida sentimental:

Falei tanto de amor... de galanteio, vaidade e brinco, passatempo e graça, ou desejo fugaz, que brilha e passa ao relampago breve com que veio...

O verdadeiro amor, honra ou desgraça, gozo ou supplicio, no intimo fechei-o: nunca o entreguei ao publico recreio, nunca o expuz indiacreto ao sol da praça.

Não proclamei os nomes que, baixinho, rezava... E ainda hoje, timido, mergulho em funda sombra o meu melhor carinho.

Quando amo, amo e deliro sem barulho; e, quando soffro, calo-me, e definho na ventura infeliz do meu orgulho.

Depois desse soneto, quem poderá, si o soubesse, pronunciar, sem sacrilegio, o nome da mulher, que não figura nos seus versos e foi, no entanto, a alma de todos elles? — JOAO PINTO DA SILVA (Do «Hoje», Rio).

D. Pedro I, musico

Quem recorda o vulto árdego, intrepido e cavalheiresco do nosso primeiro imperador, e o seu amor á lucta, e

o apêgo ás questões intrincadas da politica, e sobretudo aquelle seu predomínio sobre os homens, mais por temperamento que por hierarchia, e aquella largueza de gestos e franqueza quasi rude de caracter, que o erguiam acima de quaesquer mesquinhas, não imagina que naquelle corpo destemido de luctador, sob a couraça elegante de requintado gentilhomen, se pudesse abrigar uma alma sentimental de puro artista. Filho do generoso monarcha que foi d. João VI, herdára de seu pae o gosto pelas artes, especialmente a musica, que desde tenra idade se acostumára a ouvir, escolhida e bem executada, em famosos concertos no paço, em festivaes religiosos na capella imperial. O ouvido educado completava á perfeição o dom divino que as boas fadas lhe confiaram no berço. Apercebendo-se D. João VI da vocação de seu filho, lisonjeado de possuir na familia alguem com qualidades para continuar a sua obra de verdadeiro Mecenas coroado, chamou, para ensinar ao joven principe os rudimentos da arte sublime a que elle dava preferencia, a José Mauricio e a Marcos Portugal. Dentro em pouco aquelle a quem estava reservado o grito libertador de *Independencia!*, attento como poucos ás lições de seus mestres, cantava e tocava fagote, trombone, flauta e violino. Mais tarde, pela mão adestrada de Neuckowen, aprendeu composição, harmonia e contraponto. Não tardou que lhe viesse o desejo de compor, escrevendo varios trechos de musica sacra e uma symphonia a grande orchestra, levando mesmo o seu arrojio musical a produzir uma opera em portuguez, cuja *ouverture* foi tocada em Paris, por fins de 1832. São ainda de sua lavra os hymnos da Independencia do Brasil e da Carta de Portugal, além daquelle que intitulou *D. Amélia*, conhecido em Portugal como musica obri-gatoria em todas as solennidades patrioticas.

Aprazia-se o principe em fazer musicas para serem depois cantadas em côro, em que nunca deixava de tomar parte, rodeado sempre das melhores vozes femininas da epoca. Por occasião da sua proclamação, quando se tor-



nou Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, realizou em S. Paulo um espectáculo de gala, para festejar o brado do Ypiranga, sendo cantada então musica oriunda do talento artistico do principe-maestro.

Um episodio musical vem attestar que a celebre exclamação de 7 de setembro fôra um acto premeditado, de bases prèviamente architectadas. Basta para isso narrar que a letra do Hymno da Independencia foi encomendada a Evaristo da Veiga com vinte e um dias de antecedencia, a 16 de agosto de 1822. E essa letra já previa acontecimentos futuros, julgando o appello, que se contém no estribilho, á coragem e ao patriotismo dos nossos patricios:

*Brava gente brasileira,
Longo vá temor servil.
Nossos peitos, nossos braços
São muralhas do Brazil.*

Esses peitos, que mais tarde justificaram a classificação de muralhas, oppondo-se como diques á permanencia das tropas portuguezas na ex-colonia, foram os mesmos bravos peitos que cantaram, abriram aos ares as vozes de um sentimentalismo admirativo, entoando unisonos a musica do proprio libertador, tão propenso ao ardor bellico das armas como ao enlevo suggestivo das melodias.

Artista que era, amava e protegia os artistas em cuja roda se entretinha, e que no paço encontravam sempre amistosa acolhida. D. Leopoldina, a suave imperatriz, que tambem dedicava os seus lazeres governamentais ao doce consolo do seu piano, secundava com fidalguia essa predilecção de seu augusto esposo. Assim, tornaram-se famosos os sarais da córte, onde reinava de costume a boa musica, interpretada não só pelos mestres da terra como pelas celebidades que aportavam ás nossas plagas, attrahidas pelo fino gosto do *Magnanimo* em questões d'arte.

A's vezes, Pedro I, fatigado dos rigores classicos do ceremonial, enervado pelas exigencias de um convivio irritantemente faustoso e hypocrita, de

que sempre reçumavam as exhalações miasmaticas dos bajuladores, afastava-se, encolhia-se em um pequeno meio de intimos que elle sabia destacar, e dava expansão sincera á sua veia artistica, descambando de rei para trovador, trocando o manto opulento dos festins imperiaes pela capa traçada do heróe das serenatas. Era então cultivada essa flôr sertaneja e purissima, delicada e selvagem, amorosa e perversa, filha dilecta das selvas tropicaes, qual a cabocla requemada dos desafios, trazida ao crepitar tumultuoso das cidades pela mão caprichosa de um principe galante — a modinha brasileira. D. Pedro cantava á perfeição as nossas mais sentidas canções nacionaes, essas endeixas de sabor castamente regional, que tão bem sabem falar aos confesionarios da alma e com tanto primor traduzem o coração de uma raça privilegiadamente sentimental. E, a exemplo do monarcha, todo o mundo cantava. A modinha em pleno apogeu, descia da intimidade do paço aos salões engalanados da nobreza, em dias de grande festa.

E era de vel-a, acanhada e humilde, nas suas vestes singelas de caipira, despida de atavios e arrebiques, docemente pousada do lado das poltronas confortaveis, onde se repoltravam as complicadas senhoras que se vestiam directamente de Mozart, Beethoven ou de outro qualquer *tailleur* afamado das harmonias aristocraticas. Tudo devido á inclinação morganatica do imperador por essa especie popular de musica, a mais cariciante e embaladora de todas. Nem era para menos. Aquelle que fôra o mais audacioso *don Juan* do seu seculo, que se perdia em noitadas difficeis de escaladas e sustos, para obter a posse da mulher cobiçada, que desbancou em façanhas galantes os mais ardorosos conquistadores destas abrazadas terras, nunca poderia dispensar o chifarote do violão e a catapulta da modinha como as mais fortes e infalíveis armas de conquista. — GASTÃO PENALVA (Do *Correio da Manhã*, Rio).

Homens e coisas do Estrangeiro

Impressões de Paris

Nós temos, não só no Brasil como em toda a América, a illusão de que são os povos europeus — e delles especialmente a França — os mais adiantados da terra. Como é daqui que partem todas as noções novas da sciencia, as revelações novas da arte, nós, na nossa móbile candura (a expressão é de Clemenceau) ingenuamente julgamos que é igualmente aqui que systematicamente se applicam, na pratica, todas as theorias novas, que é aqui que todas as descobertas se executam, que todos os principios primeiro se ensaiam. Illusão! Para que tal succedesse seria preciso que estas velhas nações europeas se libertassem repentina e milagrosamente da influencia extrema das tradições. Seria preciso que a nevoa da poesia do passado deixasse de obscurecer-lhes a visão exacta do presente.

Ora, isto é impossível. A verdade é que foram estas nações europeas as que de facto criaram a nossa civilização moderna; criaram-na dolorosamente, através de mil sacrificios e lutas mil, concebendo-a com dôr e dando-a á luz entre caudões de sangue. A nós, a civilização pouco nos custou; nós limitámo-nos a adoptar a obra alheia, já feita. Assim, tudo o que é novo nos agrada, nos seduz. A's nações da Europa o que é novo espanta, repelle. Para adoptar uma novidade têm ellas de abandonar uma velharia que entretanto lhes custou grande esforço, trabalho, soffrimento para criar, para produzir... Daí a natural resistencia ás novidades, daí a rotina, o conservatorismo.

Nos Estados Unidos uma villa nova que surge em logar antes deshabitado, é logo servida por carros e luz electrica, cortada de esgotos, de canalizações de agua; telephonios e telegraphos, hospitaes e bibliothecas lhe emprestam immediatamente conforto e civilização.

Aqui, ha grandes cidades sem esgo-

tos. A propria Paris não so tem senão em parte, e pelos Campos Elysios e pelos boulevards maravilhosos passam á noite pesados caminhões munidos de bombas que vão sugar em fossas de arrabaldes as materias feccas accumuladas durante o dia. Aqui ha grandes predios de seis e oito andares onde não ha canalizações de gaz nem fios electricos; a illuminação ainda se faz em taes casas com candelabros de velas e candieiros de petroleo. No interior ainda é peor. Quanto á hygiene, á assistencia, á instrucção publica o atraso não é menor em França. Os appparelhos sanitarios ainda existentes em Paris são condemnados no Rio ha dezenas de annos, e o seu emprego prohibido pela Prefeitura desde a administração Passos.

As escolas municipaes—regidas aqui por uma lei do sec. XVIII — funcionam em predios insalubres, estreitos, sem ar, sem luz. Nos hospitaes — com excepções relativamente raras — os methodos modernos de construcção e aparelhamento não são seguidos, nada de janellas amplas, de paredes lavaveis, de cantos em curva. A inspecção hygienica domiciliar não existe; o proprietário não pinta, não forra, não desinfecta, não concerta a sua casa senão quando quer — o que quasi nunca acontece.

Que será a vida das classes pobres em tal meio? É facil de imaginar-se.

Certos productos francezes universalmente conhecidos, certas publicações de luxo, certos perfumes caros, certas confecções de gosto, são aqui fabricados em salas humidas e escuras, infectas e nauseabundas, sem divisões, sem cadeiras, sem moveis, illuminadas a petroleo, cheirando a haffio, por operarios e operarias sujos e doentes... Essas fabricas têm no centro de Paris escriptorios sumptuosos, mostruarios ricos, que atraem, prendem o freguez. Mas as espeluncas onde são manipulados os seus productos, essas, causam horror!

Os nossos operarios, que ahi por espirito de imitação, como por um misonicismo de idéas, começam já a clamar lyricamente contra o capital e o burguez, se viessem até cá e

aqui se sujeitassem aos costumes do paiz, ao fim de quinze dias voltariam para o Brasil os olhos saudosos, como para a terra da Promissão! Trabalhando em predios insalubres, humidos, escuros, nunca varridos ou lavados; comendo em pé em latas de folha nos intervallos do serviço, os operarios francezes ao fim de alguns annos de tal vida estão doentes, inutilizados, perdidos. Fóra das fabricas a sua vida não é mais agradável ou alegre: moram em mansardas, no alto dos predios, onde altíssimas escadas vão dar, em quartos exiguos, mal arejados por vóteas estreitas, em predios construidos ha um, dois, tres seculos, sem hygiene, sem conforto. A familia, caso a tenha, trabalha toda, na mesma azafama, na mesma ansia de aproveitar os poucos annos de saúde e actividade para juntar os cabedales sufficientes á manutenção da velhice ou da invader provável. Filhas e filhos cedo se dispersam. As raparigas, mal chegam á puberdade, logo encontram quem as queira, deixam de trabalhar por alguns mezes, por um anno, quando muito. Depois voltam á familia e á fabrica, a ajuntar o dote que lhes consente arranjar casamento, ou a esperar um novo amante que lhes permita descansar de novo por algum tempo. A mãe, occupada nos trabalhos domesticos pela manhã, enquanto o marido ainda dorme, estafado, são ás mesmas horas que o esposo para o trabalho; á tarde, volta para fazer o jantar, enquanto elle fica a trabalhar e a beber pelas casas de alcool. A' noite é ella ainda que trabalha, á luz da candeia, cosendo e remendando; o marido, esse voltou ao botequim, á agua-ardente, ao vicio. Nem se pense que exaggeremos. E' essa provada, documentadamente a vida de mais de 90% dos operarios francezes! A noção de familia, como nós a temos, a união sagrada do lar, mantida pelo amor aos filhos e o respeito aos paes — não existe ou mal existe. Na familia, aqui, é o egoismo individual que prevalece. A familia é util a cada um não pelo apoio moral que fornece e sim pelo apoio material; a familia é uma sociedade limitada em que todos traba-

ham para um fim commum que é o maior aproveitamento das energias alheias no conforto proprio. E' o interesse que as reúne, como é o interesse que as dissolve. Aqui é infelizmente raro viverem paes do trabalho dos filhos; mas é commum viverem da falta de trabalho das filhas.

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA
(D'O Estado de São Paulo).

Variedades

A coragem nos animaes

Só a coragem suppõe a idéa da morte, o sacrificio livremente aceito pelo individuo para satisfazer um ideal; os animaes não possuem certamente a verdadeira coragem, que é apenas apanagio do homem e até só do homem superior — escreve L. G. Sée, na *Revue de Paris*.

Se por coragem comprehendermos, porém, apenas o desprezo pela morte, os animaes são corajosos. Verdade é que desprezam a morte porque a ignoram, mas esta ignorancia os conduz ao sacrificio.

Entre os animaes superiores de que nos servimos e os que vivem em estado de liberdade, pôde fazer-se uma certa distincção acerca da sua capacidade de sacrificio.

Ao passo que os segundos, abandonados a si proprios, seguem as suas inclinações naturaes, os primeiros, sob a influencia da educação e do amestramento, podem adquirir qualidades que os approximam do homem. São susceptiveis de uma evolução, embora mais limitada que a do homem.

O que é o amestramento sinão o meio de desenvolver certos instinctos, de os dirigir para um fim de utilidade, ou de reagir contra outros, como por exemplo o instincto da conservação? Domar esse instincto, vencer o medo, adaptar-se, eis a primeira condição da coragem. Se isto tem uma base moral, tem tambem uma base physica, que vem a ser o dominio de si proprio.

Quando o systema nervoso predomina sobre os outros elementos, certos cães ou cavallos perdem a cabeça, na guerra quando se acham na linha



de fogo e não podem ser lá utilizados. Outros, senhores do seu systema nervoso, dominam os movimentos reflexos e cumprem actos de heroísmo que lhes merecem as honras da citação.

Por exemplo, a mula de um regimento inglez foi condecorada com tres medalhas porque na campanha sul-africana assegurára debaixo de fogo, *sozinha e sem conductor*, o serviço das munições.

Lucifer, cavallo do 15.º Regimento de Dragões, foi citado na ordem do dia, por ter sido ferido no dia 17 de Setembro de 1917, quando, debaixo de um violentissimo bombardeio, assegurava a ligação entre duas unidades separadas por um desmoronamento.

Para incluir no mesmo reconhecimento os cavallos e os homens que dividiram os mesmos riscos, o major commandante de uma bateria de artilharia decidiu que os cavallos, que se achavam presentes quando o regimento mereceu as duas citações, usassem na cabeçada duas borlas da côr da cruz de guerra.

Como podemos tambem deixar de dar nome de coragem á impetuosidade do cavallo que parece communicar o seu ardor ao cavalleiro nas cargas heroicas; e a tranquillidade dos burros que transportam para toda a parte a sua carga de mantimentos e de munições; a dedicação dos cães sanitarios ou portadores de ordens que morrem no seu posto, mas executam a sua missão?

A causa da derrota Allemã

... O general von Kluck, cuja ala foi destroçada na primeira batalha do Marne, explica de maneira razoavel a causa da derrota allemã.

— «Fomos, talvez, sabios de mais.»

E' isso mesmo. Foram sabios de mais. Lá diz o povo portuguez num dos seus mais profundos conceitos: «Tanto leu, que tresleu.»

Os allemães tresleram. Foram sabios de mais, o que vale dizer, deram mais importancia aos livros do que aos homens. Procurar resolver com fórmulas fixas os problemas sociaes é um erro. Profundo erro. O factor homem é o mais incerto e variavel de todos. Fa-

cil é, sem duvida, ao astronomo marcar, com exactidão de segundos, os eclipses, as rotações dos astros e outros phenomenos sideraes. Não é difficil ao engenheiro mecanico determinar o funcionamento preciso, chronometrico, de qualquer aparelho por mais sensivel ou mais poderoso. Não lhes custou, portanto, precisar o tiro do canhão monstro com que metralharam Paris, nem o bombardeamento aereo de Londres, ou o torpedeamento do *Lusitania*. Tudo puderam calcular, medir, pesar, regular com exactidão mathematica quando se tratou de pôr ao serviço do formidavel e illusorio plano de dominio universal as forças materiaes, mas tudo falhou quando Moraes, ou seja, a energia social que quizeram igualmente sujeitar as forças está fóra e acima de todos osapparelhos de peso, medida e calculo.

Sabios apenas que os allemães fossem, a guerra não teria estalado. A sabedoria é synonymo de sensatez. Mas, disse bem Von Kluck, toda a desgraça foi serem sabios de mais. Tresleram. A sabedoria demasiada raia pela insensatez.

Os estadistas e militares do truçalento imperio se tivessem sido apenas sabios, sem excessos perturbadores, procurariam determinar os acontecimentos menos pelos livros, e mais pelos homens. Prescrutariam, não indirectamente através de monographias e tratados scientificos, mas pelo estudo directo das almas, a resistencia moral dos adversarios e a propria resistencia moral da Allemanha.

Sabios de mais, foi pelos livros que toda a Allemanha se convenceu, segundo as proprias palavras do Kronprinz a um jornalista hollandez, da fraqueza da França:

— «Eu pensava de ter de tratar com um povo efeminado, enfraquecido, degenerado.»

No mesmo sentido, mas mais completos, foram os dieres do general Von Kluck ao mesmo jornalista:

— «Acreditavamos na desordem completa do inimigo e não levavamos em conta que o factor decisivo da aptidão especial do soldado francez, pudesse despertar tão rapidamente. Em uma derrota, um tal factor sempre



foi difficilmente admissivel pelo calculista mais preciso, pelo chefe de estado-maior mais previdente.

Que homens, que recuam durante dez dias seguidos (e aqui a voz de von Kluck se altera), que homens, deitados por terra, semi-mortos de fadiga, pudessem retomar o fuzil e atacar ao som do clarim, é coisa que nunca aprendemos a ter em consideração, é uma possibilidade que nunca foi assumpto de debate nas nossas escolas de guerra.»

Foi pelos livros que elles adquiriram a illusão do fraccionamento do imperio britannico e do mercantilismo efeminado dos americanos; como pelos livros foi que julgaram que a Belgica não ousaria metter o pequenino grão de areia do seu exercito na sua formidavel engrenagem militar.

Foi o orgulho da sua sciencia, mais ainda do que da sua força, que os perdeu. Não ha maior necio do que o que se julga sabio. A sciencia dos livros não é nada sem a sciencia da vida.

Dois allemães apenas, um no principio da lucta, Maximiliano Harden, e outro no fim, o general von Kluck, definiram bem as causas da guerra e as causas da derrota.

— «Esta guerra, escreveu Maximiliano Harden, tenhamos a coragem de o dizer, é a nossa guerra. A Alemanha a quiz, porque a devia querer.»

— «Fomos derrotados, concluiu von Kluck, porque fomos, talvez, sabios de mais.»

Está certo. — ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE (*D'O Paiz*, Rio).

A idade da terra

Os 100.000.000 annos que se attribuem habitualmente á terra são um compromisso entre os 25 a 30 milhões que lhe daria a theoria de Helmholtz, baseado na duração do poder radiador do sol, e as deducções de Kelvin relativas ás leis do augmento do calor da periphéria para o centro da terra.

Mas a descoberta, de ha uma vin-tena de annos, de que a radioactividade das rochas terrestres é completa-

mente sufficiente para conservar a temperatura interior da terra, colloca sob uma nova luz o problema da idade do nosso planeta.

Agora que se conhece a rapidez com a qual o uranium se transforma em helium, pôde-se calcular approximadamente a idade da terra pela medida da quantidade relativa destes dois productos, taes como elles se encontram actualmente na crosta do globo. Obtem-se assim a certeza de que a terra tem pelo menos um bilhão de annos.

Desde que a vida nelle se manifestou não houve interrupção na sua existencia. Os astrónomos se encontram pois, presentemente, em frente do seguinte enigma: Como é que o sol, que é a unica fonte da vida sobre a terra pôde conservar por tanto tempo sua radioactividade, uma vez que se sabe que todas as fontes de energia são incapazes de a conservar?

Depois de muitos estudos os astrónomos chegaram á conclusão de que o espectro de uma estrella pôde servir de indicação da sua idade e fizeram-se hypotheses muito verosimeis sobre a ordem pela qual as estrellas passam através destes diferentes typos de espectres. A vida humana parece curta para analysar tão lentas evoluções, mas é de crer-se que espectros que apparentam estados fixos não são na realidade senão aspectos momentaneos de uma estrella.

Eddington mostrou que são precisos 100.000 annos para uma estrella passar por todas as phases espectraes, mas a evolução de uma estrella tão adiantada como o sol é sem duvida muito mais lenta. — (Dr. HARLOW SHAPLEY, *Publications of the Astronomical Society of the Pacific*, IV, 1918).

Shakespeare e a immortalidade

Os sonetos de Shakespeare foram sempre muito discutidos entre os eruditos.

Numa conferencia reproduzida pelo «Christian Dork» de Nova York, o Professor Palmer disse que se creava nesses sonetos a philosophia da vida do poeta, as suas idéas sobre

Deus, acerca do homem e da immortalidade, assim como «um desenvolvimento de fé através de tres concepções da vida immortals.

Esta obra pôde dividir-se em tres partes: as duas primeiras são dedicadas a um bellissimo joven; e o poeta quando pensa nelle não pôde supportar a idéa de que uma creatura tão perfeita, tão pura, tão nobre, possa ser colhida pela morte. Mais de uma vez este pensamento angustioso se affirma nos primeiros dezeseite sonetos. Ao passo que toda a alma do poeta se volve para o bello adolescente, elle não se esquece de que o tempo ha de destruir a sua extraordinaria fascinação. e... O Tempo virá e levará consigo o meu amor» Falla assim do Tempo setenta e oito vezes.

Qual será, porém, victorioso, o Tempo ou a Morte? Não, diz o poeta, a belleza e o encanto deste joven hão de reviver nos seus filhos e nos filhos dos seus filhos, através dos seculos: o Tempo ha de ser vencido, e a Morte derrotada, allude constantemente a esta immortalidade natural, e este conceito exprime-se claramente no decimo segundo soneto, em que Shakespearé aconselha ao joven que se perpetue na familia; e no decimo setimo soneto, conclue dizendo: «Mas se um filho teu fosse vivo nesse tempo — Viverias duas vezes, nelle e nos meus versos.

Segue-se uma transformação imprevista: a idéa desta immortalidade natural é demasiadamente vaga, e a eventualidade demasiadamente incerta para satisfazer o poeta. «A personalidade perde-se, mesmo se caracteres de belleza physica e moral se transmit-

tem... O homem não sobrevive... fica apenas a sua cópia.»

Com o decimo soneto começa portanto a desenvolver-se o que o Prof. Palmer chama a theoria da immortalidade ideala. O poeta erigirá ao seu idolo um santuario de versos, em que o joven viverá para sempre. Enquanto os homens pensarem, lerem, amarem, procurarem cousas bellas, parece elle dizer, esta maravilhosa criança será o seu companheiro.

Sobrevem, porém, uma duvida, enquanto se evolue a theoria da immortalidade ideal: os versos podem não ser lidos e assim apagar-se tambem a recordação daquelle que o poeta quer immortalisar. De repente, na terceira parte, emerge então a fé numa immortalidade espirital e verdadeira, em que a propria personalidade sobrevive depois da morte.

Esta fé, affirma Palmer, nasce não apenas do descontentamento do poeta, que as precedentes theorias não satisfizeram, mas tambem da experiencia directa do seu coração: pois que enquanto se dedicava aos louvores do nobre mancebo, cedeu a uma baixa tentação.

O ultimo grupo de sonetos, que conta a historia do seu peccado, reflecte em esplendidos versos a luta entre a affeição pelo amigo e a fascinação da mulher. Em meio desta luta, o poeta descobre em si mesmo uma natureza immortal, em contraste com as forças da materia; tem assim a revelação e no soneto n. 146 entã o canto da verdadeira immortalidade: não na carne dos filhos, não na palavra do genio, mas na sua alma no seu *eu* é que o homem sobrevive, erguendo-se victorioso sobre a morte.

CARICATURAS DO MEZ

A MENSAGEM PRESIDENCIAL



— Qual, seu Epitacio, o phantasma já não nos mette medo!
Desde 15 de Novembro de 89, que elle nos faz a mesma careta.

(Kalixto - *D. Quixote* - Rio)

NO CINEMA



— Já te disse! Quando a scena fôr duvidosa, não olhes para a fita.

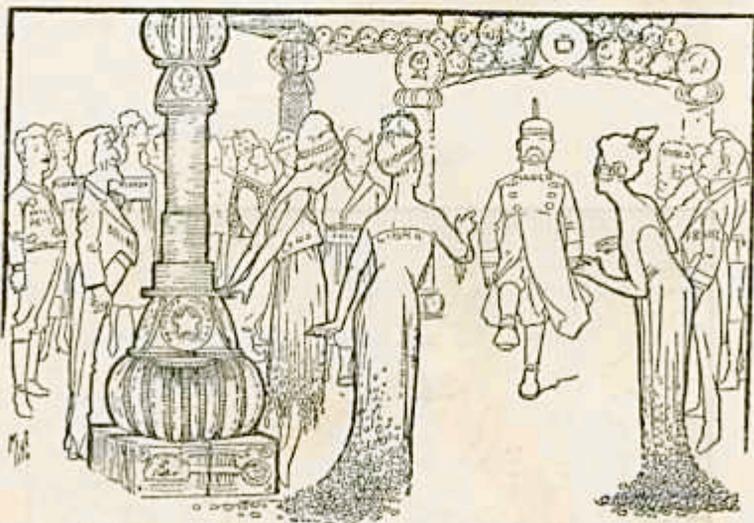
TRABALHOS DE... "PÁS"



Antes de plantar o jardim da Paz, os jardineiros limpam o terreno da herva má...ximalista.

(Kalisto - D. Quixote - Rio)

A "RENTRÉE" DO MARCO



Depois de quatro annos de ausencia, Von-Marco é recebido com as devidas honras no Palacio d'El-Rey Dinheiro que continua pacificamente governando a Terra e... *ayant des accommodements avec le Ciel.*

(Kalixto - D. Quixote - Rio)

Homenagem da Colonia
Italiana



Mimo que vai ser oferecido ao
snr. Paulo Barreto, o grande pro-
pagandista da causa italiana.

(Voltolino - *D. Quixote* - Rio)

A "salvação" da
Europa



Projecto de monumento com-
memorativo da acção "yankee"

(Voltolino - *Pasquino* - S. Paulo)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate

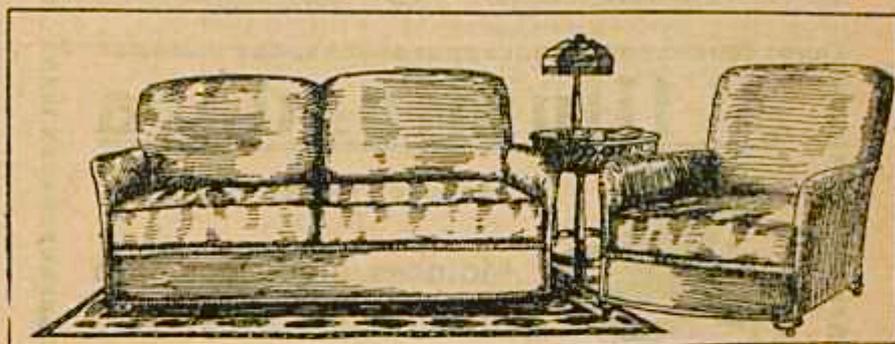


Até os bichos apreciam o chocolate LACTA

MAPPIN STORES
SOCIETATE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ::

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade. ::

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

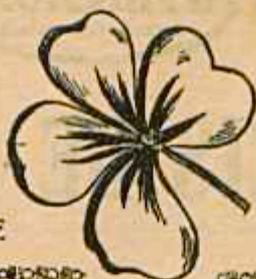
R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

"Trevo"

SE EXPORTAM

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1½
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Joaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres precieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 · Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 · S, PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.
25, 29, 32 e 35, da Revista do Brasil
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,
Rua da Boa Vista N. 52

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUETS.

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas

Guanabara



CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

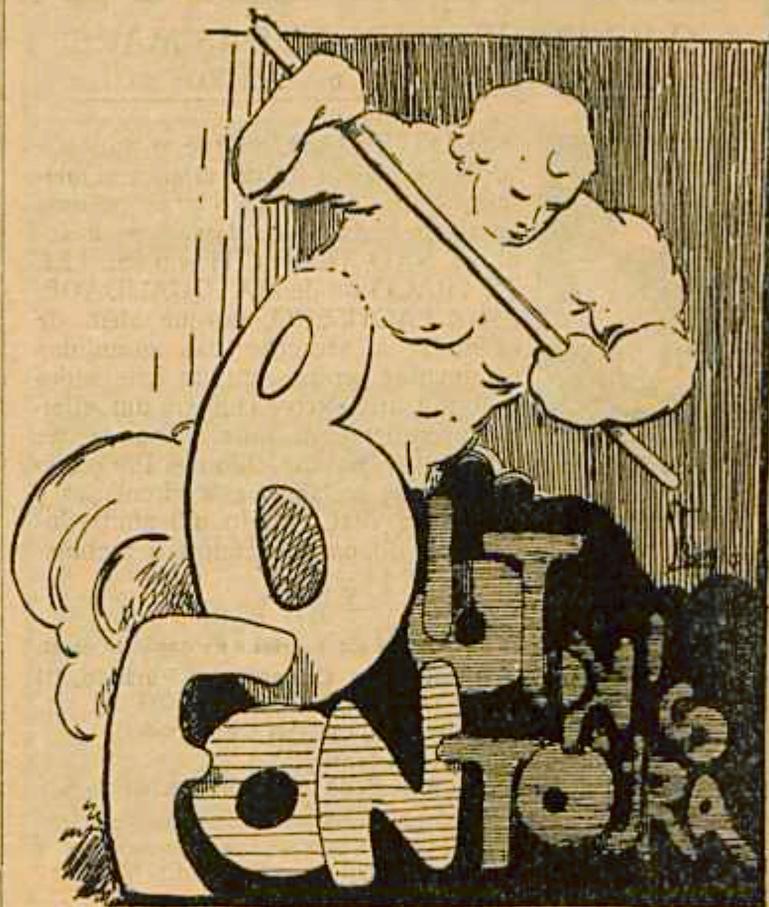
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornec-
e aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem
de Mello, proximo à Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :::

Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora **NÃO TEM LEITE** ou tem **LEITE FRACO** ou de **MA' QUALIDADE**, use o **LACTIFERO**, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcmcias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarlo no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Srs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vossa optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recomendoando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vossa devotissimo

DR. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM. CARNE.
 LACTO-PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO
 RECONSTITUINTE
 GRANADO**

TONICO, NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



EXIJAM A NOSSA
 MARCA



URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinarias.
 Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente do Urotro-
 pina, Lytelol, Neo-Sidonol e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubã. :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro galvani-
sado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo